



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO ANTROPOLOGIA

**Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa:
Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes**

ROSIANE FERREIRA MARTINS

Belém
junho/2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO ANTROPOLOGIA

**Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa:
Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes**

ROSIANE FERREIRA MARTINS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; área de concentração Antropologia, para obtenção do título de Mestre; sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Carmem Izabel Rodrigues

Belém
junho/2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Martins, Rosiane Ferreira

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes / Rosiane Ferreira Martins; orientadora, Carmem Izabel Rodrigues. – 2010.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2010.

1. Brasileiros - Migração - Guiana Francesa. 2. Trabalhadores migrantes - Guiana Francesa. 3. Trabalhadores migrantes - Aspectos sociais. 4. Trabalhadores migrantes - Aspectos econômicos. I. Título.

CDD - 22. ed. 304.89810882

**Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa:
Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes**

ROSIANE FERREIRA MARTINS

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais; área de concentração Antropologia, para obtenção do título de Mestre; sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Carmem Izabel Rodrigues

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Carmem Izabel Rodrigues
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPGCS
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Maria Angélica da Motta Maués
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPGCS
Examinadora interna

Prof. Dr. Samuel P. L. Veissière
University College of the North –UCN (Canadá)
Examinador externo

Prof^a. Dr^a. Diana Antonaz
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPGCS
Examinadora suplente

Belém, 15 de junho de 2010

Para Edinaldo, que compartilhou da realidade dos migrantes comigo na Guiana Francesa.

Para tia Celeste, que esteve presente nos momentos mais difíceis desta trajetória.

Para os migrantes, pela confiança depositada em mim ao trazer em forma de relatos elementos para a construção deste trabalho, na esperança de que ele servirá para mostrar um pouco da realidade vivida pelos clandestinos, que pode ser transposta para outros contextos migratórios

AGRADECIMENTOS

A “aventura” do migrante em terras estranhas, neste trabalho se confunde com a “aventura” da antropóloga. São travessias de diferentes fronteiras, que vão desde as físicas até as sociais, culturais, lingüísticas e étnicas.

Em julho de 2005 desembarquei pela primeira vez na fronteira franco-brasileira, e desde então essa viagem tem trazido variadas experiências; compostas por momentos de extrema felicidade e outros de angústia, dúvidas e incertezas; nos quais encontrei inúmeras pessoas que atravessaram meu caminho e compartilharam um pouco desse “trecho” da vida profissional e pessoal. Por isso devo agradecer a todos.

Agradeço à professora *Rosa Elizabeth Acevedo Marin*, por suas críticas vigorosas na banca de qualificação, fazendo-me rever meus posicionamentos como pesquisadora e nas interpretações acerca do trabalho. Desde a monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais, ela tem contribuído decisivamente para minha formação como pesquisadora, com observações relativas a procedimentos éticos no âmbito acadêmico e científico. Parte da escrita e conhecimento científico devo ao convívio próximo e orientações.

Agradeço à professora *Carmem Isabel Rodrigues*, que tem sido orientadora, amiga, professora e mãe nestes caminhos, auxiliando de todas as formas nas dificuldades, demonstrando confiança no trabalho que desenvolvo e felicidade com as minhas vitórias, que são suas também.

À professora *Cláudia Palheta*, por ter torcido pelo êxito deste trabalho e da carreira, auxiliando na viagem realizada para apresentar trabalho em Portugal.

À professora *Angélica Maués*, pelas observações feitas na banca de qualificação e aulas da disciplina Seminário de Dissertação, que foram fundamentais para a mudança do título do trabalho e revisão de muitas questões referentes à pesquisa.

À professora *Eneida Assis*, que tem confiado e incentivado esta investigação desde os tempos da graduação em Ciências Sociais, trazendo em breves conversas novos questionamentos acerca das questões étnicas e de fronteiras, sobretudo na região do Oiapoque.

Rosangela e Paulo, que desde o dia em que me inscrevi para a prova de seleção neste programa de pós-graduação foram gentis, dedicados, atenciosos e amigos.

À professora *Denise Cardoso*, que demonstra interesse no trabalho e o apóia de variadas formas como coordenadora deste programa.

Ao professor *Samuel Veissière*, com quem compartilhei dúvidas metodológicas, que depois de esclarecidas contribuíram para o amadurecimento deste trabalho.

Aos colegas da turma de 2008 do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, que leram e trouxeram sugestões que contribuíram para melhorar a dissertação ora apresentada.

Aos interlocutores que são decisivos nestes escritos, pois suas representações, relatos, discursos, são a essência desta dissertação.

À minha família: tios, tias, primos, irmãos e principalmente à tia *Celeste* e avó *Engrácia* que durante a vida estiveram ao meu lado aturando, por vezes, minha falta de juízo e viagens repentinas, que as deixavam loucas, mas sabiam essas eram investimentos no conhecimento do campo.

Aos amigos *Jean, Amparo, Dalva*, que me deram abrigo em Caiena.

À *Patrícia Tabournel* e sua família *Jean Michel, Kmil, Olivier, Yves*, que abriram sua casa para me acolher. As conversas com Patrícia foram fundamentais para que eu entendesse parte deste universo tão complexo que é a multiculturalidade na Guiana Francesa.

Ao amigo *Joseph Martin*, que recebeu-me em Roura e mostrou-me um pouco de um outro lado das vivências de brasileiros e “brancos metropolitanos” na Guiana Francesa.

A *Edinaldo Melo*, que foi fundamental para a realização do trabalho com seu companheirismo, amizade, dedicação e empenho para que tudo fosse registrado da forma

mais fiel possível, no intuito de mostrar parte da realidade dos clandestinos na Guiana Francesa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico – CNPQ, que financiou essa pesquisa de junho de 2008 a março de 2010.

E finalmente aos interlocutores; espero ter conseguido contribuir de alguma forma para modificar ou ao menos mostrar um pouco da realidade vivida por um grupo de migrantes que pode ser transposta para outros ao redor do mundo; que as experiências descritas ao longo deste trabalho contribuam para discussões sobre migrações, deslocamentos, diásporas, relações internacionais e fronteira, e assim possa dar voz e visibilidade aos que vivem.

São pessoas que durante todos estes anos tem confiado suas experiências a mim e aberto suas casas e vidas, expondo todas as vitórias e dificuldades, os motivos da migração e os percursos para conseguir a legalização, morar, trabalhar, enfim, viver nesta sociedade composta por diversas identidades étnicas, com uma única finalidade, mostrar sua importância nesta sociedade em que eles existem, embora necessitem fazer-se ocultos.

RESUMO

Nesta dissertação desenvolvo um estudo com migrantes brasileiros na condição de clandestinos que buscam na Guiana Francesa oportunidades socioeconômicas. Os discursos permitem uma reflexão acerca dessa problemática, no campo das representações sociais, como também dos significados de conviver em uma sociedade pluriétnica e multicultural, onde os sujeitos sociais constroem suas identidades baseados, principalmente, no conhecimento – mas não necessariamente no reconhecimento – das diferenças. Elaborei uma etnografia sobre os movimentos dos grupos de brasileiros elencando aspectos econômicos, sociais, culturais e identitários. O objetivo é analisar as experiências dos trabalhadores indocumentados ressaltando os obstáculos enfrentados por eles, as estratégias criadas para transitar na cidade e conseguir trabalho, moradia, alimentação e etc. Tendo como suporte redes migratórias que auxiliam desde a fronteira com o Brasil na cidade de Oiapoque, passando pelo controle policial até a chegada à Caiena.

Palavras-chave: Migração internacional, Brasil e Guiana Francesa, trabalhadores migrantes clandestinos, relações e representações sociais, identidade.

ABSTRACT

This dissertation explores the lives of clandestine Brazilian migrants who seek socioeconomic opportunities in French Guyana. The migrants' discourse is used as a platform to reflect on the field of social representations in this context as well as the meaning of cohabitation in a pluriethnic and multicultural society where social subjects construct their identities from knowledge--without necessarily knowing one another--and difference. This ethnography, then, focuses on economic, social, and identitarian aspects of Brazilian mobility, and aims to analyze the experience of undocumented workers, the obstacles they face, and the strategies they deploy to move in the city and obtain work, food, accommodation, etc. This study builds upon fieldwork undertaken with Brazilian migration networks between the Brazilian border at the city Oiapoque and the police control leading to Cayenne.

Keywords: international migration; Brazil and French Guyana; clandestine migrant workers; social relations and representations; identity

RESUMÉ

Cette dissertation porte sur l'expérience d'immigrés brésiliens clandestins en quête d'opportunités socio-économiques en Guyane Française. Le discours de ces derniers amène à une réflexion autour de cette problématique, plus particulièrement dans le champ des représentations sociales, mais aussi du sens de la cohabitation dans une société pluriethnique et multiculturelle au sein de laquelle les sujets sociaux construisent leurs identités autour de la connaissance--mais pas nécessairement de la reconnaissance--et de la différence. Cette ethnographie porte donc sur les aspects économiques, sociaux, et identitaires du trajet migratoire des brésiliens, et cherche à analyser l'expérience des travailleurs sans papiers ainsi que les obstacles auquel ils sont confrontés et les stratégies qu'ils déploient pour se déplacer en ville et obtenir travail, logement, nourriture, etc.. Cette étude est basée sur des travaux de terrain effectués au sein de réseau d'immigration brésiliens entre la frontière à la ville d'Oiapoque et la ville de Cayenne en passant par divers contrôles policiers.

Mots-clés: migration internationale; Brésil et Guyane française; travailleurs immigrés clandestins; relation et représentations sociales; identité

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AM – Amazonas

AP – Amapá

CAF – *Caisse d'Allocations Familiales*

CSG - Centro Espacial Guianês

DUF – Departamento Ultramarino Francês

UE – União Européia

EUA – Estados Unidos da América

INSEE - *Institut National de la Statistique et des Études Économiques*

MA – Maranhão

PA - Pará

PAF - Polícia Auxiliar de Fronteira

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: migrantes brasileiros em situação clandestina, no momento de pausa para refeição no canteiro de obras onde trabalham como operários, no centro da cidade de Caiena. As refeições eram preparadas e levadas por uma pessoa conhecida dos trabalhadores, e consumidas durante a ausência do patrão _____ 18
- Figura 2: mapa da Guiana Francesa _____ 29
- Figura 3: carros que comercializam sanduíches na *Place des Palmistes* _____ 35
- Figura 4: veículo de propriedade de um brasileiro, com propaganda de um guaraná chamado Guaraná _____ 36
- Figura 5: caixas de correio de famílias de brasileiros migrantes, ao fundo algumas casas de migrantes em um bairro periférico de Caiena. _____ 43
- Figura 6: reportagem do jornal *France Guyane*, em relação à cota de deportações estipulada pelo governo francês para o ano de 2006 _____ 81
- Figura 7: barraca de comercialização de comidas típicas brasileiras montada em uma festa realizada pela prefeitura de Caiena no ano de 2005 para comemorar a “integração” entre os diversos grupos de migrantes moradores da Guiana Francesa. _____ 97

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	15
---------------------	----

Capítulo I

Representações de migrantes clandestinos na Guiana Francesa: algumas considerações sobre o convívio em campo	18
--	----

1.1 – Classificações e fronteiras: alguns aspectos relevantes sobre relações e representações Sociais	23
---	----

1.2 Algumas considerações sobre o campo	26
---	----

Capítulo II

A casa como “lugar” de relações sociais: um retrato das experiências de migrantes	43
---	----

2.1 - A casa delas: espaço identitário ou de tolerância mútua?	44
--	----

2.2 – “Porto seguro” ou a casa dos <i>sem-lugar</i> ?: diferentes perspectivas da noção de lugar no espaço da casa	50
--	----

2.3 - A sociabilidade em constante tensão: cotidiano de uma intimidade motivada pela necessidade	54
--	----

2.4 – Casas de Clandestinos: espaços de sociabilidades	68
--	----

Capítulo III

Trajatórias de trabalhadores clandestinos: estratégias de inserção	72
--	----

3.1 – “O imigrante é necessariamente uma força de trabalho”	73
---	----

3.2 – “E aí, tem gente passando?”: trajetos e trajetórias de travessias de migrantes	78
--	----

3.3 – Do controle ao encontro com o outro: relatos de experiências na prisão a estratégias de vida	85
--	----

3.4 – o cotidiano e as relações de trabalho	90
---	----

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Capítulo IV

Migrantes brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: alteridades e fronteiras _____	97
4.1 - Estrangeiro ou migrante: faces do trabalhador clandestino _____	98
4.2. Transpondo Fronteiras: construção de estratégias _____	107
4.3 Migrantes na Guiana Francesa: fronteiras identitárias em construção _____	110
4.4 - A força de trabalho oculta: o sentimento de estar clandestino _____	116
Conclusão _____	122
Referências _____	127
Anexo _____	132

APRESENTAÇÃO

A região amazônica apresenta-se de múltiplas formas no imaginário mundial, expressando-se como área de diversidade ambiental e cultural. Essa variedade se amplia consideravelmente quando se fala da Guiana Francesa. Os deslocamentos humanos em direção a este pedaço de França na Amazônia revelam uma sociedade marcada por construções de alteridades e fronteiras étnicas, sociais, políticas, culturais e linguísticas, que fazem com que nesta pequena extensão de terra convivam e construam representações – de si e dos outros – centenas de grupos de migrantes de diferentes países.

Aqui desenvolvo um estudo com migrantes brasileiros na condição de clandestinos que buscam no departamento francês oportunidades socioeconômicas. Os discursos permitem uma reflexão acerca dessa problemática, no campo das representações sociais, como também dos significados de conviver em uma sociedade pluriétnica e multicultural, onde os sujeitos sociais constroem suas identidades baseados, principalmente, no conhecimento – mas não necessariamente no reconhecimento – das diferenças.

O estudo de campo permitiu a observação de situações e relatos sobre as diversas questões que envolvem os migrantes brasileiros em relação com os “outros”, demonstrando suas representações sobre o que significa ser (re)conhecido como brasileiro clandestino. A partir desta leitura foi possível interrogar-me acerca dos trajetos percorridos para transpor as diferentes fronteiras encontradas por eles no processo de migração.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

A temática das representações sociais apresentou-se como questão crucial, uma vez que elas são formuladas com frequência em interações do tipo aqui analisado. Interpretei que a resposta para as perguntas residia nas percepções de si e do outro; como se vive e de que modo esta vida é representada entre aqueles que estão na Guiana e exposta para os que permanecem no país de origem? Condição extensiva aos diversos grupos.

Observei que os não legalizados constantemente narravam situações que demonstravam significados diferentes em relação às experimentadas por aqueles que possuem o status de legalizados; interpretei que estas narrativas desempenham papel fundamental na elaboração de imagens e representações de si e do “outro”.

Os dados e análises apresentados nesta dissertação são baseados, sobretudo em pesquisa etnográfica, assim sendo, este trabalho divide-se em quatro capítulos, conclusão e referências bibliográficas.

O primeiro capítulo da dissertação apresenta uma breve narrativa de como ocorreu a inserção neste campo, quais motivos levaram-me a escolher a temática das relações e representações sociais entre migrantes em situação clandestina na Guiana Francesa, descrevendo parte das experiências de campo como o convívio, dificuldades encontradas ao realizar a investigação e desdobramentos da pesquisa.

O segundo capítulo aborda as relações sociais no espaço da casa, onde os migrantes clandestinos alugam lugares para viver e se constitui como um primeiro espaço das relações estabelecidas por eles na Guiana Francesa. São espaços onde os clandestinos representam-se frequentemente como pessoas “sem lugar”, no sentido antropológico (Augé, 1994). Nestas casas são traçadas estratégias de vida, articuladas às redes sociais e estruturas de poder, conflito, solidariedade e sociabilidades podem ser vivenciadas plenamente. É um espaço onde as mulheres exercem influência e domínio maior, assim, utilizam-se, por vezes, da sua condição para traçar táticas que revelam situações de superioridade de gênero.

No terceiro capítulo, *Trajetórias de trabalhadores clandestinos: estratégias de inserção*, apresento as trajetórias dos trabalhadores migrantes na Guiana Francesa a partir de relatos de suas experiências. A finalidade é entender as identidades construídas

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

por esses migrantes, que são representados como clandestinos. A reprodução das narrativas tem como objetivo destacar as experiências em relação à viagem, o controle policial, as relações sociais, a procura de trabalho, dentre outras questões enfatizadas pelos migrantes. O que para os sujeitos pesquisados significa ser um migrante clandestino, em fronteiras translocais, transnacionais. Sujeitos deslocados?

No quarto capítulo examino como as migrações contribuem para re-arranjos das relações familiares e sociais, além da construção de novas identidades, elaboro uma reflexão acerca do mundo contemporâneo em uma análise sobre os sentidos de ser classificado como migrante e/ou estrangeiro e um processo de construção de estratégias que marcam a vivência cotidiana. As relações entre migrantes de diferentes países, e a construção de espaços de sociabilidade marcados pela diversidade revelam identidades e percepções acerca das relações de conflito, solidariedades, alteridades entre o **eu** (clandestino) e o **outro** na cidade.

E, finalmente, a Conclusão e as Referências Bibliográficas.

CAPÍTULO I

Representações de migrantes clandestinos na Guiana Francesa: algumas considerações sobre o convívio em campo

“Só se aceita emigrar (...) só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro, com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução”.

Sayad (1998)



Figura 1: migrantes brasileiros em situação clandestina, no momento de pausa para refeição no canteiro de obras onde trabalham como operários, no centro da cidade de Caiena. As refeições eram preparadas e levadas por uma pessoa conhecida dos trabalhadores, e consumidas durante a ausência do patrão.

Foto: Rosiane Martins/2007

CAPÍTULO I

Representações de migrantes clandestinos na Guiana Francesa: algumas considerações sobre o convívio em campo

Desde o ano de 2004 envolvi-me com a Guiana Francesa¹, conheci histórias de brasileiros que haviam emigrado para lá em busca de trabalho; no entanto não conhecia bem onde localizava-se ou o que eram as Guianas², por vezes a confundia com o Suriname, país fronteiriço, de onde se ouvem inúmeros relatos de tráfico de pessoas e violências em áreas urbanas e de garimpo; entretanto meus conhecimentos acerca da região esgotavam-se neste ponto.

A curiosidade por conhecer as trajetórias dessas pessoas se confundiu com minha realidade. Meu marido, à época, havia perdido o emprego em Belém e decidiu, com o incentivo de um amigo, tentar a vida de migrante em terras francesas, sua trajetória foi semelhante à da maioria dos brasileiros com quem tive contato como interlocutores.

Em Belém ele trabalhava em uma das muitas lojas do comércio varejista. Com a perda do emprego decidiu que deveria tentar a vida na Guiana Francesa, entusiasmado com as possibilidades de rapidamente obter bons rendimentos que permitissem a compra de uma casa ou a montagem de um negócio próprio. Embarcou rumo à cidade de Oiapoque sem conhecer a língua, cultura e atividades nas quais poderia trabalhar; levou como bagagem somente a força de trabalho e sonhos de prosperidade. Narrava com frequência em longos telefonemas as dificuldades vivenciadas na migração. No entanto demonstrava que as dificuldades o faziam desejar com maior intensidade a vitória, como legitimação da decisão.

¹ A Guiana Francesa é um Departamento Ultramarino Francês, e está situada no Planalto das Guianas. Faz fronteira com o Suriname, a oeste; e com o Brasil a leste (pelo rio Oiapoque) e ao sul (pelo maciço Tumucumaque). Ocupa uma área de aproximadamente 90.000 km. Conta com uma população de legalizados em torno de 208.171, de acordo com dados do INSEE (Institut national de la statistique et des études économiques), de janeiro de 2010.

² A região das Guianas tem sua composição formada pela Guiana Francesa, República Democrática da Guiana, conhecida como Guiana (ex-inglesa) e pelo Suriname (ex-Guiana Holandesa).

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Então, em 2005, optei por realizar a pesquisa de conclusão do curso de Ciências Sociais nesta área, analisando as relações de trabalho e identidade entre migrantes na Guiana Francesa, mais especificamente em Caiena, a capital. Neste estudo investiguei o cotidiano de trabalhadores brasileiros, à luz das teorias elaboradas pelas ciências sociais, estudando questões referentes ao trabalho e desemprego, levando em consideração a situação sócio-econômica dos grupos na região amazônica. Era necessário conhecer: quem migra? Porque migra? Em que condições transcorre a existência como migrante? Que relatos são construídos e que processos identitários marcam a experiência de vida? Estas questões foram fundamentais para abordar o objeto.

Este estudo estendeu-se ao mestrado. Neste estágio propus uma pesquisa acerca das relações e representações sociais entre os migrantes brasileiros que vivem em situação clandestina, com foco nos residentes em Caiena e cidades próximas.

A decisão de sair de Belém, sozinha, realizando o trajeto semelhante ao da maioria dos migrantes que ingressam clandestinamente na Guiana Francesa, foi uma estratégia importante para conhecer, como uma experiência de campo, os caminhos percorridos por eles.

Assim, na primeira vez, fui de avião de Belém para Macapá, no vôo que sai às 00:30h, em uma viagem que dura em média quarenta e cinco minutos, passei a noite sentada em uma desconfortável cadeira no aeroporto da capital amapaense esperando que amanhecesse para seguir o trajeto.

Às seis da manhã dirigi-me ao terminal rodoviário, onde fui informada, pelo balconista da empresa que realiza o transporte para a região de fronteira, que o ônibus para a cidade do Oiapoque sairia somente às dezoito horas, eu teria que esperar por mais doze horas, e economizava o máximo que podia, pois custaria caro a estada em território francês. Foi quando se aproximou de mim um homem perguntando se eu desejava ir para a fronteira, pois ele fazia este transporte e já havia dois passageiros esperando para o embarque, faltavam mais dois para que a lotação do automóvel fosse completada e partisse.

Resolvi confiar no “desconhecido”, como tudo nesta viagem; e pelo preço de cem reais fui a Oiapoque dividindo espaço com uma jovem, que narrou trabalhar em

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

uma área de garimpo na Guiana Francesa como prostituta; dois homens, um maranhense que iria para Calçoene, uma cidade às margens da estrada do Oiapoque; e outro amapaense que se dirigia para Caiena, dizia exercer a atividade de mecânico na capital, contudo estava clandestino. Aliás, dos cinco ocupantes do carro, três já haviam ido ao menos uma vez de maneira clandestina para a Guiana Francesa³, conheciam bem os movimentos da clandestinidade. Chegamos às seis da tarde na cidade do Oiapoque e ali permaneci por algum tempo, hospedada em um hotel barato, ao custo de trinta e cinco reais.

Na manhã seguinte conheci a fronteira do Brasil com a França; uma fronteira aparentemente desprotegida e cheia de tensão. Nela pessoas articulavam, planejavam maneiras de ingressar clandestinamente no Departamento Ultramarino Francês (DUF) em direção às diversas áreas de garimpo ou cidades francesas na Amazônia. Os catraieiros⁴, em suas pequenas canoas movidas a motor de popa, insistiam para fazer o transporte para “o outro lado”. Misturados entre os carregadores de malas estavam os ladrões; em relação a estes eu precisava redobrar meus cuidados com as bagagens, isso porque era minha primeira vez onde começa ou talvez termine o Brasil.

Pessoas cambiavam euros e reais, algumas casas comercializavam ouro, camelôs vendiam produtos falsificados (CDs, DVDs) e diversos motoristas ofereciam viagens para Macapá em caminhonetes com tração 4x4, veículo apropriado para enfrentar “a estrada do Oiapoque”. Este movimento marcava o cotidiano da fronteira no lado brasileiro.

Enquanto em *Saint-Georges du Oyapoque*, a primeira cidade do departamento francês, observei um lugar que apresenta muita semelhança com o lado brasileiro em relação ao clima e vegetação. Entretanto esta é uma das poucas similaridades entre os territórios. As construções e a infra-estrutura local diferem, casas com arquitetura tradicional, denominadas *Maison créole*, ruas pavimentadas e poucas pessoas caminhando pelas vias.

³ Na redação da dissertação, de acordo com o desenvolvimento da escrita, utilizo os seguintes termos para referir-me à Guiana Francesa: Guiana, Departamento Francês, Departamento Ultramarino Francês, Departamento Francês de Ultramar, Amazônia francesa ou DUF.

⁴ Denominação atribuída aos homens que fazem o transporte de pessoas e mercadorias entre os dois países pelo rio Oiapoque; o custo da passagem por passageiro é de dez reais ou quatro euros, enquanto o quilo de mercadoria orça em dois reais.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Sentei-me em um pequeno banco, embaixo de um *carbet*⁵, às margens do rio Oiapoque, no lado francês, e iniciei-me nesta realidade. A sensação de igualar-me aos outros migrantes fez-se mais presente; estava prestes a realizar uma seqüência de travessias (culturais, lingüísticas, econômicas, geográficas) e começar a olhar para o que interpretei não apenas como o encontro com o objeto de pesquisa eleito, mas o ponto de chegada desta fronteira de experiências; onde eu era uma migrante brasileira, sujeita a todos os preconceitos e estigmas atribuídos à presença feminina nesta região. Seria representada e representaria.

Interagi com diferentes matizes étnicos e fenotípicos, com os quais, com o tempo, consegui negociar. Vi culturas, idiomas e identidades étnicas distintas; fisionomias totalmente estranhas aos olhos, experimentando, neste encontro com o outro, uma série de novas questões que permitiram construir as minhas interpretações acerca do objeto proposto.

Ali mantive contato muito próximo com a problemática dos brasileiros em situação clandestina, esse foi o primeiro passo para a construção desta dissertação. Após observar inúmeros episódios envolvendo esse grupo no Departamento, percebi que sua condição frequentemente se apresentava como um estágio experimentado pela maioria dos migrantes, raros eram os casos de trabalhadores brasileiros que fixaram residência naquele DUF sem antes terem passado pela condição de clandestino.

Assim, ouvi repetidas vezes narrativas de viagens (chegadas e deportações), estabelecimento de residência, aprendizado da língua, o encontro com a polícia e estratégias para permanecerem na Guiana Francesa, de preferência como legalizados. Questões que servem para compor esse quadro de influência mútua entre as várias culturas, línguas e territorialidades em um processo constante de construção de alteridades.

⁵ Uma pequena cabana ou quiosque feito de madeira e coberto com telhas de barro, localizado em frente ao porto de onde saem as catraias rumo ao Brasil.

1.1 Classificações e fronteiras: alguns aspectos relevantes sobre relações e representações sociais

Entender como as relações sociais são estabelecidas e envolvem o migrante em processos de interação nos quais surgem identidades múltiplas, acionadas de acordo com a ocasião, embora essas relações por vezes não possam competir em igualdade. Woodward (2000, p.21) indica que “a migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades”.

Nesse sentido, Bourdieu (2008, p.446) avalia que a construção da identidade étnica está baseada em um processo de conhecimento e reconhecimento. O autor afirma que os vários grupos se classificam e classificam o outro como sinal de distinção; essas classificações revelam a maneira como se concebe a identidade social, em múltiplos processos de identificação que ressaltam atribuições, algumas vezes interesseiras, ou ainda, privilegiando ou depreciando certo grupo de acordo com a situação. Assim as identidades sociais algumas vezes são estigmatizadas conforme as representações mentais que cada grupo faz de si e atribui ao outro.

Os vários grupos de migrantes que vivem na Guiana Francesa utilizam-se das representações sociais para criar um contexto de afirmação da sua identidade social e cultural, eles encontram nestas classificações uma forma de reivindicar direitos sociais e políticos, ainda que essas representações sejam elaboradas de forma diferente por cada grupo, deste modo os que estão classificados como clandestinos na maioria das vezes se representam de forma inferiorizada, inclusive em relação aos legalizados.

São construções simbólicas que influenciam na estrutura da sociedade, na forma como a organização social é elaborada. Cardoso de Oliveira (1976, p.36) discute, a partir de Barth, o processo de construção da identidade étnica de forma situacional e contrastiva, destacando também que o compartilhamento de uma história, de um

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

passado comum e de símbolos de identificação variáveis (étnicos, lingüísticos, culturais, nacionais) são traços de auto-identificação e oposição que, por sua vez, configuram-se como instrumentos, ou seja, elementos utilizados para a composição e/ou delimitação grupos étnicos.

Em outro artigo (2006), onde discute a questão das identidades nacionais em situação de fronteira, o autor focaliza as interações sociais entre grupos de migrantes e as sociedades envolventes, para entender as articulações entre identidade, etnicidade e nacionalidade (p.90). A análise da identidade catalã, forjada num ambiente compartilhado com galegos, bascos, castelhanos, e “outros” migrantes, na cidade de Barcelona, assim como o estudo de Ribeiro (1998) sobre os migrantes brasileiros na Califórnia, confundidos com “hispanicos” dentro da classificação étnica local, permitem a Cardoso de Oliveira teorizar sobre as possibilidades de “etnização de identidades nacionais”, pois, como constatou Ribeiro, as identidades regionais brasileiras passam a ser englobadas pela população hospedeira não como brasileiros mas como hispanicos, uma identidade étnica” (Cardoso de Oliveira, 2006, p.91-92).

Essas representações coletivas, operacionalizadas como um sistema de classificações reproduzidas em contextos específicos de interações e conflitos entre diferentes grupos, geram alguns espaços e condições necessárias para a demarcação de variadas fronteiras sociais e culturais. Na Guiana Francesa as percepções acerca do contexto social e o conjunto de classificações revelam relações movidas por solidariedades, interação e conflitos entre os diferentes grupos de migrantes ou internamente em relação aos sujeitos classificados como pertencentes a um mesmo grupo (étnico, social, cultural, nacional, etc.). Assim, a contribuição de Barth (1998[1969]), ao analisar as relações entre diferentes grupos e povos por meio de fronteiras étnicas e culturais revela essa nuance de relações entre os grupos, desde a interação até os conflitos. Nessa perspectiva o autor avalia que os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelo grupo em relação aos outros. Tendo como uma das características principais a organização social a partir de

“[...] sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo de vida em geral; e orientações de valores fundamentais – os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas” (p. 194).

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Esses processos de reconhecimento e de auto-identificação fundamentam-se, sobretudo em fronteiras sociais criadas por cada grupo. Em sociedades avaliadas como transnacionais essas características são acentuadas, tornando-se campo propício para reflexão acerca de questões como contato, conflito, identidade, alteridade, cultura e redes sociais.

As fronteiras são tênues e necessitam de um olhar bastante criterioso para serem avaliadas. Considero que, na posição de pesquisadora, o confronto com esse universo expôs-me a uma série de novos significados, desvendados durante a produção do trabalho; a utilização da etnografia como aspecto metodológico revela um olhar interpretativo onde o pesquisador elege quais informações lhe parecem pertinentes para a análise e define o recorte mais adequado, de acordo com sua proposta, para a investigação. Clifford (1998, p. 25), em uma crítica acerca da autoridade etnográfica destaca que as subjetividades da escrita, no momento em que o antropólogo analisa e transpõe suas experiências para o texto, revelam que a discussão é principalmente um reflexo da leitura que o pesquisador tem do seu campo.

“Se a etnografia produz interpretações culturais através de intensas experiências de pesquisa, como uma experiência incontável se transforma num relato escrito e legítimo? (...) O processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor. (...) a escrita etnográfica encena uma estratégia específica de autoridade” (p.21).

Ao analisar os procedimentos do pesquisador em campo e as relações de confiança elaboradas Bourdieu (1999) revela que há a necessidade, algumas vezes, de modificação de nomes, ocupações, moradias e outros elementos que possam identificar os integrantes do grupo pesquisado, na tentativa de protegê-los, sem no entanto ocultar suas narrativas.

Neste trabalho, por alguns momentos a escrita pode parecer tendenciosa para o grupo. No entanto, ressalto que os dados foram atentamente analisados e discutidos em um processo de interação com os interlocutores, que trouxe um compromisso ético com o grupo. Senti-me na obrigação de dissertar respeitando suas falas como forma de

agradecimento pela confiança e respeito que havíamos construído mutuamente. Considerei que o trabalho exigia essa posição. Os nomes dos interlocutores e os lugares onde vivem e trabalham foram modificados, com o intuito de preservá-los. A dissertação apresenta um número reduzido de imagens, como uma maneira de não expor os migrantes clandestinos e legalizados que davam suporte para a sua permanência zelando pela relação estabelecida entre pesquisadora e interlocutores.

1.2 Algumas considerações sobre o campo

Na dissertação ora apresentada, pretendi apresentar uma escrita baseada nas realidades dos migrantes, com objetivo de descrevê-los como sujeitos sociais que constroem, contribuem com o seu trabalho para o crescimento local e influenciam na organização social no contexto local, trazendo da sua cultura hábitos, palavras, comportamentos que são incorporados à cultura guianense. A etnografia ora apresentada pretende-se como um retrato social e antropológico acerca das experiências dos migrantes, refletindo sua historicidade, relações de pertencimento e identidade que marcam seus caminhos.

A preocupação em estranhar o familiar (DaMatta, 1978) refletia uma das maiores inquietações. Esse estranhamento foi facilitado no contexto analisado por tudo ser novidade; logo na chegada, em Saint-Georges, encontrei uma senhora acompanhada por um jovem rapaz e duas crianças, estavam com os corpos totalmente pintados, pertenciam a uma das diversas etnias indígenas existentes naquela região, dividiam um pequeno espaço onde transitavam também policiais franceses, alguns “crioulos guianenses”, brasileiros e chineses.

Este contato preliminar com diferentes grupos permite compreender como ocorrem as relações sociais e são construídas as identidades nesta sociedade pluricultural. Onde as representações acerca dos outros com frequência é estereotipada; os chineses e libaneses aparecem como donos de pequenos mercados e lojas, respectivamente, os franceses como funcionários do Estado, os haitianos como os

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

limpadores de ruas e os brasileiros como os trabalhadores da construção civil. Embora vários integrantes destes grupos exerçam funções em outros segmentos que não estes, eles constantemente são vistos nos discursos desta maneira.

O grupo dos brasileiros procura recriar estruturas que reflitam no cotidiano a existência de um ambiente aproximado ao encontrado no Brasil; as atividades de lazer, o futebol, as festas e a televisão com programação brasileira, captada por antenas parabólicas, trazem a sensação de um ambiente aproximado daquele encontrado na terra natal, e contribuem para constituir uma identidade sociocultural do grupo no DUF.

Por outro lado, auxiliam em certo grau o afastamento dos brasileiros das atividades culturais da sociedade local, embora essa segmentação seja percebida entre os demais grupos de migrantes que vivem na Guiana. Muitos têm dificuldades para se comunicar em língua francesa e poucos falam ou escrevem com fluência o idioma; logo precisam de intermediários para reivindicar direitos sociais, assistência médica, inscrição em escolas e outros benefícios sociais. Alguns relatam que preferem permanecer nas casas e sair apenas em situações de extrema necessidade, pois os diálogos com pessoas que falam a língua francesa são difíceis. Estas barreiras fazem muitos migrantes isolarem-se ou procurarem o convívio com pessoas de nacionalidade igual, como fuga para a complexa relação de contato entre elas e os outros.

Durante a investigação a reprodução de inúmeras informações da cultura nativa possibilitou-me uma interação maior com os brasileiros, que demonstraram, apesar das adversidades percebidas ao longo do trabalho, grande receptividade em trazer, por meio de relatos, experiências vividas, passagens relevantes para a construção desta dissertação. Ser uma brasileira vinda da região norte, e com características socioculturais compartilhadas pela maioria facilitou a conquista da confiança dos interlocutores.

A pesquisa foi realizada com um grupo de migrantes brasileiros que reside na Guiana Francesa (figura2), a maioria na cidade de Caiena, enfatizando sua participação, mesmo que muitas vezes oculta, nas atividades laborais (especialmente nos canteiros de obras) e nas unidades residenciais, e ainda em alguns espaços públicos (bares, praças)

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

que se atrevem a frequentar, com todos os riscos que decorrem de sua condição clandestina.

Interpretei que as representações construídas nestas relações revelariam conflitos, estigmas, ocultação das condições de vida e de um projeto de retorno, com metas⁶ traduzidas em vitória que, dificilmente, se realizava.

Diversos deles narraram que a ausência da terra natal deixava uma lacuna irrecuperável, como o desconhecimento das etapas de crescimento dos filhos e muitas vezes a desarticulação familiar e matrimonial. Contudo, seriam riscos assumidos com a distância, na vida como migrante. A rentabilidade financeira seria um estímulo à permanência no Departamento, em uma trajetória que justificar-se-ia, para a maioria, pela possibilidade do retorno, que não poderia ser de “mãos vazias”, ou seja, essa migração é realizada na medida em que o emigrante deixa sua casa em busca de melhoria socioeconômica para aqueles que ficam, na maioria das vezes a família. Essa decisão faz com que grande parte se empenhe em conseguir enviar altas remessas em dinheiro para a família e acumular valores que possam realizar as aspirações levadas durante a partida.

⁶ Entre as metas as mais comuns estão: adquirir dinheiro para retornar ao Brasil e montar um negócio próprio, comprar um imóvel ou automóvel.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes



Figura 2: Mapa da Guiana Francesa
Fonte: www.map.com

Vários trabalhos permitem avaliar essa questão ao redor do mundo, entre eles a análise de Sales (1994) no tocante aos migrantes brasileiros que vivem nos Estados Unidos. A autora analisa que as migrações de brasileiros para o exterior, especialmente Estados Unidos depois de 1980, poderiam ser interpretadas como resultado dos anos de crises econômicas enfrentadas pelo país. O deslocamento seria uma decisão racional, pois o migrante sente-se atraído por locais onde imagina ter melhores condições de vida.

Sayad (1988) observou as experiências de migrantes argelinos para a França, em uma análise que considera primeiro a motivação econômica para o deslocamento.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

No entanto, discorre acerca dos outros fatores que os incentivam nessa migração. Aspectos sociais como: condições existentes na terra natal, que os levam a migrar em um deslocamento que se aproxima de uma diáspora, desde que muitos dos seus antepassados vêem na França a oportunidade de sair da estagnação que julgam ser o lugar onde vivem; em um processo de idealização do lugar de migração, neste caso a França. Essa representação contribuiu para a criação de um imaginário coletivo dos aspectos positivos da migração, embora o migrante se depare com outra realidade ao desembarcar na França. As redes sociais permitem uma estruturação básica para o migrante recém-chegado, mesmo que por vezes este conclua que a terra onde é migrante oferece a sensação estar em um “exílio”.

Gaudemar (1977) trabalhou com os migrantes que buscam oportunidades de trabalho na França, em uma análise que considera a circulação dos migrantes e suas respectivas forças de trabalho como um momento da submissão do trabalhador às exigências do mercado. Essa avaliação percebe-o como sujeito disponível às instabilidades das crises e do capital; assim ele se desloca buscando, em diferentes atividades, o que lhe permite visualizar, neste deslocamento, alguma possibilidade de melhores rendimentos.

Silva (1997), por sua vez, faz uma análise etnográfica entre os bolivianos em São Paulo, descrevendo trajetórias de trabalhadores nas fábricas de confecções e o processo de construção de identidades, inserção aos parâmetros da sociedade de imigração e sociabilidades exercidas por eles no espaço da cidade.

Nestes estudos as realidades de trabalho, moradia e redes sociais entre migrantes se aproximam bastante, revelando processos sociais onde as etapas de recém-chegado a “patrão”, como categorias de status conseguidas ao longo da trajetória, significam o ápice nos projetos traçados na partida. Mesmo que a maioria necessite viver por longos períodos em habitações precárias, passar extensas temporadas longe da família e da terra natal, ou sujeitar-se a intensas jornadas no intuito de acumular dinheiro suficiente para a realização dos sonhos.

Algumas pesquisas se debruçam sobre as migrações na Guiana Francesa, dentre as quais destacam-se a dissertação de Ronaldo Arouck (2002) sobre os processos de

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

construção de alteridades entre os brasileiros no Departamento Francês, ressaltando as trajetórias dos migrantes em uma reflexão acerca da construção de alteridades entre os migrantes, discutindo os percursos da migração de brasileiros para o departamento, bem como as negociações traçadas por eles para demarcar sua presença.

O trabalho de Cleaver (2005) é pautado em torno da construção do sentido de nação, com base na visão dos guianenses considerados creóles; a autora discute a existência de uma identidade créole entre esse grupo no departamento francês. É uma identidade acionada para legitimar ou demarcar sua presença. Embora seja uma abordagem voltada para um grupo que não é migrante, ela abarca aspectos das relações sociais e criação de identidades no DUF, pois convivem nesta sociedade com migrantes estabelecidos, clandestinos, e outros “nacionais” que assumem identidades múltiplas.

Nos dois contextos, “nacionais” e migrantes desenvolvem negociações baseadas em interações e classificações do outro. Nessas situações a diversidade se constitui como princípio para a construção de novas identidades, especialmente porque o departamento francês é intensamente marcado por misturas de culturas, línguas e diversidades pelas quais todos transitam.

Outro trabalho importante em relação à migração de brasileiros para a Guiana é a tese de Manoel Pinto (2008), onde ele aborda as relações de trabalho de brasileiros. O autor faz uma reflexão sobre como as migrações internacionais, nos tempos atuais, colaboram para “excluir e incluir marginalmente” trabalhadores brasileiros que vivem na Guiana Francesa. De acordo com a sua análise, o aumento do desemprego em escala mundial, a exigência de qualificação, a dificuldade para a reinclusão no mercado, a inclusão marginal, contribuem para esse quadro.

Apesar de estes estudos oferecerem sua contribuição para as discussões em torno das diversas problemáticas existentes nessa sociedade com características transnacionais e interculturais, envolta em questões multiétnicas, apesar de tudo isso algumas questões ainda são pouco conhecidas por grande parte das pessoas, em especial as relativas aos clandestinos, embora essa seja uma das mais constantes e delicadas.

Em conversas preliminares acerca do trabalho, realizadas na cidade de Belém ou outras cidades, observei que as pessoas desconheciam o que significava a Guiana

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Francesa dentro de um contexto migratório global, e suas influências em relação às construções de identidades. A maior parte revelava surpresa ao saber a multiplicidade de migrantes que vivem no DUF, como uma forma de desconhecimento do contexto regional. Avalio que as dificuldades para ingressar no departamento e a variedades de nacionalidades e identidades sociais, culturais e étnicas, contribuem para a existência destes raros trabalhos acerca das relações sociais no departamento francês.

O objetivo desta dissertação é descrever parte do universo migracional, avaliando a organização social e as relações de sociabilidade entre migrantes em situação clandestina, no contexto da construção e reafirmação de identidades e fronteiras, considerando as teorias elaboradas pela antropologia, para compreender práticas cotidianas, assumidas ou ocultas, no desenvolvimento das relações. Examinio as lógicas e padrões de comportamento dos migrantes por meio de relatos sobre suas experiências.

O recorte realizado na abordagem proposta é relativo a um período recente, pela necessidade de análise desse processo recorrente que leva diariamente muitos brasileiros para o departamento francês na América do Sul.

O perfil que caracteriza o grupo de migrantes que se dirige para a Guiana Francesa é de pessoas com reduzido grau de escolaridade (muitos não concluíram as séries iniciais do ensino fundamental), vindas de países fronteiriços, outros do Caribe e diversos asiáticos e africanos. Destacando-se os migrantes do Suriname, República Democrática da Guiana (antiga Guiana Inglesa), Laos, China, Indochina, ilha de Java, Congo, Camarões, Peru, Bolívia, Venezuela, República Dominicana, Haiti, Argentina e Brasil.

Grande parte dos brasileiros é oriunda das regiões norte e nordeste, pertencentes, principalmente, às camadas populares, com idades variando entre 25 e 50 anos; são homens e mulheres, a maioria com filhos. Desempenham atividades profissionais como: trabalhadores braçais, agricultores, pescadores, garimpeiros, carpinteiros, pedreiros, marceneiros, eletricitas, encanadores, serralheiros, mecânicos, vendedores autônomos,

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

manicures, empregadas domésticas, babás, cabeleireir@s, dançarin@s, garçonetes, acompanhantes de bar⁷, prostitutas, cozinheiras.

A pesquisa de campo que oferece embasamento metodológico a esta dissertação foi sendo realizada ao longo de cinco anos, dividida em duas fases, a saber: a primeira, desenvolvida em visitas à Guiana Francesa nos anos de 2005, 2006 e 2007, trouxe elementos para a construção da monografia de conclusão de curso, elaboração do projeto de pesquisa para o mestrado e a dissertação. A segunda teve seu início em fevereiro de 2010 e foi concluída em abril do mesmo ano, propondo-se a revisar dados etnográficos, com a finalidade de observar aspectos que poderiam ter-se modificado ao longo da pesquisa, como as situações de interação entre indivíduos e/ou grupos envolvidos no processo de imigração clandestina.

Durante as viagens ao campo realizei diversas entrevistas com migrantes na condição de clandestinos e legalizados que vivem na Guiana Francesa por diferentes períodos de tempo, alguns residiam há mais de trinta anos e outros recém-chegados ao Departamento Ultramarino Francês. A opção por entrevistas de natureza semi-estruturada foi justificada pelo fato de que a variabilidade de situações e experiências dos migrantes tornaria difícil padronizar questionários. Além disso não pretendia impor conceitos ou categorias aos interlocutores, mas deixá-los o mais à vontade possível para discorrerem acerca da situação na qual se encontravam e o seu cotidiano.

As entrevistas permitiram observar situações cotidianas, facilitada pela opção de serem efetivadas em espaços diferentes: locais de trabalho (obras em construções para os homens); residências (casas com quartos e lugares para alugar); praças, bares e boates (locais de danças e paqueras e, em parte, de trabalho para os empregados, a maioria mulheres que exercem como atividade a prostituição ou acompanhantes de bar).

Com base em observações junto aos trabalhadores em situação clandestina na cidade de Caiena e alguns na de Oiapoque, foi possível sistematizar experiências individuais e diversas situações coletivas que revelam atitudes em relação ao “outro”,

⁷ São denominadas acompanhantes de bar, algumas mulheres que recebem do dono do estabelecimento, um valor médio de 300,00 (trezentos euros) mensais, para permanecer no bar e incentivar os clientes a gastarem uma soma elevada em consumo de bebidas e petiscos.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

em processos de construção social sobre “ser migrante clandestino”; relatos que expõem situações de preconceito, estigmas e dificuldades em relação a alguns destes migrantes.

Sobretudo porque nesta sociedade, composta por vários povos e organizada em “núcleos ou segmentos” nos quais cada grupo se concentra e encontra as relações entre culturas, línguas e identidades étnicas diferentes produzem fronteiras. São criados espaços para articulações sociais, utilizados e apropriados de diferentes maneiras por cada grupo, para estabelecerem arranjos sócio-culturais e políticos; em uma hierarquia na qual os clandestinos, na maioria das vezes, aparecem como os menos favorecidos.

Os encontros nestes espaços são momentos para reforçar os laços com as redes sociais, principalmente por serem elas essenciais na relação entre migrantes e cidade, por isso os clandestinos necessitam transitar e tecer relações no intuito de demarcar a sua presença diante do grupo, essa estratégia é utilizada para manter os migrantes atualizados acerca das notícias do Brasil, ou de outras questões como emprego ou moradia. De acordo com Arouck (2002: p.126) as redes, sobretudo as familiares, funcionam como meio para a introdução de migrantes, grande parte destes é trazida por parentes ou amigos e conhecidos, que de alguma forma estão estabilizados na Guiana Francesa. São traçadas articulações para a introdução dos migrantes ao cotidiano local.

As casas e praças são espaços nos quais é possível saber notícias do Brasil, conseguir trabalho, enfim, articular as questões referentes aos migrantes. Os dados coletados no início da pesquisa apontavam para uma tendência de os brasileiros conseguirem oportunidades de trabalho na construção civil; entretanto, atualmente, os interlocutores narraram que na cidade de Caiena tornou-se praticamente impossível para um clandestino trabalhar, uma vez que a polícia faz constantes operações de controle nos canteiros de obras, entra nas navetes⁸ e invade os barracos, tentando encontrar migrantes ilegais.

Essas circunstâncias contribuem para dificultar o estabelecimento destes migrantes à medida que grande parte encontra dificuldades na adaptação e interação com os componentes dessa nova cultura. O mercado de trabalho é segmentado e os espaços de sociabilidade são territorializados; mesmo os espaços públicos quando são

⁸ Carros, do tipo van, que fazem transporte alternativo, de maneira legalizada na Guiana Francesa

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

freqüentados por diferentes grupos têm suas fronteiras; um exemplo é a composição de carros que comercializam sanduíches na *Place des Palmistes*⁹ (figura 3), são produtos semelhantes, com o mesmo nome, que no entanto são freqüentado por diferentes consumidores, que buscam no consumo do produto da sua nacionalidade um sabor culturalmente aproximado ao seu paladar. O veículo de propriedade de um brasileiro tinha características interessantes como a propaganda de um guaraná chamado Guaraná Ará e ornamentação com bandeirolas do Brasil e da França (figura 4).



Figura 3: carros que comercializam sanduíches localizado na *Place des Palmistes*, no centro de Caiena.

Foto: Rosiane Martins/2005.

⁹ Principal praça de Caiena, localizada no centro da cidade.



Figura 5: Veículo de propriedade de um brasileiro, com propaganda de um guaraná chamado Guaraná Ará.

Foto: Rosiane Martins/2005.

São classificações simbólicas que demonstram segmentações nos espaços sociais. Alguns lugares são centrais para a compreensão dessas relações. Para os brasileiros, o canteiro de obras e o lugar na casa apresentam-se como espaços de reflexão e planos para o futuro; em ambos encontrei diversos relatos sobre as situações experimentadas pelos trabalhadores clandestinos; o bar, praças, ou atividades festivas também se configuram como lugares e momentos de intensa sociabilidade e articulação de estratégias; uma delas é conquistar alguém que tenha a possibilidade de “fazer o papel” do clandestino. Os entrevistados relatam que a maioria dos que passaram da condição de clandestino para legalizado foi por meio de casamento com pessoa com cidadania francesa, ou registro de filhos por um cidadão francês.

Nos bares a descontração encontrada pareceria característica do grupo de brasileiros. Alguns dos interlocutores que moravam no centro iam a estes lugares com alguma frequência; contudo encontrei grande dificuldade em entrevistá-los, pois os interlocutores não gostavam de conversar, afirmavam que o momento era de dança, alegria, e os problemas eram deixados nas casas. A música em volume elevado e o

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

grande número de pessoas impediam minhas perguntas mais sérias, apenas as observações podiam ser realizadas.

Percebi que as conversas nos bares e nos jogos de futebol geralmente eram ligadas a evento que os vinculavam ao Brasil. Homens e mulheres comentavam sobre os “outros brasileiros” e coisas relacionadas às programações das emissoras de televisão do Brasil, além de projetos do que será feito com o dinheiro da “locação¹⁰”. Os homens contavam diversas piadas, principalmente as que envolvem as cidades de Oiapoque, Macapá, Santana, ambas no estado do Amapá e Belém e Vigia de Nazaré, as duas no Pará, comentavam sobre esportes, namoros, músicas, artistas brasileiros que se apresentavam na cidade. Estes eram os momentos em que os migrantes utilizavam para aproximar a realidade vivida daquela da sociedade de origem (Martins: 2007).

O lazer nas boates e bares é acessível apenas para uma parcela dos trabalhadores, os que vivem no centro. Os que residem em cidades ou bairros afastados das cidades mais ativas (Caiena, Kourou, Saint-Laurent) têm dificuldades para chegar ao centro da cidade para freqüentarem essas festas, exceto se alguém que tenha automóvel comprometa-se a levá-lo para a festa. Aos que não tem essa possibilidade restam os momentos de conversas entre si e atividades organizadas no local de moradia como alternativa para passar o tempo. Silva (1997), ao falar das relações entre os bolivianos em São Paulo, salienta essa questão, afirmando que para os migrantes clandestinos restam poucas atividades de lazer fora da casa, então a maioria diverte-se com programas televisivos, especialmente porque sair da casa significa expor-se aos perigos da polícia.

Essas sociabilidades expõem as influências que as redes têm sobre os migrantes; as familiares aparecem como uma das mais atuantes. Nos discursos acerca da vida como migrantes destacam-se as falas referentes aos lugares onde vivem, e o convívio nas casas. As criações de laços de parentesco, amizade, companheirismo, provenientes de uma solidariedade étnica recebem destaque. Esta afirmativa chama atenção, quando em relação aos estudos de parentesco admite-se que o parentesco não é apenas consanguíneo, é também social (Augé 1978; Lévi-Strauss: 1979). Assim, estando

¹⁰ Maneira como os brasileiros chamam o auxílio financeiro de recebido do governo francês através da CAF (*Caisse d'Allocations Familiales*)

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

afastados da família e do país de origem as relações seriam reforçadas, sendo uma das justificativas para o desenvolvimento de novos laços.

Entretanto as observações de campo invalidam, em grande parte, estas hipóteses. Elas revelaram atitudes competitivas e individualistas que, muitas vezes, se sobrepõem às relações de solidariedade (étnica, parentesco, lugar de origem) entre os integrantes do grupo dos brasileiros. Alguns que estão na condição de legalizados, com frequência, procuram obter vantagens sociais em relação aos clandestinos, então utilizam deste status para negociar favores; entre eles, conseguir encaixar o recém-chegado ao grupo.

Os migrantes que chegam pela primeira vez ao DUF, geralmente ficam mais expostos a esse tipo de situação. Enquanto os que conhecem o Departamento, por terem ido várias vezes trabalhar, conseguem transitar e resolver seus problemas sem o auxílio de intermediários. Esta concorrência, para alguns, seria utilizada como estratégia de vida para suprir necessidades básicas como: comer, vestir, morar.

Desde o primeiro contato com o grupo e o campo, até o atual estágio da pesquisa, houve um amadurecimento que possibilitou conhecer e interpretar melhor as observações e o referencial teórico. Embora a preocupação naquele momento e, ainda na viagem mais recente, fosse compreender principalmente o cotidiano dos migrantes e a sua organização social, outras questões pertinentes foram se apresentando e servindo como temas de reflexão.

Comecei a perceber que os arranjos e redes, que no grupo correspondiam a estratégias, envolviam diálogos e negociações no cotidiano. Nestas conversas, eles falavam especialmente sobre: trabalho, a fuga da polícia, as experiências de travessia e, finalmente, contavam “vantagens” acerca do que conseguiram construir ou adquirir com o trabalho em solo francês.

A compreensão de aspectos inerentes à presença dos brasileiros no Departamento teve como base as interações entre integrantes do grupo, enfatizando as leituras sobre sociabilidades, experiências, tensões e conflitos vivenciados no âmbito da vida cotidiana.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Nesse universo alguns relatos destacaram processos de exclusão dos migrantes pela política francesa com a intensificação do controle e dificuldades em aquisição de vistos de trabalho ou permanência, inclusive para os que têm família no DUF; eles identificam-se como vítimas de estigmas e preconceitos. Um elevado número de migrantes compartilha de imagens de degradação das relações sociais pelos sucessivos conflitos internos, embora essas situações sejam toleradas à medida que todos necessitam, em algum momento, do auxílio do outro. Essas solidariedades recebem pouco destaque nas narrativas.

O trabalho de campo foi realizado em casas de migrantes brasileiros em situação regular, locais de trabalho e lazer, localizadas nos bairros *Ville de Cayenne*, Cabassou, Matinha e Cogneau-lamirande. Entre as casas observei diferenças em termos de infraestrutura, dado que contribuí para interpretar a diversidade nas condições de habitação, trabalho e convivência entre moradores. A infra-estrutura dos bairros periféricos (Matinha, Cabassou, Remi, Suzini e Cogneau-lamirande) mostra situação precária, os migrantes têm acesso reduzido a estruturas de saneamento, transportes e áreas de lazer (praças, casas de shows, quadras de esportes, piscinas públicas).

Inicialmente as observações foram feitas na casa de uma mulher amapaense que vive em Caiena há 37 anos. Ali pude tecer minha rede de interlocutores. O tempo de residência da proprietária no Departamento contribuiu para que eu conhecesse diversos interlocutores naquele espaço; diariamente pessoas diferentes visitavam o imóvel, o que possibilitou realizar observações e análises. Na segunda hospedagem, a casa também pertencia a uma brasileira, original do estado do Amazonas, que alugava “lugares” para brasileiros e peruanos ilegais. Neste espaço também obtive várias entrevistas e fiz observações.

Também estive em duas casas fora do convívio com o grupo, onde foi possível sistematizar os dados obtidos nas casas anteriores. A primeira pertencente a alguns amigos franceses, na qual existia uma biblioteca com títulos diversos sobre a questão da Guiana Francesa e do Brasil. E a segunda de uma família francesa com os quais iniciei laços de amizade e que contribuíram com o trabalho, o que tornou possível sistematizar novos registros e a comparação sobre o modo de operar nas casas anteriores, possibilitando a conclusão das observações e atualização dos dados.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Na investigação relaciono como interlocutores preferenciais os migrantes clandestinos e aqueles que exercem papel de articuladores das redes sociais. O objetivo não é expor os trabalhadores, ao revelar esta face oculta da migração e suas relações com as autoridades francesas, os “outros”, e com seus pares, apontando vilões ou vítimas. O intuito é ressaltar as relações sociais, as formas de interação habituais nas quais se manifestam modalidades de sociabilidades, estratégias, tensões, conflitos, desigualdades, estigmas, discriminação, ligadas a sistemas de valores, padrões de comportamento que marcam a presença brasileira neste contexto social. Através do convívio busquei estabelecer diálogos com os interlocutores e interpretar alguns significados das situações experimentadas por eles.

Alguns obstáculos foram encontrados ao longo da pesquisa. O mais difícil foi necessitar transitar por lugares públicos desacompanhada. Com frequência fui abordada por homens guianenses, migrantes de outros países e brasileiros, que viam em mim uma prostituta; interpretei que seria pela minha posição naqueles espaços, de mulher brasileira, jovem, freqüentando bares, festas, praias e praças com o olhar atento como se buscasse alguém. Na verdade minha função naqueles lugares era procurar perceber, observar o contexto das relações sociais onde pessoas de diferentes nacionalidades exerciam suas sociabilidades.

As abordagens exigiam explicações minuciosas acerca do que eu fazia sozinha em praias, feiras, ruas, praças e bares, como legitimação da minha posição nos lugares. Essa descrição do contexto e objeto da pesquisa revelava uma mudança no comportamento dos homens, que após saberem qual meu objetivo, normalmente pediam desculpas e se ofereciam para auxiliar-me caso fosse necessário.

Em uma das vezes eu estava em uma festa denominada *Fête des Rois*,¹¹ acompanhada por um amigo francês metropolitano, fato que me pôs no rol das “brasileiras com brancos”. Ali fui indagada por um dos convidados, um brasileiro, se meu acompanhante “era meu namorado” “se tinha feito meu papel” ou “se eu o havia conhecido em alguma boate”. Essa representação expõe um encontro com diversos estigmas e preconceitos direcionados às brasileiras, ou seja, se a mulher está

¹¹ Essa festa original da França, que significa a festa de reis. É realizada com frequência nos meses de janeiro e fevereiro, sendo ofertado um pedaço de *Galette* (bolo de massa folhada com creme) aos convidados e escolhido o próximo “rei” que será a pessoa responsável por realizar outra festa.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

acompanhada de um francês no DUF é tida como prostituta ou interesseira, rompendo qualquer possibilidade de amizade ou sentimento afetivo entre ambos.

Entretanto estes entraves não impediram que eu fizesse as observações. Considerei que foram importantes para a análise. O convívio próximo aos interlocutores também trouxe momentos de animosidades. No entanto, percebi que se as pesquisas acontecessem sem a vivência cotidiana com o grupo, inúmeras situações, principalmente as vexatórias e as de conflito, não seriam registradas, desde que a minha saída da primeira casa aconteceu por eu descrever este tipo de situação. Os primeiros dias foram bastante tranquilos e as visitas a casas de alguns interlocutores envoltas em tentativas de mostrar uma vida de ajuda recíproca entre legalizados e clandestinos, ambos apresentavam discursos diferentes, um que revelava amizade, companheirismo e gratidão, externados quando estavam todos no mesmo ambiente; e outro quando conversávamos em espaços diferentes e em particular, nestas as queixas e fofocas tinham lugar de destaque.

Estes obstáculos tornaram a pesquisa por momentos dolorosa e, muitas vezes, significando rupturas, exatamente por se propor a mostrar uma realidade escondida. A releitura e reflexão dos empecilhos ocorridos ao longo do trabalho contribuíram para examinar de que forma os migrantes vivem na Guiana Francesa sob outros ângulos.

As causas da mobilidade do trabalho são a temática que oferece suporte para esta análise. Todavia, a pesquisa exigiu aprofundar o fenômeno migratório para a Guiana Francesa e analisar situações sociais e estratégias dos trabalhadores em vários momentos, começando pela entrada no Departamento, as relações de trabalho, redes sociais, as condições de vida e os processos de produção de identidade e alteridade em relação ao sentimento de estar na condição de migrante clandestino. Neste sentido, minha proposta é identificar, analisar e interpretar relações sociais entre migrantes brasileiros na Guiana Francesa, enfatizando as representações referentes ao sentimento de ser migrante e as interações com o “outro” no processo de construção de alteridades.

CAPÍTULO II

A casa como “lugar” das relações sociais: um retrato de experiências de migrantes

“Em todas as sociedades por casas, pode-se observar tensões e por vezes conflitos entre princípios antagônicos, ou que são de resto mutuamente excludentes”

Claude Lévi-Strauss (1979)



Figura 3: Caixas de correio de famílias de brasileiros migrantes, ao fundo algumas casas de migrantes em um bairro periférico de Caiena.
Foto: Rosiane Martins (2007).

CAPÍTULO II

A casa como “lugar” das relações sociais: um retrato de experiências de migrantes

Neste capítulo apresento algumas observações acerca das relações sociais nas casas; espaço onde são vivenciadas situações de planos, alegrias e conflitos. Analiso, a partir de dados bibliográficos, observações de campo e entrevistas, como se elaboram as visões, representações de gênero e a noção de casa para os moradores do imóvel, sobretudo os que estão em situação clandestina e que alugam lugares nestes domicílios. É possível perceber, através das falas dos ilegais, que a noção de lugar com frequência está ligada ao lugar de origem, à casa no Brasil, como um lugar identitário, de pertencimento.

2.1 A casa delas: espaço identitário ou de tolerância mútua?

O ambiente doméstico é constituído por regras e conflitos que marcam a vivência cotidiana. Neste espaço são construídas relações de caráter afetivo e emocional, de companheirismo, amizade, solidariedade e, muitas vezes, de divergências e animosidades, que são veladas para aqueles externos ao grupo. Entretanto desveladas em momentos de convívio mais íntimo.

Elas englobam sentimentos e relações de sociabilidade, são centralizadas experiências de vida e embates frequentes; compondo uma rede de relações que faz cada um se sentir mais ou menos à vontade em um lugar. As relações sociais estabelecidas naquele espaço para alguns são de pertencimento, identidade, articulação de redes. São terrenos vivenciados pelos moradores, onde são desenvolvidas as práticas domésticas que vão além da dimensão espacial, dos limites da moradia, das relações entre inquilino e locatário, nela as pessoas constroem sentimentos de pertença que podem ser compartilhados ou não por seus moradores.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

O discurso de vários migrantes clandestinos descreve esta casa como um espaço de trabalho, descanso, e quase sempre de tensão, enquanto a deixada no Brasil origina a sensação de aconchego, liberdade, privacidade, lugar de identidade. A casa funciona como lugar de construção destas relações. Nesta estrutura “a dona da casa” apresenta-se como figura central, a que articula as redes sociais em torno das quais o suporte para a manutenção e reprodução do migrante clandestino é ofertado; assim é necessário para a maioria dos migrantes viver próximo a estas pessoas por tempo suficiente para conseguir andar por suas próprias pernas, ou seja, conhecer a cidade, arranjar trabalho, compreender o idioma, ou constituir uma nova rede social que facilite ou permita o seu trânsito na sociedade.

As casas onde os clandestinos alugam lugares para viver apresentam-se como a materialização da noção de lugar no sentido antropológico, para uma parcela dos moradores, os “donos da casa”. Já para a maioria dos clandestinos a convivência é baseada na tolerância, configura-se em um lugar de pessoas sem-lugar; são sentimentos contrários que ocupam o mesmo ambiente. O lugar dos sem-lugar é a conformação da posição que o clandestino por vezes ocupa na casa. Estas casas podem ancorar diferentes sentimentos, dependendo das relações estabelecidas entre os moradores.

De acordo com Agier (2006) os terrenos humanitários ou centros de trânsito onde vivem os refugiados são espaços de pessoas sem-lugar, sem-direitos. Da mesma forma o discurso de vários clandestinos demonstra essa transitoriedade em relação aos lugares de moradia. Os moradores revelam negociar com as situações vivenciadas por estarem “no trecho”, o que pode ser interpretado como uma noção de transitoriedade, um espaço de passagem, desde que a expectativa do retorno é constante na maioria dos relatos, inclusive daqueles que vivem há mais tempo no departamento e possuem documento de residência.

Essa experiência é vivida com a expectativa de provisoriedade, na qual a migração é representada com uma temporalidade marcada pelo ir e vir, ou seja, uma caminhada que tem seu fim determinado para o momento em que todas as aspirações e planos feitos na partida se concretizarem. Neste sentido Sayad (1998) afirma que

“Só se aceita abandonar o universo familiar (universo social, econômico, político, cultural ou moral, quando não mental), ao que se

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

pertence “naturalmente”, (...) só se aceita emigrar e, como uma coisa leva à outra, só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro, com a condição de se convencer que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução” (p.57).

A casa compartilhada é considerada uma parte do “trecho”, um espaço de transitoriedade, onde podem se estabelecer relações, sociabilidades, e redes sociais. No entanto ela não é encarada como um espaço de pertencimento por aqueles que alugam lugares ali.

No capítulo intitulado *o lar dos sem família*, Sayad (1998) aponta a habitação do migrante como um espaço que, com frequência, é tido como provisório, ou seja, temporário, no sentido de que a situação em que o migrante se pretende é passageira. Ele afirma que

“A habitação do imigrante só pode ser o que o imigrante é: uma habitação excepcional, como é “excepcional” a presença do imigrante (...) uma habitação provisória (...) para um residente provisório, pois é sempre assim que se imagina o imigrante” (p.74/75).

Se para o migrante essa temporada nas casas é um “trecho” da vida longe da terra natal, para as pessoas que alugam lugares nas suas casas, configura-se como estratégia de complementação de renda.

Os aluguéis auxiliam no pagamento das despesas mensais destas famílias. Esta estratégia é bastante utilizada, embora ambos tenham as penalidades legais aplicadas a quem abriga um destes migrantes¹². De acordo com os interlocutores as sanções contra os que abrigam migrantes são tomadas pelo Estado com a finalidade de reduzir o número de migrantes clandestinos do Departamento.

Apesar disso, parte da população continua a alugar cômodos das casas para migrantes ilegais, essa transação funciona, neste contexto social, como alternativa econômica para uns e de moradia para outros. Algumas pessoas que dispõem de um

¹²A pessoa que abriga migrantes clandestinos está sujeita a sofrer sanções do Estado como a perda da permissão para morar no Departamento.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

imóvel, a maior parte mulheres, oferecem este apoio. O estabelecimento das casas como ponto de moradia facilita a manutenção de amplas redes sociais, migracionais e familiares, como também na difusão e reprodução de regras de convivência, atitudes e comportamentos próprios dos que fazem parte do grupo dos brasileiros na migração; é um estatuto simbólico dito ou ensinado àqueles recém-chegados pelos que moram há mais tempo e conhecem-nas. Entre elas destaca-se o acerto feito entre os migrantes de que se o clandestino for preso na rua, compromete-se a não levar a polícia onde mora, forma de proteger os locadores e outros clandestinos que vivam ali. O clandestino necessita aprender rapidamente como transitar por esta sociedade, se for preso e deportado, terá condições de retornar para a Guiana em poucos dias.

Outro problema constante ressaltado pelos interlocutores é a associação feita por alguns integrantes da sociedade local dos migrantes clandestinos a ações de violência. O imigrante na posição de o “outro” é incluído no rol dos inferiores, menos qualificados. A maioria é vista, por parte dos moradores locais, como um problema social. Geralmente esta qualificação abarca também aqueles que acolhem trabalhadores indocumentados. Bourdieu (1998) analisa a lógica de representação que discrimina e atribui qualificação pejorativa ao migrante irregular na França associando-o a criminalidade.

“uma das funções mais importantes do adjetivo “*clandestino*” que as boas almas zelosas da respeitabilidade progressista associam ao termo “imigrantes”, não seria criar uma identificação verbal e mental entre a travessia clandestina das fronteiras pelos homens e a travessia necessariamente fraudulenta, e logo clandestina, de objetos proibidos (de ambos os lados da fronteira) como drogas ou armas? Confusão criminosa que permite pensar esses homens como criminosos” (p.27).

Ainda que este conjunto de representações dificulte a permanência dos migrantes no DUF, não inibe a sua presença. Verifiquei que grande parte dos migrantes moradores do Departamento queixa-se dos estigmas demarcadores da sua presença. Contudo, muitos compartilham do mesmo sentimento, declarando serem os clandestinos os culpados pela intensificação do controle e diminuição da oferta de empregos. Esta concepção demonstra a condição atribuída aos que utilizam sua casa para abrigar trabalhadores ilegais. Eles são recriminados por parte do grupo que não compartilha da

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

mesma prática, embora a maioria tenha utilizado ao menos uma vez sua casa como abrigo para um migrante clandestino, mesmo que por algumas horas.

A casa torna-se um dos principais espaços para a sobrevivência do migrante. Lévi-Strauss (1986) discute a noção de casa em uma análise das relações sociais construídas neste espaço onde o edifício assume caráter secundário. São privilegiadas as relações sociais. O autor afirma que “em todas as sociedades por casas, pode-se observar tensões e por vezes conflitos entre princípios antagônicos, ou que são de resto mutuamente excludentes” (p.187).

As relações sociais nas casas que abrigam clandestinos na Guiana Francesa são baseadas nestes pilares, onde o prédio abriga o corpo do migrante das intempéries da natureza e do controle policial; no entanto o convívio é repleto de nuances que vão desde momentos de descontração até os de conflito, que revelam variadas estruturas de poder (étnica, jurídica, social, de gênero).

Um dos maiores problemas enfrentados por aqueles que decidem migrar para o Departamento, e um foco de conflitos, é a questão da moradia. O conjunto de relações tecidas nas casas, principalmente naquelas em que as famílias abrigam imigrantes ilegais, se transforma em mistura de situações que variam das solidariedades, situações jocosas, até as de intolerância.

Esse convívio muito próximo propicia essas ocorrências, a necessidade de alugar lugares nas casas é justificada, principalmente, por questões econômicas, pois a maioria dos migrantes não possui renda suficiente para comprar um imóvel e pagar todos os impostos e seguros exigidos daqueles que são proprietários de um bem destes. Por isso alguns locatários utilizam a sublocação de cômodos das casas para outras pessoas que não fazem parte do grupo doméstico como estratégia para complementar a renda.

Os inquilinos expõem: *é o único meio de conseguir um lugar para viver, no entanto a gente tem que se sujeitar às regras da casa.* As posições exercidas por cada morador na organização social da casa propiciam o estabelecimento de relações diversas, dentre as quais destacam-se as econômicas e de convivência. Em um quadro que revela, na visão dos clandestinos, desde situações de diálogo, solidariedade, até as

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

de intransigência, nos momentos em que ele não pode cumprir com seus compromissos, especialmente os financeiros, na casa.

Para as locadoras, por sua vez, esse espaço é representado como de tolerância e necessidade; elas afirmam necessitar do dinheiro dos aluguéis para a complementação da renda, no entanto, não desejam “outros” morando nas suas casas, mesmo que estes sejam seus parentes (irmãos, primos, tios e etc.) ou recomendados por amigos de confiança.

Alguns brasileiros, moradores de bairros centrais da capital guianense alugam casas modestas por um preço médio de € 600,00. Auxiliados pelo dinheiro que recebem da *Caisse d'Allocations Familiales*¹³(CAF), normalmente metade do preço do aluguel. Essa vantagem permite a muitas destas famílias equilibrarem as despesas mensais (Martins, 2007).

As casas em que foram realizadas as observações no centro de Caiena, revelavam condições estruturais que não eram encontradas em outros lugares que analisei. Por estarem localizadas na área central, permitiam aos moradores a ida a mercados, igrejas, praias, festas em boates e praças. Espaços onde as sociabilidades entre migrantes eram mais freqüentes e as redes sociais desenvolviam suas atividades. No entanto, a proximidade entre locatárias e inquilinos demonstrava um contexto de relações tensas, como se a figura do inquilino se confundisse por alguns momentos com a de um membro do grupo doméstico. Diversas narrativas dos moradores reportam a casos de convivências freqüentemente baseadas na (in)tolerância. Diferenciando-se daquelas alugadas para clandestinos em que o dono do imóvel não convive com os inquilinos, conforme descreverei adiante.

¹³ Este auxílio geralmente é pago no dia oito de cada mês.

2.2 “Porto seguro” ou a casa dos *sem-lugar*?:

diferentes perspectivas da noção de lugar no espaço da casa

Embora necessária para a permanência do imigrante clandestino no Departamento, a realocação de cômodos da casa é o primeiro passo para o estabelecimento de relações de poder e conflitos entre inquilino e locador, constituindo-se a casa em um lugar e, ao mesmo tempo, lugar de pessoas sem-lugar, sem direito. A análise de Agier (2006) em relação aos deslocados e refugiados revela este aspecto dos lugares onde vivem.

“Os deslocados e refugiados cessam de sê-lo não quando retornam “para suas casas”, mas quando lutam como tais por seu corpo, sua saúde, sua socialização: cessam então de ser as vítimas que a cena humanitária implica para se tornarem os *sujeitos* de uma cena democrática que eles improvisam nos lugares onde estão. Na melhor das hipóteses, portanto, os sítios humanitários só podem ser espaços em tensão” (p.199).

Marc Augé, na obra *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* (1994), discute a noção de “lugar antropológico” em uma perspectiva que considera o lugar como um espaço identitário, relacional e histórico, no qual cada pessoa elabora sentimentos de pertença, sente-se vinculado social e culturalmente àquele lugar como parte da construção da sua existência enquanto ser social.

É Identitário por ser o lugar de nascimento ou nele se constituírem as regras de residência; são como uma inscrição no solo que compõe a identidade individual. Relacional por partilhar de fronteiras que definem a relação com seus pares e os outros. É histórico, desde que os atores envolvidos vivem, constroem suas histórias e relações sociais ali.

Em oposição a isso, os não-lugares são definidos como não-identitários, não-relacionais ou não-históricos. Através dos não-lugares se apresenta um mundo provisório, comprometido com o transitório e com a solidão. Nesse sentido, Agier

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

define um sem-lugar como uma pessoa que não possui um espaço que lhe garanta identidade, relações e história; seu lugar é “a sua casa”. Apesar de Augé considerar como não-lugares os espaços da supermodernidade como os aeroportos, por exemplo, esta qualificação pode ser ampliada a outros espaços, como as casas que, por alguns momentos aproximam-se de espaços que se configuram em não-lugares para os trabalhadores clandestinos.

Para o migrante clandestino estas casas muitas vezes transformam-se em não-lugares; pois nelas, o que parecia ser um “porto seguro”, no qual poderiam juntar dinheiro para retornar ao país de origem e realizar as aspirações levadas na partida, se dissipa ao enfrentarem problemas como depressão, alcoolismo e rejeição por parte dos moradores do imóvel.

Contudo precisam negociar com as situações encontradas nas casas, pois há nelas uma rede de informações que auxilia aos migrantes clandestinos a encontrar os empregos e outros locais nos quais são alugados espaços, formada por brasileiros que passaram da condição de clandestino para legalizado. Estes migrantes, agora com o poder de locar um imóvel, auxiliam parentes e amigos a romper as fronteiras do Departamento Francês, sem o documento de entrada, para estabelecerem residência, temporária ou definitivamente.

O gênero, por sua vez, influencia de forma determinante no desenvolvimento das relações sociais neste espaço. As mulheres que alugam suas casas para trabalhadores clandestinos encontram-se entre as pessoas que mais estabelecem relações de sociabilidade. Circulam por praticamente toda a cidade e conhecem muitos integrantes da comunidade brasileira, articulam maneiras de “tirar papel”¹⁴ e algumas fazem serviços aproximados aos dos despachantes no Brasil, auxiliando migrantes que tem dossiês de solicitação de documentos em órgãos públicos, cobrando por estes serviços valores que em média custam € 40,00 (quarenta euros) por visita ao órgão.

O convívio entre os estabelecidos e os recém-chegados acontece com alguma frequência de forma amistosa. No entanto o interesse em ajudar o migrante geralmente ocorre com o intuito de obter “favores” dele, principalmente financeiros. Os migrantes

¹⁴ Maneira como os brasileiros chamam a expedição de documentos de residência na França.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

que fazem parte do grupo reconhecem os brasileiros que vivem às proximidades. Assim a chegada de estranhos é sempre notada, construindo-se um mapeamento que permite a identificação de casas de pessoas pertencentes ao grupo dos brasileiros.

Suas redes abrangem algumas pessoas que vivem a muitos quilômetros de distância, como na fronteira em cidade de Saint-Georges ou no garimpo. Este conhecimento de pessoas e lugares auxilia a identificar a família, o local onde mora, e a ocupação profissional. Sabem detalhes das vidas dos antigos e dos novos imigrantes, e conseguem, por meio da fofoca, difundir notícias importantes para o grupo e outras conversas maliciosas. Muitas delas utilizam o tempo disponível para visitas diárias às casas para levar notícias e colher novas. Elias (2000 [1965]) aponta essa rede de fofocas como uma maneira de exercer controle social sobre o grupo, utilizando-a para exaltar ou depreciar algum membro de acordo com a necessidade ou situação.

Marta era uma das mais ativas e trazia constantemente novos dados para a pesquisa, dizendo conhecer a vida de “todo mundo” que é brasileiro em Caiena e a vida pregressa no Brasil; se utilizava de gentileza e pequenos favores ofertados para inquirir acerca da vida alheia. Morava na Guiana havia quinze anos e ainda não sabia falar o idioma oficial. Era casada com um homem natural da cidade de Vigia de Nazaré, no Pará, a atividade do marido o diferenciava dos demais brasileiros, pois seu ofício era tecer redes de pesca. A atividade da pesca é comum ao grupo de homens migrantes *da Vigia*. Tinha três filhas, duas delas nascidas na Guiana Francesa. Durante a pesquisa sua filha mais velha, de dezesseis anos, ficou grávida, fato que a deixou bastante abalada; relatou que o motivo era ter se tornado o centro das fofocas. Atualmente está separada do marido e sobrevive dos direitos sociais concedidos pelo governo francês para as filhas e a ajuda financeira de alguns “namorados” locais.

Esta circunstância pode ser enquadrada entre as táticas de vida, sobretudo porque é a partir dos contatos feitos pelos migrantes que a rede se articula. Essas mulheres cobram taxas por serviços como: enviar dinheiro para as famílias dos migrantes ilegais que estão no Brasil, cozinhar, comprar objetos pessoais (roupas, aparelhos de telefonia móvel, calçados e outros bens que necessitem de documentos para serem adquiridos). Ainda intermediam consultas médicas, compram remédios em farmácias locais e vendem outros levados do Brasil como, por exemplo, o Citotec

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

(medicamento abortivo bastante utilizado pelas brasileiras) e outros pequenos “favores remunerados”.

Nestas estratégias, os migrantes que articulam as redes desempenham papel central, ditando condutas e assegurando que elas sejam executadas. São eles que auxiliam na manutenção de redes sociais e amparam os recém-chegados à Guiana Francesa. Eles são procurados por familiares que permanecem no Brasil quando é solicitada a entrada de algum membro da família como clandestino no DUF, ficando encarregados de oferecer o suporte necessário para a inserção dos novos migrantes na sociedade local.

As combinações originam muitas vezes o estabelecimento de relações de subordinação do migrante irregular à “dona” ou “dono” do imóvel com status de legal. A convivência próxima, beirando a intimidade, entre locador e locatária ou locatário faz com que as relações se confundam.

Na maioria das vezes o inquilino é tratado como um intruso imprescindível na habitação. Dessa forma a relação entre esses brasileiros na esfera particular, algumas vezes, não é de ajuda recíproca de solidariedade. Ela torna-se um foco de conflitos permanentes entre os moradores, que alugam por necessidade de dinheiro e obrigam-se a admitir estranhos nas casas. Isto leva ao estabelecimento de relações de subjugação de uns aos outros, inclusive dos parentes que possuem status diferenciado.

No DUF as pessoas que locam lugares nas casas, as têm sempre lotadas. Muitos desses domicílios são pequenos e oferecem uma estrutura básica. O preço mínimo de um lugar para dormir é € 40,00 (quarenta euros) mensais em bairros periféricos. Ali vivem dezenas de pessoas amontoadas. E lugares no centro de Caiena, estes custam a partir de €100,00 (cem euros)¹⁵.

Estas famílias podem ser classificadas como pertencentes às camadas populares. Parte significativa desses migrantes é composta por uma população de poucos recursos materiais. Aqueles que locam “lugares” tendem a ser indivíduos de camada idêntica àquela na qual situam-se os locatários. Alguns se utilizam deste tipo de moradia por serem migrantes recentes. Entretanto esta condição é secundária, sendo a principal a de

¹⁵ Em média um euro custa R\$2, 65,00. De acordo com a variação cambial de fevereiro de 2010.

migrante clandestino, que varia desde os recém-chegados até a muitos que moram no Departamento há dezenas de anos.

Este tipo de casa na Guiana Francesa agrupa membros do grupo doméstico. Alugar um espaço na casa para outros é característica marcante desta estratégia econômica; a utilização do imóvel no qual se mora surge como uma fonte de renda. No entanto a proximidade entre os novos integrantes do grupo doméstico é marcada por uma trajetória de intimidade que é base para a criação de representações diversas, na qual a maioria dos que moram na casa não atribuem a ela o sentido de lugar. Quando é perguntado para uma dessas pessoas que alugam um lugar nestes imóveis, onde moram? Respondem: “na casa da fulana” ou “na rua tal”. Nunca dizem: “em casa” por não terem este sentimento de aceitação e pertencimento ao lugar.

2.3 A sociabilidade em constante tensão: cotidiano de uma intimidade motivada pela necessidade

A casa agrupa pessoas relacionadas entre si. No grupo doméstico se estabelecem relações de sociabilidade. Morar em uma casa com pessoas diferentes, não pertencentes ao grupo, pode trazer uma mistura de emoções diferentes; que variam da preocupação e solidariedade com o outro, até a desqualificação vinculada à intolerância para com este.

Aquelas onde a pesquisa foi realizada apresentavam todas estas nuances. Na primeira delas fiquei durante três meses e esta era alugada por uma mulher amapaense, mãe de cinco filhos com idade entre 12 a 30 anos; seu estado civil era solteira e a ocupação exercida eventualmente era “*femme de ménage*”, esta era a forma como ela declarava seu ofício.

Havia dois quartos no imóvel, um deles alugado para mim; uma pequena cozinha de aproximadamente três metros de largura; um pequeno banheiro, sem porta, que era utilizado pela família e por aqueles que alugavam lugares no imóvel, e uma pequena sala onde eram feitas as refeições e os moradores da casa assistiam à televisão.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Ela tem cinco filhos, dos quais três moram com ela e mais um neto, que contribuem financeiramente para a manutenção do imóvel, pois o aluguel do imóvel e a alimentação são pagos com o dinheiro que recebem da *Caisses d'Allocations Familiales* (CAF). Este órgão do governo francês oferece a cada família que tenha crianças estudantes no sistema educacional francês uma bolsa de auxílio. Este benefício é estendido aos cidadãos franceses que estudam fora da França (Anexo 1).

Outra parte das despesas era suprida com o aluguel de um dos quartos da casa e outros cômodos onde dormiam alguns trabalhadores clandestinos. A essa casa me dirigi solicitando hospedagem, indicada por conhecidos de meu ex-marido, mas ela não recebeu bem a idéia de conviver com alguém na sua casa perguntando sobre como era o cotidiano daqueles brasileiros na Guiana.

A casa era dividida de modo que todos ficassem minimamente alojados junto aos seus pertences. No quarto principal havia uma cama de casal, um pequeno guarda-roupa e um beliche. Nessa cama dormiam a dona da casa com o filho caçula de 12 anos e um neto de quatro anos de idade, no beliche dormiam duas filhas.

Na sala dormiam amontoados entre seus pertences, sofás, estante e mesa, seu Antonio, Reginaldo e Joel; todos eram trabalhadores clandestinos que locavam um lugar no imóvel; os primeiros eram trabalhadores da construção civil e o último cabeleireiro.

Ali as relações sociais se estabeleciam de acordo com os humores da locatária, pois nos dias em que eram feitos os pagamentos dos aluguéis ou quando recebia o dinheiro da “locação”¹⁶, eram os momentos de maior harmonia no imóvel, principalmente porque nestes havia dinheiro para quitar dívidas previamente contraídas no comércio local e abastecer a casa com alimentos.

Entretanto, os outros dias eram de conflitos constantes, visto que a locatária, por exercer o poder de articuladora das relações e algumas vezes ser a única pessoa habilitada a comprar objetos ou enviar remessas de dinheiro para o Brasil, se utilizava dessa posição para humilhar e destratar os seus inquilinos. No seu entendimento, o status de ilegal era sinônimo de dependente da sua proteção, motivo que fazia com que

¹⁶ Maneira como os brasileiros chamam o benefício.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

os que habitavam sua casa fossem obrigados a submeter-se ao seu temperamento com constantes alterações.

Moravam na casa duas crianças, ambas suas netas, dois adolescentes, um menino de doze anos e uma moça de quatorze, que eram estudantes, e uma filha adulta, que estava desempregada. Fazia parte do grupo doméstico um primo da locatária do imóvel, que alugava um espaço na sala para dormir e guardar suas coisas (roupas, documentos e etc.), um rapaz natural do estado do Ceará que também locava um espaço na sala, e um homem paraense que locava um lugar na habitação.

Entre os moradores da casa de Alva estava Joel. Era cearense, jovem, de orientação homossexual, exercia no Departamento a atividade de cabeleireiro; sendo o morador que maior parte do dia passava na casa e tinha maior proximidade à dona, também era a vítima mais constante dos seus humores.

Procurava sempre contribuir financeiramente na alimentação e tarefas domésticas, além de se encarregar de levar e buscar as crianças na escola; era tratado na casa como um empregado doméstico.

Essa posição de constante tolerância e subserviência teria sido tomada, segundo ele, para evitar ser despejado da casa, pois ali já havia estabelecido seu salão e beleza e suas clientes sabiam onde encontrá-lo. Porém vários episódios, alguns presenciados por mim, teriam se sucedido até a sua saída da casa.

O primeiro deles foi quando Joel comprou diversos aparelhos de telefonia móvel com o intuito de vender para conhecidos no Brasil, já que viria passar férias no seu estado natal. Neste dia pediu à dona do imóvel que guardasse no seu guarda-roupa o produto por segurança; entretanto, um dia após, Alva, a locatária, o convidou para ir ao comércio que ficava localizado na mesma rua em que morávamos.

Segundo Joel, ao chegarem, Alva disse que um ladrão havia entrado no imóvel e roubado todos os telefones e algum dinheiro que ela guardava no móvel. Alguns dias após o cabeleireiro relatou que acreditava que ela e uma das filhas haviam tramado para roubar seus objetos.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Após este fato, por vários dias os conflitos se intensificaram; frases humilhantes para dirigir-se a Joel eram pronunciadas aos gritos. Ele era tratado como ingrato e acusado desta vez, pela locatária, de tê-la roubado.

O rapaz mudou-se para a casa de outro cabeleireiro brasileiro, conhecido por Lelé, onde começou novamente suas atividades. Entretanto desta vez sem as clientes que havia conquistado durante sua estada na casa de Alva; pois todas as que o procuraram depois de sua saída tiveram que ouvir da locadora que ele a roubou e enganou a outras clientes, usando produtos falsificados e deixando algumas “quase carecas”.

Dias antes de deixar a casa de Alva, Joel relatou, em uma das entrevistas, os motivos que o levaram ao Departamento e o que precisou suportar para conseguir seus objetivos:

Eu sou nascido no Ceará, mas muito novo eu saí da casa da minha mãe, e fui morar sozinho; então fui pra São Paulo. Lá me disseram que aqui era bom de ganhar dinheiro com cabelo, e eu vim! Fui para o Oiapoque e quando as meninas (travestis) conseguiram entrar, eu entrei com elas! Só que quando eu cheguei, eu não fui fazer pista (prostituição). Como eu não tinha dinheiro e não conhecia nada acompanhei as meninas, que foram morar na Torre¹⁷. Eu fiquei por lá alguns meses. Só que eu peguei malária, então quase morri. Eu não podia ir pro hospital porque sou clandestino. Foi quando a Alva foi lá e me deu uns remédios e eu fiquei bom. Agora eu estou morando aqui na casa dela; por um lado é bom porque aqui eu posso atender os meus clientes. Aqui em Caiena tem muita cliente que quer fazer alisamento definitivo no cabelo e eu já consegui com esse dinheiro comprar uma casa pra minha mãe lá em Sobral e todo mês eu mando dinheiro pra minha família. Agora eu vou juntar dinheiro pra comprar uma casa pra mim e montar um salão lá no Ceará, acho que em Fortaleza. Mas pra isso a gente tem que aturar muita coisa. Tem que servir, para bem dizer, de escravo pra não dormir na rua. Ah, eu não vejo a hora de ir embora! (Joel é cabeleireiro, cearense, tem 25 anos e é solteiro).

Durante a última estada em campo procurei por Joel, no entanto ninguém em Caiena sabe o que aconteceu ao interlocutor. Fui informada que desde o início de 2007 ele pediu dinheiro emprestado para todas as pessoas que conhecia e desapareceu. Alguns afirmam que ele estava envolvido no assassinato de um DJ guianense morto na

¹⁷ Um prédio abandonado no centro da cidade de Caiena ocupado por alguns imigrantes clandestinos

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

estrada do Oiapoque e estaria preso; outros dizem que foi morto por acerto com traficante de drogas, já que após ir morar com Lelé ficou viciado em crack e cocaína. Estas informações recebidas sobre migrantes que deixaram a Guiana Francesa para retornar ao Brasil ou partir para a França metropolitana, com frequência os mostram de forma depreciativa. É comum ouvir que o migrante que retorna definitivamente tenha voltado porque roubou alguém ou estava envolvido com criminalidade. Assim, Joel pode ter sido vítima deste tipo de fofoca.

Seu Antonio, outro interlocutor em situação clandestina, era primo da dona do imóvel, tinha um pouco mais de cinquenta anos, casado, pai de quatro filhos e exercia a atividade de trabalhador da construção civil. Durante a juventude foi legalizado, trabalhou por muito tempo em Kourou, Saint-Laurent, e outras cidades próximas a Caiena, entretanto nunca levou a família para morar no DUF; pois segundo ele, preferiu deixar seus filhos, principalmente por ter mais filhas, estudarem no Brasil com o objetivo de resguardar sua moral. Segundo esta visão, a escola e as amizades guianenses apresentam-se como uma ameaça ao jovem, motivada por todos os estigmas sociais a que o filho de um brasileiro está exposto.

Comentava com orgulho que todas as filhas são formadas por universidades do Estado do Amapá, dando a entender nas entrelinhas que suas filhas exercem status social diferenciado e mais digno do que aquele de desempregada, sem escolaridade e dependente do Estado ocupado pelas filhas da prima que o humilhava pela sua condição de legalizada e proprietária do imóvel.

Seu Antonio relatou que já teve papel, isto é, foi legalizado, e o vendeu durante o início do plano Real, quando o governo Francês adotou a política de comprar as *cartes de sejour*¹⁸ dos trabalhadores estrangeiros que morassem no Departamento nos anos 90. Prática recentemente resgatada pela Espanha para diminuir o numero de imigrantes naquele país, devido à crise econômica mundial em 2008/2009; no entanto, revelou que

¹⁸Muitos dos trabalhadores, com os quais mantive contato para desenvolver esta pesquisa, que estão em situação semelhante a esta também negociaram seu documento de residência e perderam o dinheiro recebido. Atualmente pertencem ao grupo dos ilegais. Ver Arouck 2002.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

não soube administrar o dinheiro e perdeu tudo, tendo que retornar à Guiana Francesa algum tempo depois na condição de clandestino.

Da mesma forma que Joel, seu Antonio revelou não sentir-se bem na casa da prima e desejava conseguir outro lugar para morar, pois também não tinha a sensação de pertencimento própria do lar, como destaca na entrevista:

Comecei a vir para Guiana quando não existia estrada e era só um caminho de terra, ajudei muito a Alva aqui. Agora tenho que aturar tudo desses filhos dela. Eles só sabem pedir dinheiro e eu tenho que dar. Estes dias não estou trabalhando e ainda tenho que mandar dinheiro pra casa. Em Macapá tenho casa e minhas filhas estudam na universidade, mas eu ainda tenho que trabalhar aqui porque ajudo a pagar a mensalidade do curso delas, e como a minha esposa é dona de casa todos dependem de mim. Agora eu trabalho na construção, mas não é nada certo; porque um dia tem trabalho e no outro não. Às vezes faço um serviço e às vezes não; porque aqui é muito difícil trabalho pra quem não tem papel. Se os “jandarme” ou a PAF pegar a gente trabalhando, eles mandam de volta com a roupa do corpo; a gente não pode levar na casa em que mora que é problema pro dono da casa. Se eu pudesse iria pra outro lugar ficar sossegado porque a Alva é muito boa, é minha prima, mas esses filhos dela não respeitam ninguém! (Antonio é trabalhador da construção civil, tem 54 anos, é amapaense, pai de quatro jovens e vive na Guiana Francesa há mais de 30 anos).

No início de 2007, Antonio conseguiu outro lugar para morar. Desde então passou a viver em um canteiro de obras de uma empresa de construção civil pertencente a um haitiano; neste período havia saído da casa de Alva para morar no serviço. Era um pequeno barraco, onde eram guardadas as ferramentas utilizadas na construção; afirmou em entrevista que desta vez estava em um “lugar” no qual se sentia “em paz, tranquilo, sem toda aquela perturbação”. Percebi que ele tinha uma estrutura precária no alojamento, mas transparecia quietude. Entretanto, em 2010, ao procurar o interlocutor, soube que ele havia voltado a viver na casa da prima e após ser preso por mais de dez vezes, somente no ano de 2009, vendeu alguns pertences, dentre os quais um botijão de gás, e retornou de forma definitiva para Macapá. Maria, a mulher para quem ele vendeu alguns objetos, revelou que Antonio, antes de ir, disse que não voltaria mais para Caiena, pois todo o dinheiro que conseguia como trabalhador da construção civil era utilizado para pagar os passadores de clandestinos, no intuito de ingressar novamente no

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

DUF. Assim não conseguia acumular dinheiro para enviar para a família que permanecia no Brasil.

Reginaldo, o terceiro dos clandestinos que morava na casa, era paraense, tinha quarenta anos, casado, pai de dois filhos. Estava na Guiana há pouco mais de dois anos e tinha como atividade a construção civil. Foi indicado pela esposa do seu patrão, um *artisan*¹⁹ de nacionalidade angolana, para morar na casa de Alva, idéia recebida com satisfação, já que a dona do imóvel demonstrava ver no homem uma oportunidade de ter um companheiro; por isso alugou um bom espaço para o trabalhador, com intuito de em breve poder viver maritalmente com ele.

Entretanto, seus préstimos ao lavar as roupas do trabalhador e fazer sua comida não foram suficientes para seduzi-lo. Ele narrava amar a esposa deixada no Brasil e que jamais casaria com uma mulher “cheia de filhos”. Se tivesse que relacionar-se afetivamente com outra seria com uma francesa, já que elas constantemente demonstravam interesse por ele. Reginaldo mudou-se da casa de Alva por não agüentar mais seu assédio e foi morar na casa de amigos franceses, retornando alguns anos após para Belém. Atualmente vende produtos de artesanato (bijuterias de sementes) para artesãos da Guiana Francesa. Revelou que gostaria de ter oportunidade de tirar um documento que permitisse trabalhar no Departamento e obter uma carta de comércio, para vender seus produtos e trabalhar sem temer o confronto com a polícia.

Bem como Antonio, o interlocutor foi preso e deportado diversas vezes no ano de 2009; sua maior queixa era que vinha para trabalhar, arriscava-se pelos caminhos da clandestinidade e não conseguia dinheiro para sustentar sua família, pois todo o dinheiro conseguido ficava perdido na tentativa de fazer nova viagem, no intuito de recuperar o prejuízo com a deportação.

Alva continua a sublocar cômodos da casa para clandestinos. Atualmente aluga um quarto pelo valor de € 200,00 (duzentos euros) para Maria, uma brasileira de 56 anos, mãe de dois rapazes, natural de Santarém, no Pará. Esta exerce na Guiana a atividade de empregada doméstica e diarista, faz também pequenas peças em crochê por

¹⁹ Profissão equivalente a ocupação de mestre-de-obras no Brasil

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

encomenda para complementar a renda. Maria narrou sua trajetória até chegar à casa de Alva:

A primeira vez que eu vim para Caiena foi no ano de 2002; meu marido já morava aqui por muitos anos e eu sabia que ele já tinha outra mulher, mas mesmo assim eu gostava dele e aceitava aquilo; então ele separou da mulher e me chamou para eu vir para cá, e eu vim (...) mas não durou dois meses, porque ele tinha na casa uma empregada, que era empregada na casa e mulher na cama. E ele queria ficar com as duas, então eu arrumei minhas coisas e sai da casa dele, arrumei um emprego para cuidar de uma senhora *handicap* (deficiente) e separei dele. Depois eu voltei para o Brasil, mas meu filho mais velho passou em uma universidade particular em Macapá e o pai disse que ele podia estudar que ele pagaria, mas por fim, ele não mandou um *cent*, então eu precisei voltar para Caiena para conseguir o dinheiro, porque eram R\$ 3.500,00 (três mil e quinhentos reais). Agora eu vou juntar dinheiro para terminar minha casa no Brasil e voltar para lá. Eu aluguei aqui esse quarto na casa da vizinha (Alva) e tenho minhas coisas, vivo tranquila aqui, já até arrumei um velho que eu estou gostando...

A narrativa de Maria reflete as condições de vida e como os relacionamentos vivenciados à distância passam por momentos de estremecimento e desarticulação que beiram a construção de novas famílias na Guiana Francesa. Apesar de a sua migração ter como finalidade a acumulação de renda para o pagamento do curso universitário do filho ou a conclusão da construção da casa própria, demonstra um conjunto de relações traçadas na clandestinidade; a compra de objetos, o aluguel de uma casa, o relacionamento afetivo entre migrantes em condições semelhantes.

Durante o período em que estive hospedada na casa, indagava sobre as maneiras de um trabalhador clandestino conseguir a legalização e como ocorriam os casamentos brancos (anexo 1), estes casamentos incidem em negócios feitos com o intuito de conseguir a legalização no país. (Martins, 2007). Em 1997 os governos pertencentes à União Européia, através de resolução com base no ponto 3 do artigo K.1 do Tratado da União Europeia, decidiram:

“(...) por “casamento branco” entende-se o casamento de um nacional de um Estado-membro ou de um nacional de um país terceiro com residência legal num Estado-membro, com um nacional de um país terceiro, tendo por único objectivo contornar as regras relativas à entrada e permanência de nacionais de países terceiros e obter, para o

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

nacional do país terceiro, uma autorização de estadia ou uma autorização de residência num Estado-membro.”

Alguns fatores seriam determinantes para interpretar que determinado casamento se configura como um casamento branco; entre eles a ausência de vida em comum, a ausência de contribuição adequada para os encargos decorrentes do casamento, o fato de os cônjuges nunca terem se encontrado antes do casamento, o que provaria que foi negociado o matrimônio.

Durante as entrevistas com assistente social ou pessoa designada pelo governo, se os cônjuges se enganarem sobre os dados respectivos (nome, moradia, nacionalidade, emprego), sobre as circunstâncias em que se conheceram ou sobre outras informações importantes de caráter pessoal que lhes digam respeito; se os cônjuges não falarem uma língua que seja compreendida por ambos, ou quando for enviada uma quantia em dinheiro para que o casamento seja celebrado (com exceção das quantias entregues a título de dote nos casos de pessoas provenientes de países em que a entrega de um dote constitui uma prática normal); quando o passado de um ou de ambos os cônjuges revelar indicações sobre casamentos brancos anteriores ou irregularidades de residência; se for atestado uma destas situações o migrante envolvido no casamento perde sua permissão para viver no Estado.

Outra prática bastante conhecida pela locatária era os registros de crianças nascidas de mães francesas por homens em situação clandestina. Este era um dos artifícios utilizados para pleitear um documento de permanência no DUF, de acordo com as disposições da *Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias*, de dezembro de 2007. O trabalhador migrante tem o direito de permanecer perto dos filhos. Assim, a paternidade de uma criança gerada por mãe francesa possibilita ao homem estrangeiro o trânsito livre no DUF.

Tinha informação de que por vezes ela própria agenciava. Foi dito por ela que o registro de um dos seus netos foi feito por um imigrante clandestino. Ela observava minha atividade contínua de registrar falas e fatos, o que a deixava insegura.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Confrontei-me então com uma das tarefas mais árduas do etnólogo, questionar, perguntar, investigar, atentando para não ser extremamente invasiva. No entanto, por mais cuidado que eu tomasse para não aborrecer meus anfitriões com a pesquisa o limite entre o que poderia ser visto e registrado foi extrapolado, especialmente por as observações levantarem implicações sobre atitudes consideradas crimes pelo governo local. Percebi que minha presença não era mais desejada ali, assim preferi sair da sua casa por perceber que estava incomodando com as minhas perguntas.

Fui à procura de uma segunda hospedagem, levada por Alberto, um dos interlocutores. A casa pertencia a Sueli, uma brasileira de aproximadamente cinquenta anos, separada, mãe de cinco filhos, original do estado do Amazonas. Estava na Guiana havia muito tempo; foi na década de oitenta, levada pelo marido, um homem de nacionalidade peruana com quem tinha dois filhos, um deles gerado em uma relação extraconjugal com um homem local, o que motivou a separação.

Ela, igualmente, alugava “lugares” para brasileiros e peruanos clandestinos. Fiquei sabendo que é casada com um guianense em um casamento branco. Esse casamento foi negociado com o cidadão francês com a finalidade de conseguir a legalização por volta do início dos anos 80, ela não soube informar quanto custou à época em que foi realizado. Atualmente o preço desse tipo de união custa em média € 2.000,00 (dois mil euros).

Conforme narrou, sobrevive destes aluguéis e direitos sociais concedidos pelo governo francês. Inicialmente ficou muito à vontade com a oportunidade de fazer parte de uma pesquisa, no entanto depois apresentou bastante medo de ser identificada pelo governo francês e perder todos os direitos, além do receio de ter que responder judicialmente por viver em um casamento branco e abrigar clandestinos na sua residência, os seus antecedentes também lhe produziam temor de alguma denúncia. Ela relatou, em uma das entrevistas, ter esfaqueado seu ex-marido, um migrante martiniquense com quem viveu após a separação do primeiro marido, um homem de nacionalidade peruana. Esses motivos fizeram com que temesse prestar informações.

O marido peruano providenciou o casamento de Sueli com um jovem guianense que tinha dezoito anos à época; bodas pagas pelo esposo, para que a mulher vivesse de

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

forma legalizada na Guiana Francesa. Algum tempo após a separação deste marido peruano, foi morar com um homem martiniquense que recentemente havia conhecido. Entretanto, durante um ataque de ciúmes esfaqueou o companheiro, fato que levou novamente à separação.

O desemprego e a ausência do marido na casa para suprir as necessidades financeiras fizeram com que Sueli buscasse, nos aluguéis de lugares no seu apartamento para imigrantes clandestinos, uma alternativa para conseguir pagar as despesas mensais. Ela, da mesma forma que Alva, não desejava dividir o imóvel com pessoas estranhas, entretanto sentia-se compelida a isso pela situação vivida.

Havia outra forma de conseguir dinheiro, era solicitando do ex-marido peruano a o dinheiro dos filhos que eles tinham juntos, pois apesar de as crianças morarem com ele, ambas faziam algumas refeições em sua casa. Ameaçava-o dizendo que pediria a guarda dos filhos, o que fazia o homem temer a perda da posse das crianças. Por isso ele, que trabalhava em um supermercado de um chinês, enviava todos os meses fardos de alimentos para a casa.

Neste imóvel, um pequeno apartamento com dois quartos, localizado no centro de Caiena, viviam doze pessoas. Destas, quatro locavam lugares para dormir. Sueli, a dona da casa, alugou seu quarto para mim e foi dormir no chão da sala. Ali também dormiam Gabriel, um migrante peruano com documento de refugiado, que vivia de trabalhos informais e alguns programas sexuais com homens locais, e Lourinha, uma mulher brasileira, em situação clandestina que se ocupava da prostituição; um dos quartos era ocupado por mim e, no outro, na mesma cama, dormiam Marco – um trabalhador da construção civil, Luciene – nora de Sueli (apesar de dormirem juntos os dois não mantinham um relacionamento afetivo), e duas crianças: um menino de dois anos, filho de Luciene e outra criança de três, filha de sua cunhada. William, filho da locadora, dormia ao lado, em um colchão colocado no chão. Parte das trajetórias de cada um dos migrantes que viviam nas casas será discutida ao longo deste capítulo.

Após a minha saída desta casa, outros imigrantes locaram lugares ali, entre eles Ari, um trabalhador da construção civil, paraense, também clandestino; um casal de mulheres que exercia como atividade a prostituição e outra solteira com a mesma

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

atividade; ainda viveu uma mulher peruana com seus dois filhos. Nesta casa, bem como nas outras, o relacionamento entre os moradores era baseado sobretudo na tolerância.

Na casa morava Wiliam, seu filho, na época com dezoito anos. O rapaz havia terminado o Liceu (correspondente ao ensino médio no Brasil) e estava desempregado. Atualmente mora em Belém e trabalha em uma pequena loja de propriedade de sua namorada na feira no bairro do Guamá, periferia da capital paraense. Na casa morava também um menino de quatro anos, filho de uma filha de Sueli, que havia ido ao Suriname para se prostituir e deixou a criança aos cuidados da avó.

Luciene, uma jovem amazonense, solteira à época, com vinte e sete anos, estava na Guiana há aproximadamente um ano e tinha como atividade limpezas de casas de pessoas conhecidas. No Brasil era professora de ensino fundamental até o ano de 2002, quando namorou um dos filhos de Sueli e engravidou. Após o primeiro ano de vida do menino, viajou para o Departamento com o filho, acreditando que teria um futuro melhor ao lado do pai da criança. Contudo, ao chegar, soube que ele já tinha outra família em Caiena e estava em situação ilegal; por isso fazia trabalhos informais e a única maneira de ajudar era deixando-a na casa de sua mãe.

Sueli fazia as vezes de alcoviteira, para tentar casar Luciene com algum homem idoso que estivesse disposto a assumir a paternidade da criança. Por outro lado ela tentava de todas as formas se desvencilhar dos compromissos articulados pela sogra, pois dizia: *os homens geralmente são fedidos e mal educados.*

Outro morador da casa era Marco, um rapaz natural do Estado do Amapá; tinha perto de trinta anos, se dizia solteiro²⁰, trabalhava na construção civil e mantinha um relacionamento íntimo com Luciene; ambos dividiam a mesma cama em um dos quartos da casa. Entretanto, antes de começarem a se relacionar, foram obrigados a dividir o espaço, pois Luciene já dormia ali com o filho e o sobrinho, mas Sueli alugou o quarto para o rapaz que teve que dormir junto à mulher e as crianças. Vale lembrar que neste cômodo também dormia Wiliam, ao lado do casal.

Luciene continua seu romance com Marco, o casal foi morar em outra casa que aluga lugares para migrantes ilegais. A moça levou o filho para morar com as irmãs em

²⁰ Ressalto que muitos dos homens que se dizem solteiros no Brasil, possuem estado civil contrário

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Manaus e retornou para Caiena, com a justificativa de trabalhar. Entretanto, ressalta que *aquele ambiente não é propício para seu filho crescer.*

Os “outros” também alugam lugares nestas casas e convivem com os brasileiros com seus estigmas e estereótipos. Gabriel, o homem de nacionalidade peruana, como citado anteriormente, tinha aproximadamente trinta e cinco anos, solteiro, e não exercia nenhuma atividade remunerada fixa no Departamento. Eventualmente fazia programas sexuais com homens locais, que lhe proporcionavam rendimentos, com os quais pagava o aluguel e alimentação na casa. A ele, a denominação “peruano” predominava em relação ao nome de batismo. No entanto a diferença acabava aí, já que era obrigado a sujeitar-se aos mesmos aborrecimentos enfrentados pelos outros moradores.

Algum tempo após, não tolerando a dona da casa que o ofendia e usava da desqualificação para atingí-lo, falando para todos como Gabriel conseguia seu dinheiro, ele decidiu sair da casa de Sueli e ir morar em um velho carro que havia conseguido em um bairro periférico.

Lourinha, outra moradora que alugava um lugar na casa, era paraense, tinha aproximadamente trinta e cinco anos, mãe de dois filhos que ficaram aos cuidados da avó materna no Brasil. Prostitua-se nas ruas da capital guianense com a justificativa de precisar dar uma vida digna para os filhos, que ela não pôde ter. Por isso, segundo ela, “passa por tudo de ruim que a prostituição e viver pela casa dos outros acarreta”. Ela ainda vive em Caiena fazendo programas, apesar de, neste intervalo de tempo, ter sido presa e deportada algumas vezes.

Todas essas pessoas viviam submetidas às disposições de espírito de Sueli. Por sua condição de clandestinas passavam a ser alvo fácil de situações humilhantes. Um dos interlocutores disse que após a minha vinda para o Brasil, ela alugou um “lugar” na sala para uma mulher peruana com seus dois filhos. Uma semana após a mulher foi expulsa. Ao pedir a restituição de parte do dinheiro usado para pagar antecipado o aluguel, que seria empregado para obter outro lugar para ficar, argumentando ser trabalhadora, Sueli usou da autoridade do seu documento para expulsar a mulher com as crianças da casa.

O vício rompia qualquer probabilidade de solidariedade de gênero (pois Sueli já havia gasto todo o dinheiro com bebidas e cigarros, portanto, não tinha como devolvê-lo). Por isso, expulsar a família da casa naquele momento parecia uma boa estratégia e maneira de ter rapidamente um lugar para ser novamente alugado.

Atualmente, Sueli, sem conseguir pagar suas dívidas e o aluguel do imóvel (pois o alcoolismo fez com que todo o dinheiro que recebia do governo e dos aluguéis fosse gasto), foi despejada da casa em que alugava “lugares”. Ainda tentou conseguir algum dinheiro fazendo programas, mas não conseguiu êxito na sua tarefa. Hoje em dia mora na “crica”, zona de prostituição da capital. Às vezes encontra lugares para dormir, em outras é encontrada dormindo na rua. Seu ex-marido “peruano” foi trabalhar na França e levou consigo os filhos, desta forma ela perdeu o direito a receber os benefícios sociais concedidos às crianças.

Grande parte dos trabalhadores que alugaram um “lugar” em um destes imóveis sente orgulho em dizer que agora a sua situação está muito melhor do que a das locatárias que os maltrataram. Essa estrutura parece demonstrar que as posições entre a condição de clandestinos e legalizados são transitórias, o que contribui para as mudanças na identidade e representações dentro do grupo de acordo com o momento e a posição que exercem na sociedade.

2.4 Casas de Clandestinos: espaços de sociabilidades

Se a proximidade do clandestino ao legalizado, na situação de aluguel de lugares nas casas, revela um conjunto de representações, avaliações e expectativas de lado a lado, o aluguel de uma casa ou lugar desvinculado do locatário gera outro sistema de relações, onde a noção de lugar se estabelece com mais facilidade.

Algumas casas ou quartos separados da moradia do locatário são alugados para trabalhadores clandestinos. As que apresentavam este perfil eram localizadas em áreas periféricas próximas à Caiena. Quanto à construção da maioria, as condições de

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

habitabilidade e higiene eram precárias, havia pouco espaço para o descanso, e praticamente nenhuma privacidade.

Estes imóveis ofereciam estrutura problemática; um deles localizado em Suzini, um bairro periférico de Caiena, era construído com restos de materiais de construção, ficava nos fundos da casa de um migrante haitiano, escondido por trás do curral dos porcos. Os quartos mediam aproximadamente dezesseis metros quadrados, tinham o telhado composto por pedaços de telhas de amianto, as paredes e o chão improvisados com pedaços de tábuas de compensados; o banheiro era um pequeno quadrado construído em madeira, onde os migrantes armazenavam latas de água para o banho; outras necessidades eram feitas em um matagal próximo ao terreno ou em sacos plásticos que eram lançados ao terreno baldio localizado ao lado da habitação.

Nessa casa moravam Nalva, Julio e Louro; a mulher afirmou que mantinha um relacionamento amoroso com Julio, um trabalhador brasileiro em situação clandestina, no entanto vivia com o namorado e outro homem, conhecido como Louro, um antigo garimpeiro que agora se ocupava da construção civil, no mesmo espaço dentro do barraco.

Nalva narrou que algumas estratégias eram elaboradas na vida de migrante para morar ou comer. Uma delas era solicitar a algum “amigo” que lhe trouxesse comida. A mulher afirmava que, na maioria das vezes, pedia aos homens que saíssem do quarto para que ela ligasse para um dos namorados pedindo refeição e bebidas. Solicitação prontamente atendida. Os “namorados”²¹ levavam o alimento e aproveitavam para fazer sexo com ela. Após a saída do “amigo”, Julio e Louro regressavam e se alimentavam da comida conseguida por ela. Essa estratégia, ao mesmo tempo em que resolve alguns problemas econômicos, de transporte, e às vezes até jurídicos, contribui para estigmatizar a mulher, e reforçar a visão estereotipada que a representa de forma erotizada.

Sobretudo porque a sexualidade é utilizada por grande parte das mulheres como estratégia de vida. Algumas a usam como forma de obter “favores” dos homens,

²¹ As mulheres que pedem estes favores preferem denominar de amigo ou namorado os homens que oferecem este suporte financeiro ou alimentício que é trocado por sexo

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

seduzindo-os para obter presentes. Nalva afirmava pedir ajuda aos homens, para conseguir as refeições ou pagar o aluguel do lugar onde vivia, ou mesmo mandar dinheiro para a família que ficou no Brasil. Nesta casa, apesar da distância do centro e dificuldades estruturais, as relações sociais entre os moradores aproximavam-na da noção de lugar discutida por Augé.

As casas de migrantes clandestinos em Cogneau-lamirande, outro bairro afastado da capital, apresentavam condições semelhantes à anterior. Esta casa também não tinha banheiro, a água consumida era coletada das chuvas, e era composta de apenas dois compartimentos, onde viviam todos. A moradia foi erguida sobre um igarapé em uma área de ocupação e por algumas vezes foi visitada pela polícia em operações de controle.

Era construída em madeira, e ali viviam cerca de dezessete pessoas, dentre as quais quatro crianças que não freqüentavam a escola por serem filhas de trabalhadores clandestinos e estarem em situação semelhante. Duas pertenciam a um homem que havia separado da esposa em Macapá e trouxe as crianças, um menino e uma menina, com idades entre cinco e sete anos, para viver com ele na Guiana Francesa, narrou que pretendia oferecer um *futuro melhor para os filhos*. Outros dois meninos, com idade entre quatro e seis anos, eram filhos de um casal também oriundo de Macapá; o homem trabalhava havia seis anos na construção civil na Guiana e mandou buscar a esposa e os filhos no Brasil, para que as crianças pudessem estudar no Departamento. Seus planos eram semelhantes ao do colega de moradia.

Estas relações nas quais crianças descobrem-se envoltas em planos de migração que não traçaram, origina uma nova realidade e contexto de representações. Elas necessitam adequar-se ao convívio, relações de sociabilidade e condições de vida, na maioria das vezes, precárias. Aprendem a transitar e negociar com uma nova cultura, diferentes idiomas e também precisam acostumar-se ao afastamento de um núcleo familiar mais extenso. Essa realidade apresenta para as crianças uma série de novas questões, como o estigma da condição de migrantes sem terem escolhido esse caminho, a necessidade de interagir com grupos até então desconhecidos do seu “mundo” e, sobretudo, a reflexão acerca da condição de clandestinos, dos pais e outros companheiros de moradia.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Durante um momento de observação junto a um grupo de crianças oriundas da cidade de Oiapoque, que viviam na Guiana Francesa, com idades entre dois a seis anos, percebi com clareza como se processam para elas as construções sociais em relação à condição de clandestinos dos adultos, pois ao questioná-las acerca da demora, em regressar do trabalho, de um dos moradores da casa, a resposta apresentada foi que se o rapaz ainda não havia retornado, seria porque teria sido preso e deportado para o Brasil. Contudo, todas ficaram muito contentes ao ver o homem chegar alguns minutos após a conversa. A maioria dos pequenos afirmava com satisfação que ele não havia sido preso e já voltava para a casa.

Essas representações demonstram que a presença da clandestinidade e da possibilidade de um dos membros do grupo familiar ser preso e deportado é entendida e elaborada pelas crianças de maneira corriqueira. Afinal, na visão da maioria deles, a polícia tem poder para prender seus pais ou parentes, mesmo eles não sendo responsáveis por algum crime. Por outro lado, os migrantes também têm a possibilidade de retornar em alguns dias e seguir como de costume as atividades cotidianas.

Finalmente, a casa é o um dos espaços de sociabilidade onde se constituem e se estruturam as relações de parentesco, residência, e especialmente, de lugar. Nestes espaços as identidades e as relações de poder se manifestam. Nela moradores se definem e classificam a partir do sentimento de pertença; para aqueles que fazem parte do grupo familiar o lugar é entendido e indicado como “em casa”. Diferente classificação é atribuída por aqueles que ali alugam um “lugar”; estes entendem o espaço como “na casa ou a casa” indicando um não-lugar para o imóvel.

Fluxos de pessoas e histórias de vida se sucedem nestes espaços. Neles trabalhadores promovem relações de poder e sujeição ao outro, de acordo com o status exercido na sociedade. No entanto, esta condição tende a ser temporária para ambos, e as posições na estrutura modificam-se fazendo com que os que anteriormente hospedavam agora tenham que se submeterem aos que antes eram seus inquilinos.

Estas relações apresentam comportamentos, que revelam identidades em conflito. Dessa forma, para entender o desenvolvimento das relações é imprescindível avaliar o contexto estrutural dos grupos. É necessário levar em conta o perfil da maioria

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

das pessoas e famílias que vivem nestas casas; mais especificamente seu lugar de origem, sua etnicidade, sua classe social, seu gênero, etc.

O ser mulher influi significativamente nesse processo, quando se estabelecem os cruzamentos dentro do marco da reprodução social, na qual as mulheres desempenham um papel chave de articuladoras das relações dentro do seu grupo, e de elemento secundário nos outros contextos. Assim, as relações dentro das casas convertem-se em recursos de reprodução pessoal e familiar em grande parte manobrada por mulheres. Esta construção de alteridades amiúde está relacionada com a situação de ser mulher brasileira na Guiana Francesa, característica que cria uma relação de conflito para com os outros, tanto no contexto doméstico quanto no econômico e social mais amplo.

A identidade é utilizada para definir, senão avaliar, um comportamento singular, de um grupo, numa região específica. Com a construção de alteridades é possível identificar comportamentos e motivações que distinguem as diversas culturas. Em última instância, o que se busca é a possibilidade de enxergar de que maneira este comportamento cria um sentido comum de lugar, onde os que o compartilham reconhecem-se e estabelecem, efetivamente, alteridades.

CAPÍTULO III

Trajetórias de trabalhadores clandestinos: estratégias de inserção

“Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; ele é, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser”

Sayad (1998)



Figura 6: Trabalhador migrante em situação clandestina em Caiena
Foto: Rosiane Martins/2005

CAPÍTULO III

Trajetórias de trabalhadores clandestinos: estratégias de inserção

Este capítulo apresenta trajetórias de trabalhadores brasileiros na Guiana Francesa a partir de relatos de suas experiências. A finalidade é entender as identidades construídas por esses migrantes, que são representados como clandestinos. A reprodução das narrativas tem como finalidade destacar as experiências em relação à viagem, o controle policial, as relações sociais, a busca por trabalho, dentre outras questões enfatizadas por eles. O que, para os sujeitos pesquisados, significa ser um migrante clandestino, em fronteiras translocais, transnacionais? Sujeitos deslocados?

3.1 “O imigrante é essencialmente uma força de trabalho”²²

Conhecer os caminhos, os trajetos dos migrantes na Guiana Francesa é uma das formas para compreender de que maneira o grupo dos brasileiros cria estratégias para estabelecer-se no Departamento. Os percursos dos migrantes são frequentemente marcados por diferentes obstáculos dentre os quais destacam-se etapas de adaptação à sociedade, à língua, às comidas e costumes. Durante estas trajetórias eles utilizam-se destes mecanismos para legalizar-se, conseguir trabalho ou moradia.

A qualidade de sociedade globalizada oferece à Guiana Francesa a característica de espaço transnacional, onde os sujeitos sociais lutam por projetos familiares, sociais, políticos e de cidadania, migrantes de diferentes nacionalidades traçam estratégias para superar as barreiras da vida longe da terra natal e do contato com uma nova realidade. Nestas sociedades o conceito de cidadania passa necessariamente pelo cultural e étnico, com ênfase nas disputas para estabelecerem suas posições em variados campos. Os migrantes fazem constantes reivindicações para terem reconhecidos direitos sociais e

²² Cf. Sayad 1988. p.54.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

políticos, em processos constantes de afirmação social que determinam ocorrências de antagonismos ou de cooperação.

É um contexto onde o deslocamento se apresenta também como fluxo cultural (Appadurai, 1998) em relação aos movimentos realizados pelos diversos grupos que tem como objetivo principal a resolução de problemas financeiros. Contudo, encontram-se envoltos em processos de mistura de culturas diferentes que não se caracteriza por uma relação centro-periferia (América Latina e Europa), mas por um intercâmbio de culturas e significados nos quais todos transitam.

Os migrantes confrontam-se com a necessidade de criar mecanismos para superar entraves e estabelecer-se, em uma lógica que não permite a revelação da verdadeira condição do migrante para os familiares que permaneceram no país de origem, em uma legitimação da figura do trabalhador migrante como “um forte”. Especialmente porque esta migração tem seu trajeto marcado por obstáculos e dificuldades que na maioria das vezes não são expostos na sociedade de origem, disfarçando sua real condição.

Em seu livro “A imigração ou os paradoxos da alteridade”, Sayad (1998) discorre sobre o fenômeno da imigração, avaliando as condições encontradas na migração e de que maneira ela pode ser “dissimulada” na sociedade de origem. O autor afirma que

“Uma das características fundamentais do fenômeno da imigração é que, fora algumas situações excepcionais, ele contribui para dissimular a si mesmo e a sua própria verdade. Por não conseguir pôr em conformidade o direito e o fato, a imigração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com intenso sentimento de provisoriedade” (p.45).

Ainda neste sentido, Sayad assinala serem os discursos, principalmente os políticos, a propósito de declarações feitas por autoridades francesas, instrumentos que projetam oportunidades e tolerância que não se cumprem; isto porque as intensas

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

políticas de controle da imigração são cada vez mais constantes, são discursos ambíguos, que reforçam a visão que os classifica como pura força de trabalho.

“O imigrante não é uma pessoa que se deporta (...), é um homem que vem para o nosso país com uma esperança, a de participar da vida econômica de um país que é a terra do trabalho, a terra da liberdade...”
(P. Dijoud, 1975).

Embora o migrante seja desejado somente enquanto está produtivamente ativo, ele vê na possibilidade de migrar para o DUF perspectivas de mudanças socioeconômicas ou alternativa para encontrar oportunidades escassas na sociedade de origem. Estas contradições e a constante contribuição dos migrantes que, ao trazerem notícias “do lado de lá”, incentivam a ida de novos trabalhadores, revelam um dos pontos principais de reprodução do migrante, sobretudo o clandestino: a expectativa de conseguir uma vida melhor.

Movidos por este pensamento, em meados da década de 1960, houve um intenso processo de deslocamento de trabalhadores brasileiros para a Guiana Francesa. Com a finalidade de conseguir mão-de-obra barata, para a construção da base de lançamento de foguetes na cidade de Kourou (CSG)²³, o governo francês incentivou a ida de diversos trabalhadores, entre eles brasileiros, para o Departamento. De acordo com Piantoni (2009, p.118), os brasileiros representavam 30% da população da Guiana Francesa no ano de 1974, ou seja, um total de 1.559 migrantes. Houve um intenso movimento de brasileiros em direção à Guiana, chegando a ter, somente na década de 1990, somando uma população de brasileiros legalizados de 15.000.

Após este período, e especialmente nas últimas décadas, o mesmo governo programou e regulamentou políticas severas de redução da imigração. Embora tenha que enfrentar este quadro, a expectativa de obter “uma vida melhor” continua atraindo diariamente dezenas de pessoas para esta região. A estabilização destes trabalhadores é incentivada, de maneira indireta, pela presença de alguns migrantes pertencentes ao primeiro fluxo que continuaram no Departamento e obtiveram relativo sucesso na

²³ Centro Espacial Guianês

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

migração. Eles demonstram para a família, que permaneceu no Brasil, uma vida de prosperidade que dificilmente seria conseguida na terra natal.

Pode-se avaliar que essa atração populacional para o departamento francês tende a continuar, pois considerando que muitos países fronteiriços ou que fazem parte da região apresentam sérios problemas sociais, sendo o desemprego um dos mais comuns, as populações oriundas dessas localidades se deslocam pela região à procura de melhores condições socioeconômicas que supostamente seriam encontradas ali, ofertadas pela moeda (euro) e pelos vários garimpos. Deste modo, mesmo com a intensificação do controle aos migrantes clandestinos, estes continuam se arriscando nessa travessia.

Os problemas relativos às migrações e deslocamentos nos dias atuais são pontos de discussões centrais na elaboração de políticas governamentais. A maioria dos migrantes, deslocados e refugiados vê nas sociedades economicamente mais ativas a possibilidade de mudança social. Na França amazônica, esse movimento é um dos maiores e mais graves problemas, embora, algumas vezes, eles se apresentem como uma força de trabalho necessária.

O migrante é tolerado em função de um rápido crescimento econômico da sociedade local. Entretanto sua condição deveria ser a de provisório, já que esta não é a sua sociedade de origem. Ele se apresenta como um mundo de relações e expressões; sua identidade entra em contato e conflito com a dos outros sujeitos em diferentes condições, mas com algumas similaridades. São refugiados de guerras, refugiados climáticos, deslocados de áreas dominadas pelo narcotráfico e imigrantes de países pobres a exemplo dos caribenhos da República Dominicana e Haiti. Sayad (1998) analisa a lógica de inserção e condições sociais do imigrante na sociedade receptora:

“O ideal teria sido que (...) o imigrante fosse uma pura máquina, (...) e uma vez que o imigrante não é puramente mecânico, é forçoso conceder-lhe um mínimo. Assim, como trabalhador, é preciso que seja alojado, mas então o pior dos alojamentos é amplamente suficiente; como doente, é preciso que seja tratado (isso por ele mesmo e talvez muito mais para a segurança dos “outros”), mas que seja de forma mais rápida e econômica, sem tomar sempre o tempo e cuidado que uma situação particular requer, principalmente no caso de doenças mentais” (p. 58).

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Ainda que sejam programadas políticas para controlar o número de migrantes na França, o fluxo permanece intenso e constante, um dos elementos mais importantes na manutenção destes movimentos são as redes sociais. Os grupos possuem redes bastante resistentes, revelando sua importância na construção de uma sociedade que tem como característica a diversidade. São elas que oferecem apoio para a jornada migratória de grande parte dos migrantes. Na maioria das vezes eles são levados por amigos ou parentes que ali vivem com status de legalizado, e auxiliam no trânsito e estabelecimento do recém-chegado. Entretanto, muitos que transportam trabalhadores estão em condição similar, classificados como clandestino ou *sans-papiers*²⁴, o que revela um processo de migração clandestina ou clandestinização crescente do migrante.

Neste contexto foi criada, pelos brasileiros, a categoria “clandeco”, para classificar este grupo que não conseguiu ascender ao status de legalizado. Trata-se de uma identidade atribuída ao clandestino vista como depreciativa, pois o concebe primeiro como clandestino, para secundariamente descrevê-lo como trabalhador.

Durante as investigações destacou-se, nas falas de alguns interlocutores a afirmativa de que até o ano de 2002, a moeda era valorizada e havia ocupação para todos; porém, atualmente, com os trabalhos que executam conseguem obter pouco dinheiro. Eles afirmam que os brasileiros têm pouca credibilidade junto aos contratantes, o que dificultava as relações de trabalho.

A não exposição das experiências vivenciadas se justifica pela necessidade de demonstrar, por meio de remessas em dinheiro enviadas para a família, êxito na migração; eles acreditam ser contraditório e humilhante expor a verdadeira condição vivida. Por isso, quando retornam ao Brasil, procuram apresentar aos parentes, amigos e vizinhos uma imagem de prosperidade. Essa noção de sucesso apresentada nos períodos de férias estimula potenciais migrantes a acreditarem que esta é a oportunidade de conseguir um bom valor em dinheiro, a exemplo do retornado, que após as festas ou férias volta para o “lugar onde é bom de ganhar dinheiro”.

²⁴Categoria surgida em meados de 1990 para identificar os migrantes que possuem filhos ou família na França, mas que não tem permissão para trabalhar

3.2 “E aí, tem gente passando²⁵?”: trajetos e travessias de migrantes

O acesso clandestino à Guiana Francesa é extremamente difícil (florestas densas, rios e oceano atlântico), é uma área marcada por mistura de sonhos, anseios e tensões, em um contexto que demonstra o outro lado como um universo de possibilidades, como uma vida melhor ou espaço de trabalho, para os que se ocupam de transportar clandestinos e para os responsáveis pela vigilância (polícia francesa).

A opção pela imigração clandestina justifica-se pela dificuldade em obter o visto²⁶ de turista, trabalho ou residência em solo francês. Situação que não os demove da resolução de migrar. Circunstância semelhante também ocorre em outros departamentos franceses ao redor do mundo²⁷. As restrições e dificuldades para a obtenção de vistos são bastante comuns, o que contribui para o aumento do número de migrantes em situação irregular, e para promover a formação de grupos de “passadores de clandestinos” nas áreas de fronteira.

Assim, o movimento de travessia é repleto de histórias de vida e morte encontradas ao longo da fronteira. O migrante antevê um quadro de dificuldades que possivelmente serão encontradas durante a vida ou até que ele consiga estabelecer-se.

²⁵ A interrogação “e aí, tem gente passando?” é comumente feita por trabalhadores clandestinos na cidade de Oiapoque, ao planejarem entrar em terras francesas nesta condição. Ouvi pela primeira vez em uma conversa que um homem brasileiro tinha com um agenciador deste tipo de transporte; realizado por grupos especializados na atividade, que atuam nesta área de fronteira.

²⁶ Segundo informações da representação do consulado francês no Brasil, os departamentos franceses possuem o mesmo estatuto dos departamentos metropolitanos. Todavia o artigo 73 da Constituição francesa prevê a possibilidade de adaptação dos textos legislativos e de sua organização administrativa em função de suas especificidades. O que possibilita a exigência de vistos nos departamentos, diferente da política adotada na França para os brasileiros que podem permanecer naquele país por até três meses sem a solicitação do documento.

²⁷ A França é dividida em quatro unidades político-administrativas que são: município, departamentos, região e administração central. A Guiana Francesa está localizada entre os departamentos ultramarinos. Ainda estão nesta categoria Martinica, Guadalupe e La Reunion, que também recebem o status e direitos sociais conferidos aos habitantes do Estado Europeu.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Embora nem sempre esse estabelecimento ocorra de direito, somente de fato, a maioria passa muitos anos vivendo de maneira clandestina e fazendo a travessia sempre da mesma forma, cheia de tensões e temores.

Durante a partida o migrante leva como bagagem parte de seu território, identidade, língua, hábitos, costumes, enfim sua cultura. Então sua estada em terras estrangeiras promove este encontro entre alteridades. São travessias marcadas pelo encontro com o desconhecido, que apresentará para os trabalhadores novos significados com os quais eles terão que aprender a negociar; a partir do momento em que iniciam novas relações sociais.

O perfil que qualifica grande parte dos trabalhadores na Guiana é de pessoas de ambos os sexos, com idade entre 20 e 50 anos, desempregados ou subempregados, com escolaridade insuficiente para conseguir serviço fixo com acesso a direitos sociais conferidos aos trabalhadores brasileiros.

Destacou-se nas entrevistas que a escolha pela Guiana Francesa seria facilitada devido à proximidade geográfica e o baixo custo da viagem, que pode ser feita de navio, partindo de Belém até Macapá, e de ônibus até a fronteira por um valor médio de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) Outro atrativo é o elevado valor da moeda de circulação local (euro) que tem cotação em torno de R\$ 2,35²⁸ (dois reais e trinta e cinco centavos). Estes seriam alguns dos fatores que a caracterizariam como rota migratória importante no contexto local, mesmo após a intensificação da vigilância a partir do ano 2005, com a implantação de barreiras ao longo da estrada em direção à capital e a colocação de equipes de policiais pertencentes à Polícia Auxiliar de Fronteira (PAF), *Gendarmerie* e da Legião estrangeira, nas matas e rios, na tentativa de prender imigrantes durante a entrada no DUF.

A travessia dos migrantes ocorre de duas formas: por via terrestre (estrada e mata) ou marítima, com a utilização de canoas denominadas catraias; ressaltado que este segundo meio de transporte é utilizado principalmente por aqueles que se dirigem para áreas de garimpo e, eventualmente, para o ingresso nas cidades com economias mais

²⁸ Média da cotação cambial de 01/2010.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

ativas (Caiena, Kourou, Saint-laurent). Em relação a esta viagem Arouck (2001) infere que

“o acesso brasileiro a Caiena dá-se, preferencialmente, por via marítima, em embarcações pequenas, com motor de centro, do tipo amazônico, feitas em madeira, impróprias, portanto, para a navegação em mar aberto e/ou noturna. As saídas podem ser feitas de Macapá ou pelo rio Oiapoque. Em ambas as situações os atravessadores, como são conhecidos aqueles que realizam as travessias marítimas, cobravam em média 600 reais por pessoa adulta, sem, é claro, qualquer garantia de chegada ao destino: a foz do rio *Mahury*, onde os passageiros são literalmente abandonados no lodaçal” (p.108-109).

Diversos casos foram relatados sobre este acontecimento, um deles foi o de uma casa onde viviam aproximadamente treze pessoas em situação irregular, localizada em um bairro periférico na cidade de Caiena. A polícia revistou a moradia em busca de um homem que teria comprado produtos de roubo. Desta casa foram levados presos sete homens que viviam clandestinamente na Guiana, ficando apenas as crianças e mulheres. Imediatamente após o episódio, as mulheres comunicaram o fato a patrões e amigos para que providências em relação ao retorno fossem tomadas. O retorno, horas após a deportação, neste período era bastante comum, como corrobora a reportagem do jornal *France Guyane*²⁹



Figura 6: reportagem do jornal *France Guyane* a cota de deportações estipulada pelo governo francês para o ano de 2006

²⁹«Expulso, eu retorno no mesmo dia”. A cota de 7.500 reconduzidos à fronteira imposta para 2006 para as forças policiais na Guiana incita a fazer números? José, 25 anos, vive há quatro anos sem papel e julga a medida ineficaz, pois depois de expulso ele retornará dentro de 24 horas. Tradução nossa.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

A justificativa para a adoção de algumas destas medidas está na necessidade de impedir a entrada de migrantes em seu território com a finalidade de diminuir a “violência” e conter os altos custos com os imigrantes desempregados e outros na condição de ilegais. Esta política vem sendo instituída na França desde os anos 1990. Deste modo, na Guiana Francesa, as operações para captura e deportações de migrantes ilegais têm sido cada vez mais freqüentes. Neste sentido Reis (2004. p. 57), descreve as ações tomadas pela França no intuito de conter o fluxo migratório em suas terras.

“a França, ao longo dos últimos anos, vai adotar políticas que questionam principalmente a fronteira interna entre cidadãos e estrangeiros, e entre estrangeiros legais e ilegais, e que lançam uma permanente suspeita sobre qualquer estrangeiro dentro do país. Assim, desde 1993, a polícia francesa está autorizada a interpelar qualquer pessoa que "se pareça estrangeira" para verificar sua situação legal no país.”

Este controle foi intensificado após o ano de 2005, tornando difícil a permanência ou renovação de visto de residência (*carte de séjour*). Carlos revela os obstáculos enfrentados para a renovação do documento de trabalho e residência:

“Difícilmente um trabalhador brasileiro consegue “papel”³⁰ e até a *carte de séjour* de quem já mora há muitos anos, eles (prêfecture)³¹ não estão renovando. Agora precisa saber ler e escrever em francês e não pode estar na *Chômage*³². É verdade que tem muito brasileiro que trabalha seis meses e sai do emprego para ficar recebendo da *Chômage* e trabalhando *a noir* (sem registro); porque faz uns bicos e ganha dos dois lados, mas não são todas as pessoas” (Carlos, um trabalhador brasileiro de cinquenta anos, natural do estado da Bahia, morador da Guiana Francesa há trinta e cinco anos).

³⁰ Denominação atribuída ao documento de residência, emitido pela administração departamental, pelos migrantes brasileiros.

³¹ Órgão francês responsável pela emissão de permissão para residir no Departamento Francês.

³² Órgão francês responsável pelo pagamento de um auxílio mensal para trabalhadores desempregados

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Ainda neste sentido o imigrante expõe as dificuldades encontradas por aqueles que venderam seu papel³³ e tiveram seus dossiês perdidos,

“eu fui na préfecture renovar minha séjour; porque essa última que eles me deram era só de um ano, e a mulher não queria me atender. Então eu falei pra ela: madame eu vou ter que fazer meu rendezvous³⁴ e tenho que pegar meu dossiê. Ela me disse que só ia conversar comigo quando eu falasse em francês porque ela não conversava em crioulo. Eu não sei falar em francês, só falo crioulo. Aí eu deixei aquela filha da mãe lá e voltei outro dia pra falar com uma branca; que me disse que eu não tinha nada guardado; porque quando eu vendi meu papel jogaram fora tudo. Agora tenho que começar do zero, e vai demorar pra eu pegar um papel de dez anos porque não falo francês e esse Sarkozy está arrumando um monte de coisa pra gente não renovar o papel e ter que ir embora”.

O relato do brasileiro demonstra que a relação da França com seus imigrantes parece estar se tornando cada vez mais complicada. A tendência que aponta para considerar a imigração como um problema de segurança e o imigrante como uma ameaça ao país, parece ter sido estabelecida como uma das metas mais marcantes da atual política. Os migrantes clandestinos estão no centro destas discussões e recebem toda a carga de estigmas; são vistos como vilões pelas instituições políticas e por muitos dos seus pares que atribuem a eles a culpa pela formulação deste tipo de medida.

Neste processo de resistência dos migrantes, o papel das redes é fundamental para a sua permanência e o estabelecimento de relações sociais, sobretudo em espaços de grande influência como os locais de trabalho; onde muitos procuram encaixar seus parentes ou amigos, e no agenciamento e negociação de papéis (documentos de legalização). É voz corrente que existem trabalhadores de órgãos departamentais que intercedem à favor da emissão de documentos para alguns migrantes. Estes processos

³³ Durante a implantação do plano real no Brasil, o governo francês estimulou a venda de *cartes de séjour*. O acordo consistia no recebimento de uma quantia em dinheiro a ser acertada entre o portador do documento e o governo Francês em troca do compromisso de não voltar mais a estabelecer moradia em terras francesas. Muitos trabalhadores fizeram esta negociação. Entretanto com as crises econômicas e negócios mal sucedidos, diversos trabalhadores tentaram voltar na condição de clandestino. Ver mais em Arouck,2001.

³⁴ Entrevista marcada para análise dos documentos de solicitação de carta de trabalho ou residência.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

seriam mais facilmente movimentados com a ajuda de funcionários do órgão, entretanto poucos brasileiros trabalham nestas instituições.

Estas atividades podem ser interpretadas como estratégias criadas para burlar as leis francesas, adquirir mais uma fonte de renda, ou mesmo tentar legalizar um parente que esteja em condição clandestina. Exemplos de como os migrantes elaboram mecanismos para superar os obstáculos através de suas redes e do capital compartilhado. No entanto, ultimamente estas redes não têm conseguido êxito; o endurecimento das leis e várias mudanças na política migracional francesa as têm levado a elaborarem diferentes estratégias na tentativa de burlar os obstáculos.

Ainda que a presença de amigos ou parentes estabelecidos, que precederam os recém-chegados facilite de alguma forma, a obtenção de moradia e trabalho, os locais onde vivem vários destes migrantes oferecem condições estruturais insalubres, e os moradores compartilham do mesmo status jurídico, o de clandestinos. Para todos as oportunidades de mudança social são bastante escassas. Mesmo aqueles que conseguem a legalização ou trabalho no DUF não têm garantias de alcançar os sonhos. Este pode ser, para muitos, o princípio de uma jornada repleta de experiências humilhantes e de sujeição aos humores de patrões e pares.

Nestas situações o sonho de ir para outro país e voltar rico, com metas alcançadas, começa a ser desfeito. Ao chegar à Amazônia francesa, o migrante se depara com um lugar onde grande parte da população busca realizações semelhantes e encontra uma estrutura precária, habitações construídas com restos de materiais, às margens de barrancos, em lugares em que o chão é de terra batida, a água é coletada no mar, rios, chuva ou igarapés, e onde também por vezes são feitas as necessidades biológicas.

São circunstâncias toleradas, à medida que se espera obter ascensão social e econômica no país de origem. De acordo com Gaudemar, a migração carrega consigo uma justificativa que é voltar vitorioso da viagem, medido pelo sucesso financeiro:

“Por mais forçada que possa ser a partida da imigração é também muito largamente interiorizada pelos imigrantes como meio de acumulação individual destinada a assegurar o regresso ao país (...) a exploração forçada é frequentemente suportada na medida

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

em que, no fim, há a imagem de uma casa, uma camioneta” (1977, p.40).

Esta citação pode ser relacionada e até transposta para compreender os projetos e desejos dos brasileiros:

“Eu já venho pra Caiena há mais de dez anos e tenho em Macapá uma casa boa em que eu vivo com a minha filha e uma vila de casas que me dá uma tranqüilidade, mas quando as coisas começam apertar por lá eu venho trabalhar aqui” (José é trabalhador da construção civil, natural de Macapá, tem 56 anos, é separado e tem uma filha).

Seu Antonio, outro interlocutor, revela sua trajetória no departamento francês que passa pela chegada dos primeiros migrantes nos anos 1960 e 1970 até o controle policial nos dias atuais:

“Eu vim pra Guiana quando não existia estrada e era só um caminho de terra, ajudei muita gente aqui. Em Macapá tenho casa e minhas filhas estudam na universidade, mas eu ainda tenho que trabalhar aqui porque ajudo a pagar a mensalidade do curso delas, e como a minha esposa é dona de casa todos dependem de mim. Agora eu trabalho na construção, mas não é nada certo; porque um dia tem trabalho e no outro não. Às vezes faço um serviço e às vezes não; porque aqui é muito difícil trabalho pra quem não tem papel. Se os jandarme³⁵ (sic) ou a PAF pegar a gente trabalhando, eles mandam de volta com a roupa do corpo; a gente não pode levar na casa em que mora que é problema pro dono da casa” (Antonio é trabalhador da construção civil, tem 54 anos, é amapaense, pai de quatro jovens e vive na Guiana Francesa há mais de 30 anos).

As observações e narrativas permitem desconstruir as alusões a uma vida de prosperidade. Sob este ângulo, contribuem para compreender como as redes e o capital social de que cada um é detentor, diferencia alguns que conseguiram obter relativo sucesso na migração, de outros que vivem em condições de dependência da rede para sobreviver no Departamento.

³⁵ Maneira como os brasileiros chamam os policiais ligados a Gendarmerie, uma das policias do Estado francês que auxilia no controle aos migrantes no departamento francês.

3.3 Do controle ao encontro com o outro: relatos de experiências na prisão e estratégias de vida

As ocasiões em que ocorre o encontro com o Estado francês, representado na figura da polícia, são momentos de intensa angústia. O centro de detenção é um dos espaços onde os migrantes se defrontam com a descoberta da sua condição e a materialização de um dos mais constantes temores, a deportação.

Ali, quase sempre, utilizam o tempo para elaborar reflexões acerca da própria condição. Essa situação, somada à incerteza do futuro, faz com que surja um estado de constante angústia e sofrimento ligados à deportação para o Brasil ou o retorno quase imediato e obrigatório para a Guiana Francesa.

Sayad (1998) fala da dupla ausência do migrante, descrevendo a condição daquele que deixou o seu país de origem e, no país que o acolhe, é ao mesmo tempo incorporado e excluído; esse estado de ambiguidade onde o migrante é aceito na medida em que sua força de trabalho é necessária, e excluído quando não exerce seu status de trabalhador, expõe a condição com que ele é aceito ou tolerado na sociedade, contribuindo para a criação de uma identidade ambígua; se por um lado ele é um trabalhador apreciado por suas qualificações; por outro, eventualmente, também é considerado pessoa indesejada.

Assim como nas casas compartilhadas com os locatários, aqui eles podem ser considerados pessoas “fora do lugar”, “sem-lugar”, representam-se como empecilho. Agier (2006) fala da condição humana que se forma nos centros de trânsito, identificação, e nas prisões.

“Todas essas formas, por diversas que sejam, compõem com os campos de refugiados um conjunto de espaços, hoje em crescimento, para manter refugiados, “clandestinos” e indesejáveis à espera, em sobrevivência e sem direitos. Encerrados no exterior, são espaços de exceção. O olhar dirigido a eles enraíza-se numa relação egocêntrica do tipo centro-periferia: ele só se interessa pelos detalhes da vida interna da periferia na medida em que esses detalhes põem em causa o próprio centro” (p.199).

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

O migrante clandestino, ao ser abordado pela polícia, confronta-se com o mais constante dos seus temores: a prisão. A solicitação dos seus papéis e a resposta negativa o coloca envolto em diversas questões, dentre as quais a experiência de dividir a cela de uma cadeia, por no mínimo uma noite, com outras pessoas, é a materialização do confronto com o “outro”. Entretanto neste espaço ocorre de forma diferente, pois é um lugar onde concentram-se migrantes clandestinos de várias nacionalidades, e as territorialidades são marcadas, bem como as solidariedades, neste momento todos estão em condições semelhantes e o “outro” é o governo francês, e não o migrante de outra nacionalidade com quem divide o cárcere.

Desde o momento da entrada na viatura que o levará para o centro de detenção, o trabalhador migrante fica exposto aos olhares dos que transitam pelas ruas e passa a ser mais um sem nome, agora ele é um clandestino. As detenções se sucedem e muitos acumulam experiências de confronto com a polícia. João, narrou sua tensão ao ser preso.

“Eu fui pesquisar o preço de umas coisas no Cora³⁶, quando eu estava saindo para pegar a navete, lá vem os home (sic) (polícia), não dava nem para sair dali, porque eu estava no meio da estrada. Eles pararam o carro. Ah, agora eles estão com um carro despintado, não é carro com a marca da polícia; eles andam disfarçados, quando a gente vê, eles já estão em cima da gente e não dá mais para fazer nada.

Sim, como eu te falava, eles pararam o carro e me perguntaram se eu tinha papel, eu disse que não, e fui preso, mais uma vez. Já é a sétima ou oitava vez que isso acontece. Eles invadem casa, carro, navete, restaurante, *chantier*; tudo atrás de clandestino. A gente não vive mais em paz aqui como antigamente!

Naquele tempo, que tu começaste a pesquisa, a gente ainda tinha o domingo para sair, agora nem isso!”(João é trabalhador da construção civil, natural de Belém, tem 43 anos, vive em Caiena há seis anos, é separado e tem dois filhos, que vivem em Belém com a ex-mulher).

João migrou pela primeira vez para a Guiana Francesa em maio de 2004; desde então trabalhou em uma empresa de montagem de estruturas (toldos, barracas, palcos)

³⁶Grande magazine situado na ZL Coleri, zona industrial de Caiena

para eventos locais, na construção civil, e atualmente comercializa artigos brasileiros como sandálias, bijuterias de aço e sementes da Amazônia; sua condição ainda é de clandestino. Revela não ter tido oportunidade de *fazer* seu papel, de acordo com ele, *não encontrou quem fizesse um job*, o que equivale a uma negociação, um casamento branco ou outro tipo de acerto com a finalidade de conseguir os papéis necessários para a legalização na França.

Afirma que pagou € 1.000,00 (mil euros) para uma brasileira com nacionalidade francesa, para registrar um filho da jovem, que à época estava grávida e oferecia a oportunidade pelo valor de € 2.000,00 (dois mil euros), pagos em duas parcelas: a primeira ao ser emitida a certidão de nascimento da criança e a segunda após o recebimento do documento definitivo. Entretanto a mulher jamais fez a solicitação da sua legalização no Departamento, deixando-o sem a possibilidade de mudança de condição jurídica, e sem o dinheiro.

O enfrentamento destas situações pelos migrantes revela que é comum, de acordo com as circunstâncias, este grupo sair em desvantagem nos seus empreendimentos, por terem menores possibilidades de reivindicar seus direitos, pagamentos ou benefícios sociais, ficam sujeitos aos que estão em condição diferenciada.

Outra dificuldade é a adaptação à cidade, sentem-se estranhos a ela, principalmente porque evitam a exposição, para impedir o encontro com a polícia. A circulação mais intensa é pelo *chantier*³⁷ (canteiro), espaço limitado, onde inclusive, alguns trabalham e moram. Suas vidas no estrangeiro ficam praticamente reduzidas ao espaço do trabalho na construção civil, sobretudo por executarem extensas jornadas. Após, resta-lhes o espaço da casa para descansar, dormir; como descrito no segundo capítulo.

No cotidiano do grupo de trabalhadores da construção civil que acompanhei, a preparação para a jornada começa às cinco horas da manhã; é geralmente neste horário que eles levantam para tomar o café, na maioria das vezes somente uma xícara de café

³⁷ Algumas palavras da língua francesa foram incorporadas ao vocabulário dos migrantes como *chantier*, *artisan*, que são utilizadas para identificar o local de trabalho, o patrão, etc. assim, neste capítulo por várias vezes irei utilizar a palavra *chantier* para identificar o espaço onde ocorre uma obra em construção ou reforma.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

“preto” e um pedaço de pão, comprado na noite anterior em um mercado pertencente a algum migrante chinês próximo da casa, para após esperar a chegada do patrão.

Os artisans não oferecem refeições, tampouco água para os trabalhadores, é necessário levar a bebida das casas onde vivem; mesmo a comida não é possível transportar ou consumir durante o trabalho, sendo realizada essa refeição somente após o retorno à moradia.

Com frequência a jornada começa às sete horas e termina depois das dezesseis; momento no qual os trabalhadores são levados pelo patrão ao lugar onde moram, lá preparam algo para comer e fazem seu momento de descanso.

Menezes (2002) analisa como essas relações se estabelecem em alojamentos de migrantes que se deslocam durante os períodos da safra canavieira em Pernambuco. Nestes alojamentos as relações de conflito, amizade, e identidades se confundem, são espaços onde surgem variadas histórias de vida, entrelaçadas, sobretudo, por suas redes sociais. É possível identificar características que se enquadram tanto no objeto que venho estudando, quanto em outras realidades. Essas práticas de sociabilidade, que por vezes é conflituosa, ocorrem com frequência entre estes migrantes.

A necessidade de ser transportado pelo patrão e estar vinculado a ele para diversas questões, sobretudo as ligadas à saúde e alimentação facilitam o estabelecimento de uma relação de dependência do migrante clandestino ao empregador na condição de legalizado. Principalmente porque a ida de bicicleta aumenta as chances dos clandestinos serem interpelados pela polícia durante o trajeto. Um destes confrontos foi narrado por Reginaldo durante uma das entrevistas:

“eu voltava do trabalho à tarde, lá pelas cinco horas, essa é a hora preferida dos home (sic) (a polícia) saírem para caçar clandestinos, porque é a hora de saída do trabalho (...), então eu parei naquele telefone perto do estádio para telefonar para a minha casa no Brasil, quando o carro veio devagarzinho, cheio de presos; eles me pararam, pediram papel, e eu disse que não tinha. Me perguntaram o que eu fazia aqui se eu não tinha papel, e eu respondi que trabalhava, afinal tenho uma família no Brasil para sustentar. Eles disseram entra logo no carro, e foram logo me algemando.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Eles tratam a gente que nem bicho aqui!”(Reginaldo é paraense, trabalhador da construção civil, tem 40 anos, é casado, pai de três filhos que residem em Belém com a esposa).

Esses momentos, nos quais o brasileiro vê-se descoberto na sua condição em um encontro com o Estado francês, na figura do controle policial, a representação mais constante é a de inferioridade, relativa à intolerância quanto à sua presença no Departamento. Especialmente quando as prisões são realizadas por policiais negros “os pretos”, os brasileiros alegam que eles não têm autoridade para prendê-los, são autoritários e intransigentes e o fazem para mostrar poder.

A descrição acerca da prisão efetuada por uma equipe de agentes “metro ou brancos” difere sensivelmente daquela efetuada pelos “pretos”. Aqui o francês metropolitano, ou seja, o branco, é apresentado pelos entrevistados como gentil, bom pagador dos serviços contratados, e quando está na função de policial, na maioria das vezes, demonstra efetuar a prisão sem concordar com o que faz, somente o faz porque é seu ofício. Embora os brasileiros classifiquem “brancos” e “pretos” de maneira diferenciada, é sabido que as abordagens efetuadas pelos policiais independem da nacionalidade a que o agente pertence e sim a um conjunto de representações que o faz agir de maneira mais ou menos severa.

Fui abordada em uma das ruas na cidade de Roura por policiais que solicitaram meus documentos, o que foi imediatamente apresentado. No entanto a policial, uma mulher negra, não aceitava a possibilidade de meu visto ser regular. Após ter revisado todas as informações por aproximadamente quinze minutos explicou ao seu colega que eu portava um visto de permanência no DUF e não poderia ser presa. Percebi que sua fisionomia demonstrava um misto de decepção e espanto, o primeiro por não ter conseguido efetivar a prisão e o segundo por encontrar uma brasileira que não estava na condição de clandestina.

3.4 O cotidiano e as relações de trabalho

Em Caiena, no espaço das casas, bem como no chantier, os migrantes desenvolvem também relações de sociabilidade e definem padrões de comportamento para viverem no mesmo espaço. De acordo com os interlocutores, para evitar ficar sem casa e trabalho, é necessário adequar-se, evitar brigas, pagar os aluguéis dos lugares onde vivem, ou contribuir financeiramente para alimentação e demais despesas das casas, o que evitaria perderem o trabalho ou ficarem desabrigados. De Certeau (2008) caracterizou essas estratégias como conveniências, ou o que ele denominou “a arte de conviver”

“A conveniência é *grosso modo* comparável ao sistema de “caixinha” (...): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, (...) ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana “(p.39).

Estas convenções receberam destaque durante as entrevistas. Segundo os interlocutores, elas são criadas para que todos possam comer, dormir, inclusive os que não possuem trabalho ou são recém-chegados. A mais comum é a responsabilidade por fazer a comida, lavar as roupas dos demais, e cuidar da limpeza da casa.

Helio certa vez relatou que, ao chegar pela primeira vez à Caiena, levado por um parente, ficou em um barraco, onde morava juntamente com alguns migrantes clandestinos, muitos deles trabalhadores da construção civil. Como não tinha serviço, ficou responsável por executar os afazeres domésticos. No entanto o que mais lhe chamou atenção foi o modo como eram divididos e cozinhados os pedaços de charque³⁸ no feijão; cada trabalhador tinha sua porção da carne salgada, que era guardada com muito cuidado, então os que tinham o alimento cortavam uma porção, que era presa a um pedaço de arame e colocada para cozinhar. Ao ser questionado sobre o motivo da carne estar amarrada, ele rapidamente disse que era para identificá-la, para que o

³⁸ Carne seca salgada utilizada pelos brasileiros para ser consumida de preferência com feijão.

migrante que não possui carne, ou comeu toda a sua, não coma e deixe o outro sem o alimento.

Outro episódio que, ao ser relatado, pareceu de certo modo engraçado, foi quando Reginaldo narrou uma discussão que teve com Louro por causa de uma porção de feijão que seria cozinhado no dia seguinte. Reginaldo afirmou que quando eles recebiam o pagamento mensal, a primeira coisa que Louro fazia era convidá-lo para ir ao *china* comprar alimentos para o mês todo, pois ele (Louro) era viciado em crack e se não comprasse naquele momento os alimentos, gastaria todo o dinheiro e não teria como comer no restante do mês.

Então ambos fizeram as compras e retornaram ao chantier, onde moravam³⁹, onde Reginaldo, imediatamente começou a catar o feijão, enquanto Louro se dirigia para a parte de fora, no intuito de “dar um pega em uma pedra” fumar uma pedra de crack; no entanto minutos após Reginaldo foi surpreendido por Louro, que gritava insistentemente:

“Reinaldo (Reinaldo, era a forma como Louro chamava o colega), meu mano, não faz isso! Esse feijão do china é só podre e pedra, se tu catar não sobra nada. Ó macho quando o cabra tá no trecho, ele tem que comer de tudo; passar de tudo, senão morre de fome, de sede, de saudade...”

A fala de Louro revela a mistura de diversos sentimentos e percepções. A consciência de estar longe de casa pode significar, também, a distância do lugar (Augé: 1994) de pertencimento, identidade, historicidade. Nestas relações são construídas novas categorias, uma das mais expressivas é a denominada “trecho”, essa categoria pode ser interpretada como o oposto do lugar no sentido antropológico, ou seja, um lugar temporário, de passagem, transitório, o caminho para o retorno ao familiar, ao aconchego. Nesse sentido os migrantes destacaram a expectativa de encontrar seu “lugar” longe do “trecho”.

³⁹Poucos migrantes moram nos chantiers, o motivo principal é a sua condição de clandestinos. Essa prática torna-se perigosa, tanto para o artisan, como para o contratante do serviço, pois são freqüentes as visitas da Polícia Auxiliar de Fronteira (PAF) aos canteiros de obras. E a descoberta destes trabalhadores poderia trazer problemas aos envolvidos no negócio.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Sayad (1998) afirma que o trabalho é o que dá sentido à vida do migrante. Estes trabalhadores, freqüentemente, se deslocam sem familiares, para viver com parentes ou amigos distantes, desenvolvendo novas relações. São trocas afetivas que geralmente não se concretizam plenamente, eles narram que as situações de tolerância mútua estão mais presentes que as de cordialidade e afeição.

Pode-se interpretar que os sentimentos de solidão intensificam-se como uma das conseqüências do lugar que os migrantes ocupam na sociedade. É comum, nos relatos, a queixa acerca do aumento da melancolia. Outro fato recorrente é a frustração pela ausência de espaços para lazer, especialmente para os que vivem distante do centro de Caiena.

Outras preocupações também fazem parte do cotidiano dos clandestinos. Antonio, um dos interlocutores, estava apreensivo. Perguntei o que havia acontecido. Ele desabafou dizendo que na véspera de natal (ano 2005) seu sobrinho, então com dezessete anos, foi para uma festa em Macapá, e quando voltou foi baleado e faleceu. Os familiares não tinham dinheiro para fazer os procedimentos do enterro e ligaram para Caiena pedindo dinheiro para a compra do caixão e outros materiais para o funeral, porém ele também não tinha, pois não recebeu por um trabalho que realizou dias antes.

Sua angústia ocorria por não poder cobrar esse pagamento e tampouco denunciar o contratante. A saída foi pedir dinheiro emprestado e enviar para que a família fizesse o enterro. Esses empréstimos aumentam o endividamento do clandestino, à medida, que completam os rendimentos (lucros) de quem “transaciona” com a mercadoria dinheiro.

A elaboração de projetos pelos migrantes tem como principais objetivos a aquisição da casa própria e de montar um negócio no país de origem. Logo na chegada, os migrantes buscam investir o dinheiro ganho na compra ou construção de uma casa em um terreno comprado em um lugar próximo aos parentes que permaneceram no país de origem, onde também costumam montar pequenos mercados ou construir vilas de casas como renda para os familiares.

O desejo de comprar bens como casas, terrenos, e a montagem de casas comerciais, apesar de ser freqüente nos relatos dos migrantes, não é alcançado pela maioria. Estes justificam a dificuldade em realizar as metas pelo fato de não serem

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

portadores de uma situação legal no DUF, o que atrapalha seus planos de poupança. Alegam que viver na condição de clandestino, tanto na cidade como nas áreas de garimpo, tem custos elevados; revelam que as passagens, viagens e lugares para morar são caros e encontram dificuldades para conseguir serviço, por causa do intenso controle da polícia francesa.

Estes migrantes a maioria das vezes convivem com um quadro de desigualdade e exploração que é marcante. Gaudemar (1977) atribui a sujeição a longas jornadas, condições insalubres de sobrevivência, baixos salários, aos desejos de adquirir bens materiais (casa, carro) na sociedade de origem.

Na maior parte dos casos, mesmo quando conseguem dinheiro para isso, muitas vezes perdem parte do que conseguiram guardar, quiçá por não saberem gerir o dinheiro ganho. A fala de Antonio exemplifica essa experiência, que é expressiva de uma vontade não realizada e de transformações econômicas e políticas que, neste caso, interviriam na realização deste processo individual e também, familiar.

Eu vim pra Guiana quando não existia estrada e era só um caminho de terra. Nesse tempo eu era solteiro e trabalhei em vários lugares; porque era muito fácil conseguir trabalho e o dinheiro (franco) era bom, era valorizado. A gente comprava muita coisa no Brasil.

Eu trabalhei na construção da base espacial no Kourou e todo final de semana, depois que eu casei, a minha mulher vinha pro Oiapoque, e a gente ficava no hotel; mas com o plano real e a valorização do dinheiro brasileiro o governo francês começou a comprar a *séjour* de quem quisesse vender, e eu vendi a minha e voltei pro Brasil.

Então comprei uma caçamba e aluguei pra prefeitura; montei uma papelaria e fiquei emprestando dinheiro a juros. Só que a prefeitura não me pagou e a papelaria não vendia quase nada; então o dinheiro foi acabando e o que sobrou deu pra eu viajar pra Aracaju e comprar umas roupas; que trouxe pra vender aqui (Caiena) pros brasileiros, mas como ficou muito difícil entrar, eu tive que deixar para uma mulher que tem uma loja lá no Oiapoque vender.

As mudanças ocorridas no cotidiano e nas migrações para a Guiana Francesa, narradas por Antonio, expõem a trajetória do migrante face às transformações estruturais, sociais, políticas, culturais e econômicas entre os dois países.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

O interlocutor conta a trajetória da sua migração desde a etapa de legalizado até a mudança de status para clandestino. A partida ocorreu nos anos 1970 em um dos primeiros fluxos migratórios incentivados pelo governo francês, na condição de legalizado, com a responsabilidade de ajudar a construir a base de lançamento de foguetes em Kourou. A segunda etapa aconteceu após a “venda” do documento de legalizado e a mudança da sua condição, passando a ser qualificado como clandestino; estágio no qual se encontra atualmente. A condição em que Antonio está revela que a política francesa, em relação aos migrantes, continua sendo seletiva; dando oportunidades para profissionais com escolaridade em nível médio e superior, de preferência, vindos de países europeus. Por outro lado, restringe a entrada de trabalhadores fronteiriços, menos qualificados, que neste momento não são interessantes para o desenvolvimento local.

Dessa forma, interpreto que estratégias de vida, experiências individuais e outras coletivas, revelam serem estas relações entre os trabalhadores clandestinos uma das mais desiguais e cruéis. O grupo concorre com desvantagens por um lugar na sociedade. Trata-se de uma disputa desleal por espaço no mercado de trabalho e renda, sendo utilizados vários artifícios e mecanismos para sobreviver e, esperando algumas vezes, a possibilidade de “vencer”.

Alguns fatores são preponderantes nesta migração laboral de brasileiros para a Guiana Francesa, em que as trajetórias de trabalhadores que se deslocam pela fronteira, a relação entre cultura e trabalho, a questão da clandestinidade, tem gerado inúmeros questionamentos para pesquisadores, sobretudo os de Brasil e França. Os trabalhadores brasileiros, ao longo dos anos, estabeleceram conexões, redes, construíram e ainda constroem identidades. No entanto é uma inserção localizada, com frequência eles são representados como *os trabalhadores da construção civil*. Silva (1997), apoiado em Ianni (1993) avalia que a globalização origina uma interação maior entre a diversidade, como também, novas formas de exclusão.

“O que se observa, em geral, é a transformação da diferença em estereótipos, estigmas, racismo, xenofobia e até mesmo em atitudes extremas como o etnocídio e o genocídio, em que o outro, geralmente o (i)migrante, é transformado em perigo, e muitas vezes é responsabilizado pelos problemas existentes na sociedade que o recebe” (Silva, 1997, p. 175).

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Por sua vez, os que estão na condição de clandestinos enquadram-se em uma categoria, que é a de *clandeco no trecho*. Nesta perspectiva é importante entender à partir de que etapa da sua existência, como migrante, ele deixa de ser um *clandeco* para ser reconhecido como um trabalhador migrante, isto porque, apesar de muitos brasileiros terem a *carte de séjour* (documento que permite a residência), continuam ocultos, ou seja, transitam pelas margens da sociedade, o que dificulta, até mesmo, a possibilidade de conseguir trabalho formal. Um dos motivos atribuídos é o desconhecimento da língua francesa. Este problema torna-se mais grave à medida que a maior parte dos migrantes ignora, inclusive, as regras gramaticais de sua língua materna. Isso, de algum modo, contribui para transformá-los em clandestinos com papéis.

Esse convívio tão próximo aos clandestinos revela para a pesquisadora uma constante reafirmação dos dados. Um exemplo aconteceu em uma das etapas finais desta pesquisa, realizado no dia 27 de fevereiro de 2010, quando eu já havia entrado na Navete, o carro que me levaria para a fronteira na cidade de Saint-Georges; em um sábado às nove da manhã, todos os passageiros estavam embarcados, aconteceu a chegada da polícia, o que nos surpreendeu. Pediram documentos de uma passageira que estava sentada ao meu lado, e a mulher apresentou-os sem demora. Após solicitaram os papéis de um homem que estava sentado à minha frente. O homem disse que possuía somente documentos brasileiros e foi retirado com muita grosseria pelo policial de dentro do veículo e, logo após, algemado, mesmo sem tentar nenhuma reação.

Aquela situação fez-me sentir impotente, principalmente por eu estar impossibilitada de fazer algo em favor do homem. O migrante deixaria o departamento para regressar ao Brasil, a deportação era desnecessária, pois apesar de ele estar clandestino não merecia aquele tratamento. Pensei em sair do carro e falar com o agente, no entanto todos os meus argumentos, baseados em análises, interpretações e pesquisas ficariam em grande parte invalidados diante da autoridade policial e da lei. Por mais que eu solicitasse ao chefe da operação de controle que revisse sua posição, pois ele, bem como o clandestino, também era um migrante⁴⁰, e estava distante da terra

⁴⁰O policial era um francês metropolitano, ou seja, um branco.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

natal porque, possivelmente, necessitava de um trabalho que lhe permitisse obter rendimentos para suprir necessidades financeiras; contudo ele estava ali para prender pessoas e reconduzi-las ao seu país.

Em última instância, as relações a que estão sujeitos todos os migrantes revelam um complexo sistema de classificações de si e do outro, são representações e auto-representações que balizam as relações sociais dentro do departamento francês. Grande parte dos migrantes legalizados, quando regressam ao país de origem, podem ser comparados aos clandestinos: apesar de terem documentos que atestam sua nacionalidade, não tem acesso à cidadania plena, moram em condições tão ou mais precárias que as encontradas no departamento, tem acesso limitado, senão nenhum, a serviços de educação, saneamento, saúde e segurança pública. Vivem em situação semelhante à dos ilegais no DUF, diferenciando-se apenas por poderem andar nas ruas sem temer a polícia

CAPÍTULO IV

Migrantes brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: alteridades e fronteiras

As identidades são plurais, obcecadas pela diferença e pela hierarquia de distinções

Rodrigues (2008)



Figura 4: barraca de comercialização de comidas típicas brasileiras, montada em uma festa realizada pela prefeitura de Caiena no ano de 2005 para comemorar a “integração” entre os diversos grupos de migrantes moradores da Guiana Francesa.

Foto: Rosiane Martins/2005

CAPÍTULO IV

Migrantes brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: alteridades e fronteiras

Nesse capítulo examino como as migrações contribuem para re-arranjos das relações familiares e sociais, além da construção de novas identidades, é uma reflexão acerca do mundo contemporâneo em uma análise sobre os sentidos de ser classificado como migrante e/ou estrangeiro e um processo de construção de estratégias que marcam a vivência cotidiana. As relações entre migrantes de diferentes países, e a construção de espaços de sociabilidade marcados pela diversidade revelam identidades e percepções acerca das relações de conflito, solidariedades, alteridades entre o **eu** (clandestino) e o **outro** na cidade.

4.1 Estrangeiro ou migrante: faces do trabalhador clandestino

Uma das questões que mais chama a atenção, em relação à migração, é a do trabalho. Um trabalhador ao deixar sua casa, família e sociedade para embarcar em uma viagem repleta de incertezas, levando como bagagem, muitas vezes, o compromisso de trazer para aqueles que permaneceram, melhores condições de vida, não importando o quanto isso será difícil, transforma a “aventura do migrante”, mormente o que está em condição clandestina, em uma seqüência de situações freqüentemente angustiantes e arriscadas.

As relações sociais ganham novas configurações; a saída da terra natal e o afastamento dos vínculos familiares, territoriais e culturais, promovem um intenso processo de transformação e construção de identidades. Assim, entender de que forma são elaboradas estratégias de constituição destas relações e seus desdobramentos,

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

auxilia na compreensão de diversos aspectos relativos ao cotidiano destes trabalhadores e a elaboração de estratégias para conseguir dinheiro, trabalho, moradia, lazer e, sobretudo, manter-se oculto diante da vigilância policial.

Diversos motivos atraem pessoas para a migração, como: estudar, trabalhar, constituir família, encontrar no “novo” lugar a vida almejada; ou todo esse conjunto de motivações. Embora em diferentes condições, alguns possuem o suporte do matrimônio, quando o cônjuge vive no outro país e oferece as condições necessárias; outros têm o auxílio de alguma instituição de ensino; outros ainda têm oportunidades de trabalho vantajosas em empresas locais.

Porém os clandestinos não têm estas mesmas possibilidades. Para entrar no país arriscam-se em meio aos perigos de matas, estradas, rios, mares ou desertos, durante dias, no intuito de ingressar em uma terra da qual desconhecem a língua, a cultura, os significados sociais. Onde não se pode caminhar tranquilamente pelas ruas, à procura de emprego, nem mesmo comprar alimentos ou ficar doente, pois sair de casa para ir ao mercado significa arriscar-se a ser preso e deportado. Diariamente eles deixam suas famílias e transpõem fronteiras (físicas, sociais, culturais, étnicas) levando como justificativa a busca pelo que supõem ser melhor para si e aqueles pelos quais são ou sentem-se responsáveis.

Analisar essas questões leva o pesquisador a transitar por caminhos repletos de situações, que envolvem questões que estão na ordem do dia, como as sociedades transnacionais, as diásporas, os nacionalismos, controle da migração e a xenofobia, entre outras. A condição sócio-jurídica do migrante e as relações sociais desenvolvidas a partir das migrações laborais na sociedade guianense, atualmente tem sido uma das maiores preocupações do governo francês e, na fronteira franco-brasileira, uma questão de relações internacionais que contribui para a criação de medidas de controle entre os dois países.

A mão-de-obra dos migrantes brasileiros frequentemente oferece pouca qualificação, ele se sujeita a praticamente qualquer serviço, na maioria das vezes sustenta famílias e o lucro do seu trabalho até incrementa a economia de alguns povoados, com as remessas enviadas para a sociedade de origem. Em relação aos

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

brasileiros na Guiana, são pessoas que encontram no trabalho na construção civil ou no garimpo, uma alternativa para o desemprego, gerando um duplo problema social para Brasil e França. Patarra (2006, p. 11), em relação à mão-de-obra do migrante escreveu:

Mão-de-obra flexibilizada e que se sujeita a todas as formas de superexploração de trabalho, contribuem para sua produção e consumo e carregam prévios investimentos dos países de origem em sua formação, educação e saúde. Essa situação resulta em consideráveis montantes de remessas que acabam por tornar dependentes pessoas e famílias inteiras e que, ao fim e ao cabo, podem reforçar, por essa via, sua condição de eternos países em desenvolvimento.

Jornadas intensas que, muitas vezes, ultrapassam quatorze horas de trabalho, com valores muito abaixo do que é pago para os legalizados, e a incerteza do recebimento pelo trabalho executado, são alguns dos obstáculos enfrentados pelos clandestinos. Essas características são comuns nas áreas de atração de migrantes, o que favorece a efetivação de relações de poder entre alguns trabalhadores ou grupos. Essas relações frequentemente são marcadas pela desigualdade, embora seja entendida pelos migrantes como uma etapa da trajetória. Ela é compreendida como uma condição temporária, ao passo que a mudança para a condição de legalizado ou o retorno para o país de origem marcam o fim destas relações. Embora nem sempre a mudança de status ou retorno acontecem da maneira planejada. A lógica desta exploração foi assinala por Gaudemar (1977, p. 27).

A fraca qualificação dos emigrados permite às empresas explorá-los ao máximo (salários baixos, horários frequentemente prolongados, ritmo de trabalho muito intenso).

Apesar de esta relação, a princípio, apresentar-se como uma situação de exploração ou subjugação, ela é mais ampla; a migração laboral apresenta-se como primeiro passo para o estabelecimento de inúmeras questões, dentre elas as étnicas, sociais, políticas e culturais, fazendo com que o problema do migrante transponha a explicação economicista, que tem sido a mais citada pelos interlocutores em relação à migração para a Guiana Francesa.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Eles são identificados como estrangeiros e migrantes, dependendo do contexto no qual se encontram. Essa classificação os diferencia dos nacionais e os coloca, na maioria das vezes, em uma posição hierárquica inferiorizada. No capítulo “imigração e convenções internacionais”, Sayad (1998) discute as representações elaboradas na sociedade para categorizar migrantes e estrangeiros.

Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país, (...) mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se "estrangeiro" é a definição jurídica de um estatuto, "imigrante" é antes de tudo uma condição social. Se todos os imigrantes, no sentido pleno do termo, são necessariamente estrangeiros (...) muitos estrangeiros que moram e trabalham na França não são contudo imigrantes; (...) quantos franceses, logo, não estrangeiros são “imigrantes e quantos estrangeiros não são necessariamente imigrantes!” (p.243).

A relação entre ser migrante e estrangeiro, em conjunto com as diferentes fronteiras criadas por ele nesta sociedade, o transforma, em alguns momentos, em sujeito social deslocado, sua classificação varia de acordo com a sua posição ou de onde provém. Ele pode ser considerado como estrangeiro ou migrante. Sayad (1998) avalia que a permanência do imigrante está vinculada ao trabalho, assim quando o trabalho não existe ou termina também deixa de existir o motivo de se estar em outro país, especialmente porque a relação entre imigração e desemprego caracteriza-se como um paradoxo. Na mesma obra Bourdieu (1998, p. 11-12) analisa essa condição de indesejável assumida pelo imigrante, assim o descreve como:

“[...] nem cidadão, nem estrangeiro, nem totalmente do lado do mesmo, nem totalmente do lado do outro, o “imigrante” situa-se num lugar “bastardo” (...). Incomodo em todo lugar, e doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora (...), ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos de cidadania...”

A condição do estrangeiro em uma relação de proximidade e distância caracterizada pela interação com a sociedade analisada por Simmel (1983) revela esta

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

interação do estrangeiro à sociedade de maneira característica nas relações de proximidade construídas:

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulada de maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação (p.183).

O estrangeiro, de acordo com o autor, consegue ter objetividade na maneira como vê a sociedade, essa objetividade oferece possibilidades perigosas:

O indivíduo objetivo não está amarrado a nenhum compromisso que poderia prejudicar sua percepção (...), todavia, a liberdade que permite ao estrangeiro se entender e ter experiências até mesmo com suas relações mais íntimas a partir de uma perspectiva distanciada, contém muitas possibilidades perigosas (p.185).

Essa pode ser uma das respostas para o que os brasileiros atribuem “ser marcação da polícia francesa”, afirmam que os brasileiros são mais procurados, presos, estigmatizados. Em uma análise relativa às posições assumidas na sociedade é possível perceber que o “outro”, neste caso o estrangeiro, é visto como inferior, diferente. Todorov (1996) descreve essas representações indicando que o estrangeiro é apresentado como bárbaro, inferior, em uma visão etnocêntrica do “outro”. O relato de Carlinhos representa bem essa situação de confronto:

“eles só prendem a gente que é brasileiro! tem inglês aí na crica vendendo droga, roubando; tem um monte de chinês, africano, kuli, dominicano, haitiano que estão clandestinos e eles não prendem; mas se tem um brasileiro voltando do trabalho eles vão lá e prendem. Outro dia eu vinha do trabalho e eles (polícia) passaram, então pararam o carro, pediram meus papéis, eu disse que não tinha; então eles jogaram a minha bicicleta na vala e me botaram no carro. Aí veio um pretinho daqueles (inglês) e levou a minha bicicleta.

Eu disse pra ele: tu não estás vendo que ele tá roubando a minha bicicleta? Porque tu não prendes ele, que é ladrão? Eu só estou vindo do meu trabalho. Então ele ficou calado.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

A verdade é que pra eles clandestino não é nada. Não é nem gente, por isso não importa se o pretinho roubar a bicicleta, porque na cabeça deles, aquela bicicleta não pertence a ninguém, porque o clandestino é isso, é nada, é ninguém, ele não está lá (sic.)”.

No *Atlas des populations immigrées en Guyane* (2006, p.5) o governo francês define o estrangeiro como uma pessoa que não nasceu na França e que tem oportunidade de tornar-se um francês. Ainda acentua que um estrangeiro não é necessariamente um migrante, em uma perspectiva que diferencia claramente migrantes de estrangeiros, do mesmo modo que, no conjunto de classificações dos migrantes eles são divididos em legalizados e clandestinos.

[...] étrangère toute personne résidant em France qui n'a pas la nationalité française. Un étranger peut, en fonction des possibilites offertes par la législation, acquérir la nationalité française : il devient français par acquisition.

La population étrangère est donc définie em fonction du seul critère de nationalité : elle regroupe toutes les personnes de nationalité étrangère qu'elles soient ou non nées à l'étranger. Un étranger n'est donc pas nécessairement un immigré: il peut être né en France⁴¹.

O migrante, na maioria das vezes, é percebido como um intruso por uma parcela da população, sobretudo os que estão na condição de clandestinos. Uma das questões mais comuns, destacadas pelos brasileiros, é a permissão que pessoas de origem francesa têm para transitar no lado brasileiro da fronteira, inclusive podendo partir para qualquer localidade brasileira saindo deste ponto.

As pessoas necessitam dirigir-se à Delegacia da Polícia Federal, na cidade de Oiapoque, para carimbar o passaporte e legalizar sua situação no país. Embora haja essa facilidade para os estrangeiros que entram no Brasil por essa fronteira, esse procedimento padrão entre os países (Brasil e França) é considerado abusivo por muitos moradores do Departamento, conforme demonstra a reportagem intitulada “*Vos papiers,*

⁴¹ É considerado estrangeiro qualquer pessoa residentes na França que não tem a nacionalidade francesa. Um estrangeiro pode, em função das possibilidades oferecidas pela lei, adquirir a nacionalidade francesa: ele é francês por aquisição. A população estrangeira é definida em função do critério da nacionalidade: ela inclui todos os cidadãos estrangeiros ou não nascidos no exterior. Um estrangeiro não é necessariamente um imigrante: ele não pode nascer na França.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

s'il vous plaît!” de 19/08/2009, veiculada pelo jornal de circulação local *France-Guyane*.

« Vos papiers, s'il vous plaît ! » Il va falloir s'habituer à cette rengaine de l'autre côté de l'Oyapock. Il faudra surtout être en règle en cas de contrôle de police. Car depuis quelques semaines à Oïapoque, les patrouilles des fédéraux brésiliens sont devenues quotidiennes. Gare à ceux qui n'ont pas tamponné leur passeport! Même les touristes d'un week-end qui viennent seulement descendre quelques caïpirinhas et assouvir leur soif de shopping sont concernés. Pour passer la nuit de l'autre côté du fleuve, il faut désormais se déclarer à la police fédérale. Ce qui a toujours été le cas auparavant, sauf que ces derniers temps la police locale a dû recevoir quelques consignes concernant le contrôle des personnes venues de la Guyane. La plupart des hôtels exigent désormais des passeports en règle. Une équipe de la police fédérale contrôle régulièrement les établissements qui ont tout intérêt à jouer le jeu, sous peine de recevoir une belle amende. Les contrôles se sont également intensifiés dans les rues. Les touristes sont donc invités à ne pas se séparer de leur passeport. « La police est de plus en plus présente, confirme un piroguier de Saint-Georges. Maintenant, ils renvoient les Français qui ne se sont pas déclarés de l'autre côté du fleuve »⁴².

Ceux qui arriveraient à Oïapoque après la fermeture des locaux de la police (après 20 heures) doivent donc s'y rendre le lendemain matin sans perdre trop de temps. Enfin, s'il faut se déclarer à son entrée au Brésil, il ne faut pas oublier de retourner à la police avant de rejoindre Saint-Georges. Car ça peut coûter cher.

Nos departamentos de ultramar, os brasileiros, bem como outros não-europeus, são impedidos de ingressar sem a apresentação de visto. Transpor a fronteira franco-brasileira é bastante burocrático e quase impossível para alguém que deseje conhecer

⁴²“Seus papéis, por favor! Ele terá de se acostumar com esta velha canção do outro lado do Oiapoque. Será especialmente válido no caso de controles policiais. Mesmo para os que passarem poucas semanas em Oiapoque, as patrulhas federais brasileiras tornaram-se diárias. Ai de quem não carimbar seu passaporte!

Mesmo os turistas de um fim de semana, que atravessam em busca apenas de uma caipirinha ou saciar sua sede de compras estão em questão. Para passar a noite do outro lado do rio, agora temos de declarar à Polícia Federal. Que tem sido sempre o caso, previamente, exceto nesses dias em que a polícia local tenha recebido algumas instruções relativas ao controle de pessoas da Guiana. A maioria dos hotéis agora exige passaporte em ordem. Uma equipe da polícia federal controla regularmente os estabelecimentos sob pena de receber uma multa. Os controles também se intensificaram nas ruas. Os turistas são aconselhados a não se separar do seu passaporte. "A polícia está cada vez mais presente, confirma um catraieiro em Saint-Georges. Agora, eles reconduzem o francês, que não declarou à polícia sobre a sua travessia para o outro lado do rio”.

Aqueles que chegam ao Oiapoque após o encerramento da polícia local (depois de 20 horas) devem ir na manhã seguinte, declarar a sua entrada no Brasil, porque se esquecer de ir à polícia antes de retornar Saint-Georges, pode ser caro (tradução nossa).

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

este pedaço do território francês. Para isso o aspirante a turista ou visitante, no caso dos brasileiros, necessita solicitar um visto na representação do consulado francês, anexando ao dossiê documentos como: uma carta explicando os motivos da viagem, documentos da pessoa que irá receber/hospedar o solicitante (cópia do passaporte, comprovante de renda) ou reserva de hotel, seguro de vida no valor de R\$100.000,00 (cem mil reais), o pagamento de uma taxa de R\$ 180,00. A resposta ao pedido sai em um prazo de quarenta dias a partir da data de entrada do requerimento; apesar disso, conseguir todos os documentos e entrar com o pedido de visto, não garante a resposta positiva à solicitação. Essa burocracia diminui as chances de muitos solicitantes.

Algumas ações restritivas vêm sendo implantadas ao longo dos últimos anos, com ênfase para a construção, no ano de 2007, de um posto permanente de vigilância na colina chamada *Bélizon*, localizada na estrada que liga Saint-Georges à capital Caiena. Houve a intensificação da vigilância com a colocação de grupos de policiais da Polícia Auxiliar de Fronteira (PAF), *Gendarmerie* e Legião Estrangeira, localizados na estrada, matas e rios na tentativa de prender imigrantes durante a travessia.

As tentativas de conter os fluxos migratórios não se limitam exclusivamente à construção de barreiras nas estradas. A infra-estrutura está sendo ampliada, com a construção de novos centros de detenção para migrantes clandestinos, aviões são fretados para reconduzi-los até Macapá, mais policiais e veículos foram enviados para o Departamento.

Nos últimos anos o governo implantou maiores exigências para renovação de documentos. Estas medidas foram aplicadas tanto para migrantes que apresentam pedidos de regularização pela primeira vez, quanto para os que trabalham na Guiana Francesa há mais de vinte anos e já estiveram na condição de legalizados. Outro grupo importante é o dos que vivem no DUF por muito tempo e não conseguiram a legalização, esses já viveram a experiência da deportação por incontáveis vezes.

Portanto, a condição de clandestinidade não significa uma etapa. Sayad (1998) aponta o imigrante como uma força de trabalho; é tolerado na medida em que contribui para o crescimento regional. Em seu estudo realizado com os Argelinos na França, analisa as condições em que os migrantes são aceitos. Acerca disso infere:

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

“O ideal teria sido que (...) o imigrante fosse uma pura máquina (...) e uma vez que o imigrante não é puramente mecânico, é forçoso conceder-lhe um mínimo. Assim, como trabalhador, é preciso que seja alojado, mas então o pior dos alojamentos é amplamente suficiente; como doente, é preciso que seja tratado (isso por ele mesmo e talvez muito mais para a segurança dos “outros”), mas que seja de forma mais rápida e econômica, sem tomar sempre o tempo e cuidado que uma situação particular requer, principalmente no caso de doenças mentais” (p.58).

A experiência de ser um trabalhador migrante pode ser transposta, a partir do relato na entrevista realizada por Sayad (1999) com um migrante argelino na França; sentimento que em diversos momentos tenho encontrado nas falas de muitos dos meus interlocutores.

Desde o ponto de partida, não havia grande alegria, é o mínimo que se pode dizer. Nunca é agradável deixar a família da gente, trocar o país da gente por outro. Mesmo que a gente sonhe com esse outro país, mesmo que a gente espere muito por isso, é sempre com pesar e tristeza que a gente deixa aqueles que nos são próximos, o mundo que nos é familiar. Quando ouço dizer que é porque pensamos que a França é o paraíso que todos nós imigramos para cá, eu me pergunto se não nos tomam por crianças (...) A gente sabia que a França não era o paraíso, a gente sabia mesmo que, em certos aspectos, é o inferno ... (p.654).

Os migrantes conhecem ou desconfiam dos diversos percalços que encontrarão ao longo do trajeto; embarcam em mistura de interações e construção de representações, que tem como um dos elementos principais a relação entre o lugar, a condição ou status que exerce na sociedade e o perfil que o qualifica como *imigrante* ou o *estrangeiro*.

Nesta relação os migrantes clandestinos destacam que aqueles oriundos de países europeus, são admitidos na sociedade como estrangeiros que trabalham e “não causam problemas” a exemplo de pessoas vindas da Bélgica, Itália, Espanha ou Suíça que conseguiram emprego e vivem de maneira legalizada no departamento.

Nesta classificação o migrante, particularmente o brasileiro é apresentado, na maioria das vezes, como um visitante indesejável. São considerados bons trabalhadores,

entretanto arruaceiros, brigões, qualificações que não abarcam somente os clandestinos, mas grande parte dos brasileiros.

4.2. Transpondo Fronteiras: construção de estratégias

As migrações freqüentemente são apresentadas como movimentos que criam grande impacto tanto nas sociedades de origem quanto nas receptoras, sobretudo quando relativo às internacionais; pois identidades diversas entram em contato e reconstroem-se. Recentemente os deslocamentos humanos no Brasil são movidos, principalmente em busca de trabalho. Neste sentido, desde a década de 1980, o país tornou-se exportador de mão-de-obra, o que é mostrado de maneira bastante clara nos trabalhos de diversos autores (Margolis, 1995; Sales, 1999; Sasaki, 1995; Arouck, 2002) Contudo, atualmente atravessa uma nova realidade, que é a atração de migrantes oriundos de países africanos, asiáticos, caribenhos e principalmente dos fronteiriços.

Estes migrantes compartilham, na maioria das vezes, de situações semelhantes, pois com o aumento deste movimento, os vistos de entrada e permissões para trabalhar tornam-se cada vez mais difíceis de serem conseguidos, principalmente por pessoas vindas de países que passam por situações crescentes de empobrecimento. Assim, os trabalhadores, amiúde, tentam entrar em solo estrangeiro sem o documento, o que os classifica como clandestinos. Este é um dos problemas mais graves ligados à migração. Apesar de os órgãos migracionais de cada país contabilizarem os migrantes que ali vivem, essa parcela permanece oculta. Certamente seus números não incluem os trabalhadores indocumentados.

São pessoas *invisíveis*. Categorizados pelos órgãos governamentais como clandestinos, desconsiderando a sua condição de trabalhadores. Na sociedade de migração, as percepções em torno dos trabalhadores evocam as noções de migrantes e estrangeiros ligando-os à clandestinidade, em uma relação impregnada com atributos negativos que transformam-se em estigma. Os migrantes são vistos como uma ameaça ao “nacional” ou ao estabelecido. Essa diferença expõe-se na forma de estereótipos

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

estigmatizados, racistas, e por vezes, xenofóbicos. O “outro” imaginado na figura do imigrante é transformado em risco, sendo responsabilizado pelos problemas que sua presença poderia propiciar. A partir desta lógica, Bourdieu (1998) destaca a representação que discrimina e atribui qualificação pejorativa ao migrante na França associando-o à criminalidade:

“uma das funções mais importantes do adjetivo “clandestino” que as boas almas zelosas da respeitabilidade progressista associam ao termo “imigrantes”, não seria criar uma identificação verbal e mental entre a travessia clandestina das fronteiras pelos homens e a travessia necessariamente fraudulenta, e logo clandestina, de objetos proibidos (de ambos os lados da fronteira) como drogas ou armas? Confusão criminosa que permite pensar esses homens como criminosos” (p.27).

Na região amazônica o processo não é diferente; contudo apresenta peculiaridades ao assinalar o movimento de migrantes peruanos, colombianos e bolivianos que diariamente embarcam rumo ao Brasil fugindo de condições problemáticas enfrentadas em seus países de origem. Em relação aos brasileiros, circulam também pela região em busca de melhores chances. Um dos destinos é a Guiana Francesa.

Ali convivem com fronteiras étnico-culturais. Apesar de o discurso político francês, exaltar a existência de um *mosaico de populações*. A propaganda governamental intitulada *Eblouissante Guyane* (2004) destaca a multiculturalidade e multiplicidade de migrantes como um grande mosaico étnico que coexiste de forma harmoniosa. Entretanto, é visível que na Guiana pululam manifestações favoráveis a um processo de desvinculação da França e autonomia, encabeçado por grupos locais. Aupoint (2006) destaca que esse projeto de reconhecimento das diversidades étnicas e de populações tradicionais pleiteia o reconhecimento das particularidades e territorialidades de cada grupo em um processo que respeite e considere a pluralidade.

A luta pelo reconhecimento contribui para a tessitura de novas identidades. É uma alternativa para a conservação de tradições e memória que os ligam à sociedade de origem e um mecanismo para manter sua identidade étnica.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

O convívio com outros idiomas e culturas diversas faz os brasileiros, bem como os demais grupos, necessitarem adaptar-se aos novos parâmetros sociais. Este contato geralmente é acompanhado por um processo intenso de criação de estigmas e estereótipos. Eles compartilham o mesmo destino, na maioria das vezes têm objetivos comuns que são a resolução de problemas financeiros e o retorno à terra natal com condições financeiras adequadas para montar um negócio próprio, trazer para os parentes que permaneceram no país de origem o que coroaria suas metas em vitória, traduzidas em mobilidade social.

Em geral, são originários de famílias de escassos recursos financeiros, com baixa escolaridade, não falam ou escrevem em língua francesa, diferenciando-se de muitos que migram para países como Estados Unidos e Japão (Sales, 1999, Sasaki, 2006) que tem como atribuição certa escolaridade, sendo alguns com nível superior. Tal perfil dificulta a obtenção de melhores colocações no mercado de trabalho até mesmo aos legalizados. Atualmente o número de desempregados na Guiana Francesa é bastante elevado e as dificuldades em conseguir uma oportunidade de trabalho reduziram-se. Inclusive algumas pessoas com grau de escolaridade em nível superior, obtido na França, têm dificuldades para conseguir boas colocações no mercado.

Essa parcela dos brasileiros, que é oriunda de regiões periféricas do país, com reduzido grau de escolaridade e poucas qualificações profissionais, assume trabalhos informais e com menores exigências. Mesmo quando têm documentos de residência e permissão para trabalhar, com frequência são admitidos para os cargos de motoristas, montadores de móveis, vendedores de lojas ou reposidores de mercadorias em magazines e supermercados.

A idealização da região como o *eldorado dos clandestinos* é positivada por um segmento da imprensa francesa (Le monde, 08/02/2007; L'Express, 12/2005) e legitimada pelos que levam migrantes para o local, elaborando uma aproximação com o continente europeu, como sinônimo de desenvolvimento, civilização, superioridade, em relação ao Brasil. Embora a região se destaque pela riqueza, nela as condições de empobrecimento dos grupos têm-se ampliado.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

Apesar dos muitos cuidados tomados pela administração departamental para impedir a entrada deles na Guiana Francesa, o fluxo migratório permanece constante, sustentado por uma rede social formada por familiares e amigos que migraram havia mais tempo e oferecem o suporte para a manutenção e reprodução destes trabalhadores.

As redes pessoais, de acordo com Soares (2002, p. 24) representam um tipo de rede social que se fundamenta em relações de amizade e parentesco, enquanto as redes migratórias têm como característica a existência de segmentos territoriais, origem e destino. Essas redes entrelaçam-se e são fundamentais desde a travessia até o estabelecimento do migrante clandestino em terras estrangeiras; na Guiana Francesa este processo não é diferente.

Elas auxiliam na viagem clandestina, facilitam o trânsito e estabelecimento na cidade e apresentam os recém-chegados aos estabelecidos; que tem possibilidade de inserir o migrante ao movimento da sociedade local, constituindo-se como importante etapa nas relações que os migrantes constituem.

4.3 – Migrantes na Guiana Francesa: fronteiras identitárias em construção

A decisão de migrar é, na maioria das vezes, resultado de um conjunto de fatores sociais, políticos e econômicos que contribuem para a atração ou expulsão de trabalhadores. Nos relatos dos migrantes destaca-se que a partida não é uma decisão individual e sim uma série de re-arranjos sociais e familiares, motivados por circunstâncias como desemprego ou a expectativa de melhores rendimentos que proporcionem à família a sustentação financeira.

São homens e mulheres responsáveis por suprir as necessidades de filhos, companheiros, pais e irmãos. Com frequência esta decisão vem acompanhada do confronto com novos significados socioculturais. Na sociedade guianense aspectos multiétnicos e multiculturais se destacam, atribuindo a ela inúmeros elementos demarcadores de um processo de formulação de identidades. Hall (2003, p.26) destaca que “nas situações de diáspora as identidades se tornam múltiplas”; então a influência

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

mútua sobre as diversas culturas contribui para a criação de novas identidades. Segundo este autor, a situação dos migrantes revela a construção de identidades híbridas, que necessitam da tradução para se afirmar. Neste sentido estes migrantes não são assimilados por esta outra cultura, pois “eles carregam os traços da cultura, das tradições, das linguagens e das histórias” da sua identidade étnica (2006: p.88,89).

Assim, as identidades modernas, de acordo com o autor, estão em crise, descentradas, deslocadas ou fragmentadas pela globalização em seus impactos sobre os referenciais modernos de sujeito, tempo e espaço, em que a globalização divide espaço com o fortalecimento de identidades locais, admitindo a diferença e a alteridade.

Segundo Bauman (2001, apud Rodrigues, 2008. p. 47), “o crescimento espetacular do discurso da identidade no mundo atual tem relação com o “desejo de reconhecimento” de grupos minoritários, que detonam processos políticos em que exigem direitos humanos de justiça e igualdade – como o “direito a uma identidade separada” – e direitos políticos que implicam na construção, negociação e afirmação da identidade”.

Os migrantes convivem na sociedade guianense com fronteiras étnico-culturais, que determinam a maneira como cada grupo se comporta seguindo as características comuns à sua identidade que pode ser regional, social, cultural, política, religiosa ou étnica, Barth (1998[1969] p.194) considera o conteúdo cultural de duas ordens:

1. Sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que duas pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo de vida geral; e 2. Orientação de valores fundamentais – os padrões de moralidades e excelência pelos quais as ações são julgadas.

Alguns símbolos contribuem para a identificação de si e do outro pelos migrantes, entre eles o modo de vestir-se, construir suas habitações⁴³, pelos alimentos

⁴³ É comum ouvir na Guiana Francesa, que as casas dos brasileiros são reconhecidas por terem uma antena parabólica, o que as diferenciam das demais.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

que procuram comprar⁴⁴, ou por segmentos no mercado de trabalho onde o grupo atua com atividade mais intensa, a exemplo da construção civil para os brasileiros.

Essa identificação do outro leva os brasileiros a aparecerem como um dos muitos sujeitos sociais afetados pelo “poder da identidade” (Castells, 1999). A transformação das identidades, ocorreria através do contato e troca, gerado pelo intenso fluxo migratório; são forjadas novas identidades, desde que os migrantes pertencem a uma cultura e estão inseridos em outra. Deste modo, buscam conservar suas tradições e a memória que os ligam à sociedade de origem, como mecanismos para manter sua identidade étnica. Ao mesmo tempo, precisam construir identidades que se adéquem ao novo território e cultura com as quais passam a ter contatos diários.

O convívio com outros idiomas, culturas e pessoas de sociedades diversas faz os brasileiros, bem como os demais grupos, necessitarem adaptar-se aos novos parâmetros sociais; conservando suas características, essa condição admite a formação de identidades plurais.

Este contato geralmente é acompanhado por um processo intenso de criação de representações, estereótipos e, sobretudo estigmas; nestas, o grupo dos brasileiros surge no mercado de trabalho como os pedreiros ou garimpeiros, atribuições relativas às ocupações masculinas, enquanto as mulheres assumem os postos de faxineiras, garçonetes, dançarinas, cozinheiras e prostitutas.

Tal perfil muitas vezes torna-se depreciativo, estendendo-se a outros segmentos (espaços de lazer e moradias). Aos homens brasileiros são atribuídas bagunças, festas com música em volume elevado, bebedeiras e brigas, além de engravidarem mulheres francesas “brancas ou metrô”⁴⁵ com intento de obter a expedição da *carte de sejour*⁴⁶ ou casarem-se e, freqüentemente, após a aquisição do documento abandonarem a esposa. Alguns interlocutores expuseram que certo número de migrantes não gosta de morar próximo a famílias de brasileiros, pois dizem que estes são muito barulhentos, e é

⁴⁴ Durante as idas ao mercado local, em Caiena, diversas vezes açougueiros me ofereceram carnes de gado, dizendo: freguesa tem peito, costela! Intrigada, perguntei aos interlocutores o motivo de justamente esse corte do gado ser oferecido; e obtive como resposta que são os cortes mais baratos e que os brasileiros costumam comprar.

⁴⁵ Termo atribuído para qualificar os franceses vindos da Europa.

⁴⁶ Documento que permite ao migrante fixar residência em terras francesas por período determinado, que varia de um a dez anos.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

comum acontecerem brigas nas casas; assim, se houver clandestinos nas casas vizinhas existe a possibilidade de a polícia descobrir.

Por sua vez, as mulheres são vistas com temor pelas outras, pois é voz corrente, que as brasileiras têm preferência por conquistar ou relacionar-se com homens casados. Relatos de mulheres de outras nacionalidades atribuem esta pseudo-facilidade nas conquistas, por as brasileiras serem mais disponíveis, liberais. Esta justificativa pode ser interpretada como uma maneira de depreciar a imagem feminina diante das demais.

Frente a esta figura estigmatizada dos brasileiros, o processo de construção de identidades é reforçado pela criação de estratégias para manutenção da identidade étnica do grupo. Barth (1998 [1969]) admite que o grupo mantém sua identidade, “quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão” (p. 195).

O autor infere, nesse sentido, que a fronteira étnica canaliza a vida social e implica uma organização bastante complexa do comportamento e das relações sociais. A transposição desta barreira, muitas vezes, vem acompanhada de um processo lento de superação e criação de estratégias, no qual alguns grupos acentuam essas fronteiras que são sociais e podem ter contrapartida territorial (Barth, (2000[1969]p.33-34).

Assim a fragmentação da sociedade guianense em torno das identidades étnicas forma-se por intermédio dos sistemas que cada um deles cria para determinar sua existência, pertença e seu status, conforme Barth,

Apesar de esses sistemas conterem vários grupos étnicos, a interação entre os membros de diferentes grupos não provém da complementaridade das identidades étnicas; ela ocorre dentro da moldura das instituições e status do grupo dominante e majoritário, na qual a identidade como membro da minoria não dá nenhuma base para o agir, ainda que possa em algum grau implicar uma incapacidade para assumir status operativo (p.58).

Embora a condição do imigrante brasileiro na Guiana Francesa se assemelhe aos demais que procuraram o departamento (caribenhos, africanos e asiáticos), a posição que o grupo ocupa, de acordo com as falas de alguns interlocutores, têm sido cada vez mais difícil, pois a maioria dos migrantes não consegue se adaptar à sociedade,

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

expressando que a vida na Guiana é bastante tediosa e apenas o dinheiro ganho compensa a distância do Brasil.

O sentimento de não atingir a interação com a sociedade local revela fronteiras sociais bastante resistentes, embora as semelhanças climáticas e geográficas ofereçam a sensação de proximidade com o Brasil; os padrões culturais, de comportamento, idioma, expõem traços de uma sociedade que passa por um intenso processo de transformação social, cultural e política.

João, um amapaense de 45 anos, trabalhador da construção civil, solteiro, vive na Guiana Francesa há vinte anos e atualmente possui o status de legalizado no DUF; declara o desejo de voltar a morar em Macapá, como confirma seu depoimento,

“Aqui é muito ruim. Eu vim pra cá no final de oitenta e oito , trabalhei no garimpo e depois de ter pego umas malárias por lá, vim para Caiena; então eu voltava pro Brasil sempre no natal e nas férias, mas agora esse presidente (Nicholas Sarkozy) assumiu, e mandou a polícia ficar parando todo mundo na rua e pedindo papel (*carte de séjour*). Eu acho isso uma bandalheira porque a gente vem para Caiena e trabalha para construir tudo aqui. Paga imposto caro para alugar casa, para ter carro e, está sujeito a ser preso!”

“Não pode nem criar uma galinha porque se ela passar pro quintal do vizinho, ele chama a polícia e eles (policiais) vêm querer mandar até no teu quintal. Se tu faz (sic) uma festa não pode botar o som alto porque eles (polícia) vem mandar abaixar e, se tu faz um fogo para um churrasco ou para queimar um mato, o vizinho telefona e eles vem mandar apagar. É muita perseguição contra a gente que é brasileiro! Assim que eu melhorar de dinheiro volto para o Brasil, porque não me acostumo com essa vida! Eu gosto daquela alegria do Brasil, aqui não tem animação, nada pode!”

Ao longo da investigação, vários relatos e situações foram analisados. Nestas terras o brasileiro, principalmente o clandestino, revela sentir-se um *outsider* (Elias: 2000 [1965]). Essa categoria trabalhada pelo autor demonstra as relações entre diferentes grupos. Neste estudo os *outsiders* são moradores recém-chegados que eram vistos com desconfiança, sendo criado em torno da chegada deles uma série de estigmas e conflitos motivados pelo contato e caracterizados por relações de poder. De acordo com Elias

“A “antiguidade” da associação, com tudo o que ela implicava, conseguia, por si só, criar o grau de coesão grupal, a identificação

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

coletiva e as normas comuns capazes de induzir à euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com o desprezo complementar por outros grupos” (p. 21).

Em relação à inserção dos migrantes na Guiana Francesa ocorrem alguns conflitos referentes à sua presença, no entanto essas circunstâncias não se limitam à presença dos recém-chegados, nos discursos da maioria dos estabelecidos destaca o desejo de retornar ao Brasil e uma não adaptação à sociedade local.

As experiências relativas aos clandestinos revelam que a maioria sente-se sem condições ou desejo de transpor as fronteiras do contato com o outro. Essa relação apresenta-se como uma condição social e jurídica. Social por estes migrantes se representarem como exercendo um lugar menor na estrutura originária da sua posição. Jurídico por estarem com status de clandestinos, logo sem direitos. O elemento contraditório nesta relação é a posição assumida pelos migrantes, pois apesar de serem reconhecidos como exímios profissionais, sentem-se como indesejáveis, intrusos, e injustiçados; alguns interlocutores relatam que os clandestinos trabalham muito e, se forem expulsos, não haverá quem construa as obras na Guiana Francesa. Que não saem dos lugares onde vivem sequer para comprar comida e, no entanto, são considerados causadores de violências.

Essa identidade exposta nas narrativas concebe o migrante clandestino como trabalhador, sofrido, envolto em obrigações com a família deixada no Brasil. Afirmam necessitar aprender os códigos da sociedade local, sem esquecer os da sua própria, e configuram identidades que são encaixadas de acordo com a realidade.

Por outro lado, é representado como ameaça; nos discursos dos que apóiam a *limpeza étnica*, a qualificação como clandestino o marca de maneira depreciativa. “É o que rouba, agride, mata policiais nas áreas de fronteira”. Estes indicadores simbólicos permitem compreender de que forma a identidade étnica do grupo de brasileiros e as múltiplas identidades assumidas apresentam papel tão determinante no que é atualmente a sociedade guianense. São elaborados estratégias para evitar o seu estabelecimento; uma delas é a estigmatização do grupo.

4.4 - A força de trabalho oculta: o sentimento de estar clandestino

Estar clandestino não é uma condição temporária. A maioria dos trabalhadores brasileiros que se enquadra nesta categoria relata eventos e situações que fazem este estado se prolongar; episódios semelhantes em relação às circunstâncias experimentadas como: a entrada no Departamento, a maneira como conheceram as pessoas para quem trabalham e, finalmente, os sentimentos em relação à vida como migrantes.

Estas narrativas servem de base para entender as percepções acerca do sentimento de ser reconhecido como clandestino; atribuição carregada de estigmas. Esta condição os torna presas fáceis para pessoas que aproveitam da sua condição para explorá-los e obter benefícios econômicos às suas custas. Os clandestinos estão sujeitos à extorsão, abusos e exploração por parte de patrões, migrantes de outras nacionalidades e seus pares. O medo de serem presos e expulsos supera as necessidades que porventura possam ter, contribuindo na diferenciação e exclusão.

Durante a estada em campo observei que a chegada desses imigrantes não lhes oferece a possibilidade de gozar de uma vaga no mercado de trabalho, sua condição faz com que precisem confiar nos patrões e sujeitar-se a longas jornadas de trabalhos e diárias que em média custam 50%⁴⁷ a menos que as pagas a um migrante legalizado. Desse modo, a presença de trabalhadores clandestinos é admitida, desde que contribuam para o crescimento Departamental.

Ao questionar a alguns dos interlocutores acerca do sentimento de ser migrante, a narrativa corrente, que parece estar entronizada, inclui uma mistura de decepção, obrigatoriedade em enviar dinheiro para a família e apresentar relativo sucesso. Estes sentimentos se transformam em desespero quando, por muitas vezes, não podem sair para trabalhar, não conseguem serviço ou precisam fugir da polícia.

O compromisso assumido na sociedade de origem tem como resposta as remessas enviadas para a família. A aceitação gerada pela sensação de vitória,

⁴⁷A diária média paga a um trabalhador legalizado é de €\$ 60,00. Enquanto a paga aos clandestinos não ultrapassa os €\$ 30,00.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

apresentada ao desembarcar no Brasil, durante as raras viagens realizadas ao país, revelam que o migrante adquire, após a partida, maior credibilidade junto à família, vizinhos e amigos, motivada pelas ilusões criadas em torno da migração.

Assim dificuldades e situações vexatórias são toleradas em nome de suprir necessidades. Edmar, um paraense, trabalhador da construção civil, casado, 34 anos e pai de três crianças, conta sua trajetória:

“Quando eu cheguei aqui (Caiena) não conhecia nada, nem ninguém, apenas um amigo, que foi quem me trouxe e me indicou para trabalhar na empresa em que ele trabalhava; mas ele ganhava pouco, por também ser clandestino. Eles pagam pouco para quem não tem papel e a gente trabalha dia e noite! Nós dois passamos muita fome.”

“A única refeição era um sanduíche que o patrão dava às vezes. Tinha dia que a gente não comia nada. Muitas vezes a gente ai trabalhar e quando tinha um tempo, ficava procurando algum dinheiro pelo chão para poder comprar um lanche ou alguma comida. Até que eu comecei a trabalhar como ajudante de pedreiro, mas o trabalho era pesado, eu não sabia fazer e tive que aprender; por isso muitas vezes trabalhei sangrando, ferido; mas tinha que mandar dinheiro pra casa.”

Ainda neste sentido, Edmar declara seus sentimentos em relação à vida como imigrante clandestino:

“Esta vida é a pior coisa que tem! Se alguém disser pra mim que quer vir para Caiena eu tiro as forças; porque isso aqui não é vida pra ninguém! Tem que viver se escondendo da polícia, às vezes a gente tem dinheiro pra comprar comida e não pode ir, porque não sabe falar ou a polícia pode chegar a qualquer momento e prender a gente. Não dá nem para ligar para casa porque os homens (polícia) podem chegar e te levar. Um dia eu fui até ao china comprar barbeador e a mulher não entendia o que eu queria então me levou pra gôndola do *Cassoulé*⁴⁸, mas eu não queria comida! Eles pensam que a gente só sai pra comprar isso!”

Para a maioria dos trabalhadores, o sentimento de ser vinculado à ilegalidade gera situações de angústia e constrangimento em relação ao outro (legalizado, francês),

⁴⁸ Comida francesa a base de feijão branco com salsichas suínas; enlatado, bastante consumido pelos migrantes na Guiana Francesa.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

a sua condição dificilmente é revelada. Diversos relatos demonstram que as solidariedades raramente são percebidas entre os brasileiros, *é cada um por si*, expõe Antonio, um trabalhador da construção civil.

Situação semelhante é identificada por Sales (1999), em relação aos brasileiros que vivem nos Estados Unidos. Na sua interpretação, a associação dos migrantes ilegais a clandestinos seria errada. Nesse sentido Bourdieu (1998) avalia que a associação da categoria clandestino a coisas proibidas deturpa o papel desempenhado pelo trabalhador migrante. A realidade seria que esses migrantes não têm o documento que permite a permanência no país, o que não os criminaliza; sociologicamente eles estariam em situação de ilegalidade.

Atualmente duas categorias são atribuídas aos indocumentados na França: *sans-papiers* e clandestinos. A primeira surgiu com as leis migracionais formuladas pelo estado francês a partir dos anos 1990, e restringiam os direitos de imigrantes que apresentavam algum vínculo familiar na França; eles não poderiam ser expulsos do país, contudo lhes era vetada a legalização da sua situação. Este grupo foi e continua sendo bastante ativo politicamente, articulando e organizando manifestações que objetivam reivindicar e chamar atenção da mídia, do povo e do governo francês para suas questões.

A segunda categoria atribuída é a de clandestino, nesta se encaixam todos aqueles que entraram e vivem em solo francês sem autorização administrativa e não possuem nenhum laço familiar (casamento, filhos), sendo sua prisão e expulsão legalmente permitidas.

Uma identidade *inferiorizada* é atribuída aos que se ajustam a este perfil, inclusive em relação aos *sans-papiers*, sobretudo porque os considerados *sans-papiers* apóiam-se na *Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias*. Essa convenção assegura permanência dos migrantes que tem parentes em solo francês, sugerindo que os migrantes que possuem filhos nascidos nos países de migração, não podem ser expulsos, o que possivelmente admite que transitem pelas ruas, órgãos públicos, serviços de saúde e outros espaços. Essa diferenciação permite compreender de que

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

modo o grupo dos clandestinos elabora suas representações e formula suas identidades, neste contexto social que associa trabalhador clandestino à ilegalidade.

Na Guiana Francesa estas manifestações pouco acontecem. A articulação dos grupos é bastante frágil e se concretiza somente quando há suporte de associações ou organizações ao evento. Ao ser interpelado sobre a existência das passeatas dos *sans-papiers* em Paris e a respeito de como este tipo de articulação poderia melhorar ou regularizar a situação de alguns trabalhadores no departamento francês, José responde de maneira enfática acerca das dificuldades encontradas pelos trabalhadores, narrando um caso ocorrido com um amigo:

“se a gente fizer isso vai todo mundo preso e deportado; porque os que têm filhos na Guiana com mulher francesa não conseguem tirar o papel, porque sempre tem uma desculpa quando a gente chega na *prefecture*⁴⁹; ou não tem data ou marcam o *rendevouz* no domingo ou no feriado. O certo é que, eles dificultam a emissão do papel.”

“Outros (migrantes) que tem filhos matriculados nas escolas e teriam direito a ter sua situação regularizada, muitas vezes não conseguem nem vaga para os filhos no colégio. Um desses dias um amigo nosso do Cabassou⁵⁰ chegou lá (escola) e a mulher disse que não tinha vaga para os filhos dele; só que a menina já tem treze anos e o menino doze, e os dois estudam na escola aqui em Caiena desde os cinco anos de idade. Ele foi lá e disse: madame eu preciso matricular as crianças, porque senão depois eles vão ficar sem estudar. E a mulher respondeu que não tinha vaga, que ele voltasse para o Brasil. Então a gente se queixou pra um amigo francês que é professor de criança estrangeira. Foi quando ele falou para a responsável pelas matrículas e ela ligou na hora para a escola, e a mesma mulher que disse que não tinha vaga desta vez confirmou a possibilidade de matricular as crianças na escola.”

“É sempre assim, nunca tem nada pra gente!”

(José, 40 anos; é trabalhador na construção civil; vive na Guiana há seis anos, natural da cidade de Macapá, casado e pai de duas crianças).

A fronteira entre direitos sociais e acesso a eles no Departamento Francês se mostra bastante tênue, desde que legalizados e clandestinos, com frequência, passam por circunstâncias similares. Alguns legalizados têm dificuldade para ter acesso a

⁴⁹ Órgão da administração francesa, encarregado de emitir diversos tipos de documentos, entre eles certidões de nascimento e *carte de sejour*.

⁵⁰ Bairro habitado principalmente por brasileiros, localizado na periferia de Caiena.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

direitos sociais básicos, como educação, saúde e moradia. A não ser que tenham alguém que interceda por seus interesses, encontram dificuldades para morar, estudar ou curar-se de alguma doença que porventura venham a sofrer. Os clandestinos, por estarem vinculados à sua condição, têm esse impedimento, enquanto os legalizados encontram dificuldades em obter os benefícios sociais por desconhecerem a língua e precisarem de intérpretes para auxiliá-los nas solicitações, especialmente as escritas.

Algumas situações experimentadas no processo de migração são construídas com base em ilusões, necessárias para que a condição real permaneça oculta, elas reproduzem os mesmos mecanismos que incentivam a ida de novos migrantes de maneira clandestina para o Departamento. Sayad aponta a existência da simulação da realidade, por parte dos migrantes, que incentiva novas migrações.

“o informante [migrante] produz o próprio modelo do mecanismo segundo o qual se reproduz a emigração e no qual a experiência alienada e mistificada da emigração preenche uma função essencial. O desconhecimento coletivo da verdade objetiva da emigração [dissimulação] que todo o grupo se esforça por manter (os emigrantes que selecionam as informações que trazem quando passam algum tempo na terra; os antigos emigrantes que ‘encantam’ as lembranças que guardaram da França; os candidatos à emigração que projetam sobre a França suas aspirações mais irrealistas etc.) constitui a mediação necessária através da qual se pode exercer a necessidade econômica” (1998. p. 44).

Desta forma o ciclo de reprodução do migrante clandestino se renova sempre que um destes trabalhadores volta para sua terra natal com dinheiro e gasta, aparentando viver em boa condição financeira e social na França. Essa situação faz com que muitos vizinhos, amigos e parentes imaginem que a migração é a saída para os problemas financeiros da sua sociedade.

Se a relação da França com seus imigrantes parece ter se tornado cada vez mais complicada, a tendência para considerar a imigração como um problema de segurança e o imigrante como uma ameaça ao país, parece ter sido estabelecida como uma das metas mais marcantes da atual política. Os migrantes clandestinos estão no centro destas discussões e recebem toda a carga de estigmas; são vistos como vilões neste processo

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

pelas instituições políticas e por seus pares, que atribuem a eles a culpa pela formulação desse tipo de medida.

Quando a entrada de migrantes clandestinos em solo francês aumenta, ampliam-se as medidas de controle adotadas pelo governo, na tentativa de reprimi-la, procedimentos que visam desarticular as redes de auxílio aos migrantes. No entanto, interlocutores expuseram que as rígidas leis da migração, instituídas pelo país, servem para estimular a migração ilegal. Pois quando é difícil atravessar uma fronteira de maneira legalizada, as pessoas tentam fazê-la de forma clandestina, mesmo que essa vivência os prive de direitos sociais básicos.

Enfim, a lógica dos trabalhadores clandestinos reside em suportar, por maior tempo possível, as dificuldades encontradas na migração, com o intuito de acumular dinheiro suficiente para ter suas metas traduzidas em vitória na realização do retorno. Mas é também comum que muitos deles, ao chegar ao Brasil para passar as festas ou férias, gastem todo o dinheiro conseguido e, ao retomar o caminho da migração, o façam sem dinheiro até para atravessar clandestinamente para alguma cidade ou área de garimpo. Ainda assim, para a maioria deles, lançar-se novamente ao circuito migratório, apesar de todas as vicissitudes já vividas e sentidas, apresenta-se como uma escolha lógica, diante de um horizonte com poucas alternativas possíveis, o que repete e reforça esse movimento.

CONCLUSÃO

A transnacionalidade, as territorialidades e a multiculturalidade são elementos fundamentais para se entender os processos de construção de múltiplas representações sociais e identidades dos migrantes clandestinos na Guiana Francesa. Trata-se de uma sociedade que difere, inclusive, das demais das regiões amazônica e caribenha, por se configurar em uma mistura de culturas créole, indígena, e de diferentes países da região amazônica, Europa, Ásia e África; o que lhe oferece a característica de agregar, em pequenos espaços, públicos ou privados, práticas culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas, com características próprias de contextos de alteridade que, no entanto, ocorrem simultaneamente e por vezes se mesclam, criando possibilidades de uma identidade étnica guianense, ao mesmo tempo em que destacam as múltiplas identidades moldadas nesse contexto.

Ali, momentos de sociabilidade festiva, a exemplo do carnaval, permitem contemplar, em um mesmo espaço, diferentes grupos: chineses, surinameses, guianenses (reconhecidos como ingleses), crioulos (guianenses franceses), haitianos, franceses metropolitanos, saramakas e brasileiros.

Outro espaço onde esta multiculturalidade é explícita é o Mercado Central de Caiena, cuja diversidade expõe fronteiras bastante nítidas, que variam desde os produtos que cada grupo comercializa, às diferentes línguas faladas, até a localização de cada um deles no espaço da feira e dentro do prédio mercado. Alguns bairros, linhas de ônibus ou restaurantes apresentam-se, por vezes, como espaços onde grande parte dos transeuntes pertence a um grupo específico de migrantes, representando de maneira clara a formação destas territorialidades, a exemplo de um conhecido restaurante chinês, no centro de Caiena, que aos domingos à noite é preferencialmente freqüentado por chineses. Pessoas de outros grupos não são vistas ali nesses dias ou, quando o são, ocupam no máximo duas das mais de trinta mesas existentes no local, sendo observadas com curiosidade pelos outros clientes.

Com base nesta perspectiva de análise, em conformidade com a afirmação de Barth (1998[1969] p.188), de que “as diferenças permanecem apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos”, pode-se concluir que os vários grupos de

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

migrantes que vivem neste Departamento constroem uma sociedade segmentada e territorializada, onde os fatores da transnacionalidade revelam a existência de múltiplas identidades, nas quais os brasileiros interagem, sempre que podem, de modo a demarcar suas posições de forma bastante definida, trazendo elementos simbólicos, culturais e lingüísticos que os definem como pertencentes ao grupo dos brasileiros. São símbolos ou sinais manifestados no sentido de elaborar um auto-reconhecimento e auto-afirmação perante o outro.

Por nenhum momento tenho a pretensão de acreditar que o tema das representações sociais produzidas entre migrantes brasileiros na Guiana Francesa tenha se esgotado neste trabalho. A investigação, que estendeu-se por diversos anos, não conseguiu abarcar completamente essa problemática tão complexa,

Entretanto, acredito que essa etnografia possa contribuir para as discussões acerca desta problemática tão pouco pesquisada, sobretudo pelo fato de o grupo dos clandestinos evitar expor-se, pela sua própria condição limitar, transitória, ilegal. Torna-se então uma estratégia crucial, para esses migrantes manterem-se ocultos ou ficarem despercebidos durante a maior parte do tempo em que permanecem no DUF, tanto para fugirem ao controle policial quanto para evitarem a carga depreciativa das classificações simbólicas, nas quais os estigmas a eles atribuídos têm o peso de uma visibilidade negativa.

Assim, a pesquisa busca expor as percepções dos interlocutores que vivem na condição de clandestinidade, por vezes representando-se como *sem-lugar* e *sem-papel*; algumas categorias que Agier tem tratado com exaustão em relação aos deslocados e refugiados que são, na maioria das vezes, indesejáveis na sociedade receptora, mas não tem a possibilidade de regressar para a sociedade de origem. No caso dos brasileiros clandestinos, essa classificação evidencia-se, sobretudo quando a sua presença em veículos midiáticos aparece de forma depreciativa.

O contato entre diferentes grupos de migrantes levanta questões de identidade em um contexto de interações socioculturais, articulações políticas, redes sociais e projetos familiares transnacionais. Nestes a globalização e a territorialidades de capitais frequentemente não abrem fronteiras para as pessoas, na maioria das vezes há uma migração seletiva ou regida por acordos internacionais, a exemplo das que acolhem refugiados climáticos ou afetados por guerras civis; por sua vez, os migrantes e

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

deslocados em geral permanecem clandestinos até que consigam, por meio de alguma estratégia, a legalização.

A existência dos diversos “outros” nessa sociedade é um dos pontos de partida para o estabelecimento e criação de estigmas que os classificam como responsáveis por variados problemas da sociedade local.

Deste modo, como indica esta pesquisa, o objetivo dos migrantes, ao partir nesta migração clandestinamente reside em busca de melhores oportunidades econômicas, mesclada por elementos simbólicos que atribuem a essa migração a oportunidade de obter ascensão econômica e social traduzidas na aquisição de um terreno, a compra e/ou construção da casa própria, montar um negócio no Brasil (padaria, mercearia) ou a compra de veículo.

As oportunidades de trabalho para migrantes clandestinos, por sua vez, são cada vez menores. O controle policial foi intensificado e as chances de conseguir serviço tornaram-se escassas; quando há, é necessário extremo cuidado para evitar o confronto com a polícia, embora a atenção nas ruas não seja o único perigo, pois as constantes inspeções dos policiais nos canteiros de obras fazem os empregadores temerem esse confronto e evitarem a contratação destes trabalhadores.

Apesar de as condições de vida e trabalho dos brasileiros clandestinos serem muito difíceis, vale dizer que eles não são vítimas deste processo, pois a sujeição a estes serviços, moradias, e demais situações propiciadas por estarem ilegais são toleradas na medida em que um projeto de ascensão econômica foi traçado na partida; este planejamento é colocado em prática no intuito de conseguir o que se veio buscar na Guiana Francesa.

Ainda que estejam como clandestinos, destacam-se em suas falas as vantagens obtidas com a vida na Guiana, enfatizando que, na maioria das vezes conseguem mandar dinheiro para casa e adquirir alguma conquista financeira no país de origem. No entanto, constatei que grande parte permanece na migração por não desejar mostrar para a família uma imagem de fracasso no estrangeiro.

Pode-se afirmar que as relações sociais traçadas nesta migração, em conjunto com as interculturalidades existentes entre os diferentes grupos, não ocorrem de forma tranquila; frequentemente os clandestinos são representados, inclusive por alguns brasileiros que exercem o status de legalizados, como uma barreira à integração e à

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

diminuição de estigmas e estereótipos atribuídos aos migrantes. São representados como brigões, bagunceiros, violentos, irresponsáveis e beberrões.

As mulheres, por sua vez, são vistas como prostitutas e apresentadas como perigosas, o motivo seria “roubarem” os maridos das outras; as acusações provêm mesmo de algumas brasileiras legalizadas, que lhes oferecem apoio na Guiana Francesa e tem os esposos seduzidos pela suposta amiga que deseja obter seu documento de legalização com a oficialização de um relacionamento com um homem com nacionalidade ou cidadania francesa, ou o registro de uma criança por um homem destes. Algumas cidades, como Kourou, têm uma associação de mulheres que são contra as brasileiras; essa visão dificulta a solicitação de serviços por algumas que não compartilham desta prática.

Destacou-se, na maioria das entrevistas, a afirmação de que grande parte dos brasileiros faz uso de bebidas alcoólicas, principalmente cerveja, para relaxar e não para brigar. Quando questionados em relação às brigas, apelam para as representações da masculinidade do migrante, que necessita mostrar-se forte para defender-se dos demais. Afirmam que brigam porque têm o sangue quente, são machos. Jair, um trabalhador da construção civil, afirma: *eles querem cagar na nossa cabeça porque a gente é clandestino, mas a gente mete a porrada mesmo, se um destes (outros) botar banca.*

As palavras do migrante demonstram que, dentro deste contexto, o clandestino se auto-representa como uma figura masculinizada, que apela para a força física para defender-se de pessoas ou grupos que queiram usar do status de legalizado ou nacional para subjugar o outro. De acordo com as narrativas de alguns migrantes, esse teria sido o estopim para o confronto ocorrido em Albina entre brasileiros e marrons, no Suriname na noite de 24 de dezembro de 2009.

Alguns brasileiros também utilizam o “poder” do seu documento para fazer prática semelhante. As solidariedades étnicas e identidades são sobrepostas pela diferença entre ser ou não legalizado, alguns se apóiam no seu status de legal para inferiorizar o outro.

Outras questões permanecem abertas para investigações futuras, dentre as quais destacam-se as diferentes sociabilidades exercidas pelos vários grupos de migrantes, suas práticas culturais, sociais, políticas e de cidadania.

Dentro destes grupos que constroem alteridades e fronteiras, observo que uma parcela dos brasileiros isola-se dos seus conterrâneos, criando um novo grupo de

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

brasileiros, os que vêm na possibilidade de serem reconhecidos como franceses a chance de mudança de status social e a desvinculação dos estigmas atribuídos aos brasileiros, evitando assim as representações elaboradas para identificar o outro (o crioulo guianês, o francês branco “metrô”, o china, o kuli, o inglês, o haitiano, o homg, o peruano, o preto africano, o saramaka, o índio, e por fim o brasileiro e o clandestino).

Os diálogos com o outro, deste modo, se traduzem em estereótipos, estigmas, indiferença e até mesmo em intransigência, enquanto no conjunto de representações dos brasileiros “os clandestinos” se consideram muito trabalhadores e destacam que, se forem deportados, não haverá pessoas para construir as obras na Guiana. Essa é uma forma de negação do estigma com a utilização do *ethos* do trabalho. Assim, o brasileiro essencialmente se representa como uma força de trabalho, corroborando a tese de Sayad sobre a condição do migrante.

O processo de sociabilidades se qualifica como um universo de expressões simbólicas, onde os migrantes transitam por diferentes espaços, identificam, elaboram classificações de caráter social e simbólico que determinam a forma como vêm os outros. Elaboram estratégias de sobrevivência e, de acordo com a posição que assumem na sociedade, identificam-se ou não como brasileiros, em um complexo sistema que chega a desprezar a língua materna, em uma forma de identificação ou utilização da língua francesa como superior. São grupos que buscam na representação de si (como franceses, legalizados) e na desqualificação do outro (como brasileiros, clandestinos), o fortalecimento de fronteiras simbólicas como forma de construir uma identidade francesa.

Alguns clandestinos, por sua vez, quando mudam de condição tendem a mudar suas posições, ou seja, assumem o discurso do legalizado. Dessa forma, as relações exercidas entre eles e os outros são permeadas por um intercâmbio de posições onde o **eu** ou o **nós** alternam-se, de acordo com a situação em relação ao outro, revelando-se como um diálogo que vai da solidariedade entre migrantes, que se representam como minoria, até a intolerância entre alguns grupos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

L'ATLAS DES POPULATIONS IMMIGREES EN GUYANE. l'Institut National de la Statistique et des Études Économiques (Insee), l'Agence nationale pour la Cohésion Sociale et l'Égalité des chances (l'ACSE). 2006. Disponível em :www.insee.fr/fr/insee_regions/guyane/.../atlas.../atlas_immigres_gy.pdf . Acessado em: 12/05/2008.

AUBERTIN, Guillaume. *Vos papiers, s'il vous plaît!*. France-Guyane. Caiena: agosto/2009. Disponível em: <http://www.franceguyane.fr/actualite/faitsdivers/vos-papiers-s-il-vous-plait-19-08-2009-35053.php>

AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. In: *Revista Tempo Social*. V. 18, n. 2. 2006. <http://www.scielo.br/scielo> Acessado em 15/06/2008.

_____. Lugares e redes – As mediações da cultura urbana. In: *Além dos territórios*. Ana Maria NIEMEYER e Emilia Pietrafesa de GODÓI. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

_____. Técnicos e Peões. In: *Imagens e Identidades do Trabalho*. São Paulo: HUCITEC; ORSTOM, 1995.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: *Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

AROUCK, Ronaldo de Camargo. *Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construção de alteridades*. Belém: NAEA/ UFPA, 2002.

AUPOINT, Jean Michel. Luta pela apropriação coletiva da terra na Guiana Francesa e impedimentos do aparelho colonial. In: *Populações Tradicionais Questões de Terra na Pan-Amazônia*. ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). Belém: UNAMAZ, 2006.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).

_____. *Os Domínios do Parentesco*. Lisboa: Edições 70, 1978.

BAENINGER, Rosana. *La migración internacional de los brasileños: características y tendencias. Santiago de Chile: Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (Celade). División de Población y Desarrollo, 2002*. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Capturado em: 30/01/2007.

BARNES, John. Redes sociais e processo político. In: *Antropologia das sociedades contemporâneas*. Bela FELDMAN-BIANCO (org.). São Paulo: Global, 1987.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. Identity in the globalising world. In: *Social Anthropology*, EASA, vol. 9, part 2, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos Táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. “A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo” In: *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/BERTRAND, 1989.

_____. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Prefácio. Um analista do inconsciente. In: Sayad, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 9- 12.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes. 1999.

BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976 [1975]

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

_____. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo, Unesp - Brasília, Paralelo 15. 2006.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CLAVEAR, Ana Julieta Teodoro. “*Ni vue, ni connue*”: a construção da nação na Guiana Francesa. Dissertação de Mestrado, PPGAS/UNB; Brasília, 2005.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DAMATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo ou como ter ‘anthropological blues’ In: *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (2000 [1965])

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

EBLOUISSANTE GUYANE. *Collection Guyane*. Montpellier, France : Plume Vert, 2004.

GAUDEMAR, Jean Paul de. *Mobilidade do trabalho e acumulação de capital*. Lisboa: Estampa, 1977.

GOFFMAN, Erving. Estigma e identidade social. In: *Estigma, Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara.1988.

GRANGER, Stéphane. *Guiana: da rivalidade à cooperação*. La Roche Gravée, Caiena, n. 3, 1999.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da Diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HANNERZ, Ulf. *Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional*. Mana, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, Abril. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo> acessado do em 11 de fevereiro de 2009

HOBBSAWM, E.J. *Era dos extremos: O breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOPQUIN, Benoît. *Guyane, l'Eldorado des clandestins*. In: *Le monde*. Paris. 09 Fev 2007. <http://www.lemonde.fr> Acessado em 08 fev 2007.

IANNI, Otávio. *O labirinto norte-americano*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Família. In: *O olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. A noção de casa. In: *Minhas Palavras*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARGOLIS, Maxine. *A minoria invisível: imigrantes brasileiros em Nova Iorque*. São Paulo: Revista Travessia, 1995.

MARTINS, Rosiane Ferreira. *Trabalho e identidade: retratos da imigração de brasileiros para a Guiana Francesa*. Monografia, UFPA, Belém – PA. 2007.

MENEZES, Marilda Aparecida de. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes. Um estudo de famílias de camponeses – migrantes*. RJ: Relume Dumará: Ed. UFPB, 2002.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e Identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, Lília; QUEIROZ, Renato (Org.). *Raça e diversidade*. São Paulo, Editora da USP, 1996.

PAYOT, Marianne. *La bombe migratoire*. In: L'EXPRESS. Paris, 01/12/ 2005.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

PATARRA, Neide. *Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais*. Estudos Avançados, v.20, n.57, 2006. Disponível em <http://www.iea.usp.br> Capturado em 23/01/2007.

PIANTONI, Frédéric. *L'enjeu migratoire em Guyane Française: une géographie politique*. Collection Espace Outre-mer. Íbis Rouge Editions. Matoury. Guyane, 2009.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. *O Fetiche do emprego: um estudo sobre as relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa*. Tese (Doutorado); Belém- Pará: NAEA (Núcleo de Altos Estudos Amazônicos). 2008.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998.

PROCÓPIO, Argemiro. *A Amazônia Caribenha*. Revista Brasileira de Política. Brasília, v. 50, n. 2, Dezembro. 2007. Disponível em: www.scielo.br/scielo Capturado em 26/10/ 2009.

RENALT-LESCURE, Odile; GOURY, Laurence (orgs.). *Langues de Guyane. Cultures en Guyane. Vents d'ailleurs*. IRD Editions. Marseille. France. 2009.

REIS, Rossana Rocha. *Soberania, direitos humanos e Migrações internacionais*. Revista Brasileira De Ciências Sociais - Vol. 19. n° 55. São Paulo. Junho de 2004. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acessado em 15/10/2006

RESOLUÇÃO DO CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. *sobre as medidas a adotar em matéria de luta contra os casamentos brancos*. 4 de Dezembro de 1997. Jornal Oficial nºc382 de 16/12/1997.p.001-002. Disponível em:[eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:31997Y1216\(01\):PT:HTML](http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=CELEX:31997Y1216(01):PT:HTML)

[RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém – Pará: UFPA-NAEA. 2008](#)

SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Brasil migrante, Brasil clandestino*. In: São Paulo em Perspectiva 8 (1): 107 – 115. 1994. Disponível em: www.seade.gov.br/produtos/spp/v08n01/v08n01_13.pdf capturado em: 05/08/2008.

SASAKI, Elisa Massae. *Dekasseguis: trabalhadores nipo-brasileiros no Japão*. São Paulo: Revista Travessia, 1995.

_____. *A imigração para o Japão*. In: Estudos Avançados. São Paulo, 57, Ago 2006. <http://www.scielo.br/scielo> Acessado em 20/01/2009.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

_____. A emancipação. In: BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, Sidney Antonio da. *Costurando Sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SIMMEL, George. *O Estrangeiro*. In: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983

SOARES, Weber. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. (Tese) Belo Horizonte, MG-UFMG/Cedeplar.2002.

VAIDERGORN, José. *Uma perspectiva da globalização na universidade brasileira*. Cadernos CEDES, Campinas, v.21, n.55, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26/01/2009.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América - A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOORTMANN Klaas. *A Família das Mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1987.

ANEXOS I

Avis juridique important

31997Y1216(01)

Resolução do Conselho de 4 de Dezembro de 1997 sobre as medidas a adoptar em matéria de luta contra os casamentos brancos

Jornal Oficial n° C 382 de 16/12/1997 p. 0001 - 0002

RESOLUÇÃO DO CONSELHO de 4 de Dezembro de 1997 sobre as medidas a adoptar em matéria de luta contra os casamentos brancos (97/C 382/01)

O CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA,

Tendo em conta o ponto 3 do artigo K.1 do Tratado da União Europeia,

Considerando as disposições da resolução relativa à harmonização das políticas nacionais em matéria de reagrupamento familiar (conclusões de Copenhaga de 1 de Junho de 1993);

Considerando que o direito a casar e a constituir família é reconhecido pelo artigo 12º da Convenção Europeia dos Direitos do Homem e pelo artigo 16º da Declaração Universal dos Direitos do Homem, e que o direito ao respeito pela vida familiar é reconhecido pelo artigo 8º da Convenção Europeia dos Direitos do Homem;

Registando que os casamentos brancos constituem um meio de contornar abusivamente as regras relativas à entrada e permanência de nacionais de países terceiros;

Convicto de que os Estados-membros devem adoptar, ou continuar a adoptar, medidas equivalentes para lutar contra este fenómeno;

Considerando que a presente resolução não tem por objectivo a introdução de controlos sistemáticos de todos os casamentos com nacionais de países terceiros, mas que se efectuarão verificações quando existam presunções fundamentadas;

Considerando que a presente resolução não prejudica a faculdade de os Estados-membros verificarem, antes da celebração do casamento, se se trata de um casamento branco;

Considerando que a presente resolução não prejudica o direito comunitário,

ADOPTA A PRESENTE RESOLUÇÃO:

1. Na aceção da presente resolução, por «casamento branco» entende-se o casamento de um nacional de um Estado-membro ou de um nacional de um país terceiro com residência legal num Estado-membro, com um nacional de um país terceiro, tendo por único objectivo contornar as regras relativas à entrada e permanência de nacionais de países terceiros e obter, para o nacional do país terceiro, uma autorização de estadia ou uma autorização de residência num Estado-membro.

2. Os factores que podem levar à presunção que determinado casamento é um casamento branco são, nomeadamente:

- a ausência de vida em comum,
- a ausência de contribuição adequada para os encargos decorrentes do casamento,
- o facto de os cônjuges nunca se terem encontrado antes do casamento,
- o facto de os cônjuges se enganarem sobre os dados respectivos (nome, morada, nacionalidade, emprego), sobre as circunstâncias em que se conheceram ou sobre outras informações importantes de carácter pessoal que lhes digam respeito,
- o facto de os cônjuges não falarem uma língua que seja compreendida por ambos,

Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: Uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes

- o facto de ser remetida uma quantia em dinheiro para que o casamento seja celebrado (com excepção das quantias entregues a título de dote nos casos de nacionais de países terceiros em que a entrega de um dote constitui uma prática normal),
- o facto de o passado de um ou de ambos os cônjuges revelar indicações sobre casamentos brancos anteriores ou irregularidades de residência.

Neste quadro, essas indicações podem resultar:

- de declarações dos interessados ou de terceiros,
- de informações provenientes de documentos escritos, ou
- de informações obtidas durante um inquérito.

3. No caso de existirem factores que apoiam a presunção de que se trata de um casamento branco, os Estados-membros só concederão ao nacional de um país terceiro uma autorização de estadia ou uma autorização de residência, a título do casamento, após terem mandado verificar pelas autoridades competentes, de acordo com o direito nacional, que o casamento não é um casamento branco e que se encontram preenchidas as restantes condições respeitantes à entrada e permanência. Esta verificação pode implicar uma entrevista individual com cada um dos cônjuges.

4. Quando as autoridades competentes, de acordo com o direito nacional, comprovarem que o casamento é branco, a autorização de estadia ou a autorização de residência, a título do casamento, do nacional de país terceiro será, regra geral, retirada ou anulada ou não será renovada.

5. O nacional de país terceiro terá a possibilidade de contestar ou de mandar reexaminar, de acordo com o direito nacional, seja perante uma jurisdição, seja perante uma autoridade administrativa, a decisão de recusa, retirada, anulação ou não renovação da autorização de residência ou da autorização para residir.

6. Os Estados-membros terão em conta a presente resolução em todas as propostas que visem alterar as suas legislações nacionais. Além disso, cuidarão de adaptar as respectivas legislações nacionais à presente resolução antes de 1 de Janeiro de 1999.

O Conselho analisará a aplicação da presente resolução uma vez por ano, a partir de 1 de Janeiro de 1999.